

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP

Gisele Cristina Pereira

O show do Messias neoconservador:

Moralidades religiosas antigênero e entretenimento televisivo na
construção do bolsonarismo

São Paulo

2022

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP

Gisele Cristina Pereira

O show do Messias neoconservador:

Moralidades religiosas antigênero e entretenimento televisivo na
construção do bolsonarismo

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Orientadora: Dra. Maria José Fontelas Rosado-Nunes

São Paulo

2022

Pereira , Gisele Cristina

O show do Messias neoconservador: Moralidades religiosas antigênero e entretenimento televisivo na construção do bolsonarismo. / Gisele Cristina Pereira . -- São Paulo: [s.n.], 2022.
189p. il. ; 21 cm.

Orientadora: Maria José Fontelas Rosado-Nunes.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Ciência da Religião.

1. Bolsonarismo. 2. moralidades religiosas antigênero. 3. neoconservadorismo. 4. midiatização. I. Rosado-Nunes, Maria José Fontelas. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião. III. Título.

CDD

GISELE CRISTINA PEREIRA

O show do Messias neoconservador:

Moralidades religiosas antigênero e entretenimento televisivo na
construção do bolsonarismo

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Orientadora: Dra. Maria José Fontelas Rosado Nunes

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Drª. Maria José Rosado-Nunes

Orientadora – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC- SP

Profª Drª. Flávia Millena Biroli Tokarski

Membra - Universidade de Brasília – UNB

Drª. Olívia Bandeira de Melo Carvalho

Membra – Intervenções - Coletivo Brasil de Comunicação Social

São Paulo, _____ de _____ de 2022

*Em memória de Dona Cida, Maria
Aparecida dos Santos Pereira – minha
mãe - cujos traços tatuados em meu punho
e minha alma, me inspiram e convocam a
escrita.*

O presente trabalho foi realizado com
apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES - PROSUC), processo número 88887.513066/2020-00

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um gesto de reconhecimento de que não estamos sós nas jornadas que trilhamos. Pelo caminho encontramos sempre muitos obstáculos, mas também contamos com apoio de quem caminha ao nosso lado ou nos acompanha a distância.

Essa jornada do mestrado foi constituída de muitos “nós” difíceis de desatar: a dupla jornada de trabalho, a pandemia de covid 19, o contexto político que se relaciona com meu objeto... Mas também por nós, primeira pessoa do plural, as muitas palavras que me inspiraram, muitos abraços que me acolheram, muitos afetos que me confortaram, muitos sabores que me alimentaram o corpo e alma. Assim, são muitas as pessoas a quem agradecer a finalização deste trabalho.

Não poderia chegar até aqui sem os ensinamentos fundamentais de minha família, quem primeiro me ensinou o sentido e a experiência de ser comunidade e o valor da educação. Como também pela compreensão diante das ausências, dos esquecimentos e da falta de ânimo em algumas circunstâncias.

Minha mãe que, embora não esteja mais presente em corpo, é memória viva que me acompanha e me inspira; a ela eu agradeço por ser minha primeira referência enquanto mulher e por tudo que me ensinou com sua extraordinária sabedoria.

Meu pai cujo afeto se expressa pela culinária e gestos de solidariedade, agradeço por cada refeição preparada, pelas famosas marmitinhas que me salvaram em dias de sufoco, pela alegria e conforto dos encontros, pela existência afetuosa que me sustenta.

Minha irmã, amiga e parceira, Magali, por acreditar em mim mais do que eu mesma, por todo incentivo, apoio emocional e vibração em cada mínima conquista. Por tantas ideias e sentimentos partilhados, por ser inspiração e fortaleza.

Meu irmão Rafael que com seu jeito espirituoso é um alívio para as durezas enfrentadas, agradeço pelas partilhas que tanto me ajudaram a desfazer certos nós, por me socorrer nos momentos de apuro.

Em meio a finalização da dissertação, um novo desafio precisou ser enfrentado, uma mudança de casa que me desorganizaria por completo não fosse o apoio fundamental de pessoas amadas. Agradeço, principalmente, minha querida prima-irmã Luana, que está sempre a postos para ajudar em qualquer circunstância, por me

apoiar em mais este processo. Também minha outra prima-irmã Ludmila assim como meus irmãos Rafael e Rubinho.

As primas Juliana, Cintia, Manu, tios Ademir e Jorge, Tias Dete e Estela, a família comunidade do quintal, assim como minha cunhada, demais familiares e agregados, agradeço a presença amorosa e solidária em minha vida. Meu primo Roberto, pelas conversas que me fortaleceram para continuar caminhando. Meus sobrinhos Pedro e Davi e minha sobrinha Sofia, meus pequerruchos amados, cuja simples existência me dá ânimo para seguir em frente. Obrigada pelos momentos alegres que me proporcionaram em meio as angústias da pesquisa.

Minha família afetiva, Mariele (Marry) e Artur, meus irmãos companheiros de todas as horas, agradeço pela partilha da vida, pelo amor que me dá sustento, pelas alegrias e choros compartilhados e pelos cafés reflexivos aos domingos que ajudam a me orientar teórica e politicamente. À toda família “Churumela”, em especial, as amigas Carlinha e Luciana (Lucis) que acompanharam mais de perto minhas angústias e se fizeram presença reconfortante.

Ao meu querido Dudu, amigo, conselheiro, também companheiro de todas as horas, agradeço por ser tanto em minha vida, pelos solavancos que me empurram para frente, pelo acolhimento que me ergueu quando preciso, pelos confrontos que me provocam a enfrentar medos e a acreditar que poderia vencer este e tantos outros percursos. Meu irmão Marcelo, apesar das intempéries da vida que que dificultam o encontro, se faz presente de outras maneiras. Nossas partilhas mesmo antes de ingressar no mestrado me ajudaram a escolher meus caminhos e chegar até aqui.

Minhas amigas brujas Jéssica, Keli e Samira e todo pessoal do IPJ, pelas interlocuções e apoio na caminhada.

Minhas/meus colegas e amigas/os de escola, principalmente do projeto AmarÉrico, Aline Queiroz, Alessandro, André, Fernanda Paes, Janaina, Lara, Natália, Thiago Wesley e meus queridos alunos por fazerem com que a árdua tarefa educativa se tornasse mais leve e prazerosa, também agradeço pelas partilhas sobre essa jornada acadêmica. Também a quem não está mais na escola, mas continua compartilhando a vida: Aline Araújo, Gabriela, Samuel. Agradeço particularmente minha amiga Lara, que realizou o trabalho de revisão e tradução, por sua leitura cuidadosa e sensível com meu texto e por atender a urgências dos prazos.

Minha imensa gratidão a todas as companheiras de Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) pelo apoio fundamental, sem o qual não seria possível concluir essa

etapa. De modo especial agradeço minha parceira e amiga Denise que foi esteio em momentos de desespero e incentivo nos momentos de desânimo. A querida Sandra Unbehaun, pelos preciosos conselhos e pela companhia solidária nessa jornada.

Durante a jornada do mestrado também encontrei outros caminhantes com quem pude compartilhar as angústias, dificuldades e reflexões, agradeço às queridas Bárbara e Carla e ao querido Ícaro, pela generosidade, pelos momentos de descontração que aliviavam o cansaço, pela partilha e empatia diante dos desafios. Tabata, que além de companheira de trabalho em CDD, ingressou comigo nessa jornada e pudemos nos apoiar mutuamente durante a caminhada. Agradeço por toda troca e preciosas indicações por onde melhor caminhar

A todos os professores do mestrado: Everton Maraldi, Fernando Torres-Londoño, Frank Usarski, Ênio José Brito, João Décio, Edin Abumanssur, Silas Guerriero, pela dedicação em compartilhar saberes ao mesmo tempo que se adaptavam ao ensino remoto que impôs muitos desafios a todos nós. Cada um a seu modo contribuiu para minha formação e a construção de meu caminho:

A todas as integrantes do grupo de pesquisa GREPO (Gênero, Política e Religião), as professoras Brenda Carranza e Olívia Bandeira, Manuela, Eliane, Terezinha, Tabata e Carla, pela acolhida generosa e pela experiência da pesquisa e escrita coletiva, que me ajudaram a amadurecer enquanto pesquisadora.

Às professoras Flávia Biroli e mais uma vez Olívia Bandeira, por responderem ao chamado para me orientar neste percurso por meio do exame de qualificação, que ajudou sobremaneira a redirecionar meus rumos.

A jornada do mestrado também não seria possível de sequer ser iniciada sem o passo inicial incentivado pela minha orientadora, Maria José Rosado-Nunes, querida Zeca. Agradeço por todo incentivo desde o princípio, pela confiança e generosidade com que acompanhou e orientou meus passos, por vezes cambaleantes, por ser apoio e encorajamento nos momentos oportunos, por ser calma diante de minhas ansiedades. Agradeço, particularmente, por ser a concretude dessa práxis feminista que tanto me inspira.

Por fim, agradeço o suporte emocional de minha terapeuta, Giane, que ajudou a manter meus passos firmes durante todo o percurso.

O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o indicador para cada uma de suas novas formas – a cada dia, em cada lugar do mundo.

(Umberto Eco, O Ur-Fascismo, 1995)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto a ressonância do ideário moral religioso e das ferramentas discursivas das chamadas cruzadas antigênero nos discursos de Bolsonaro, no entretenimento televisivo, entre os anos de 2013 e 2018. A suspeita que deu origem a pesquisa é de que o discurso moral religioso contra o gênero, aliado à linguagem do entretenimento, contribuiu para a formatação e composição do que hoje entendemos por Bolsonarismo. A pesquisa se insere no intercruzamento entre gênero, política e religião. Desde a Ciência da Religião e de referenciais teóricos do feminismo, buscamos compreender o papel cumprido pela moral sexual neoconservadora na constituição do Bolsonarismo e, de que forma essa moral se articula com outros componentes do bolsonarismo e com o processo de midiaticização, investigando antecedentes, contexto, articulações e dinâmicas internas de funcionamento deste fenômeno. Para isso, perseguimos a trajetória de Bolsonaro por três vias: a primeira, pelo contexto histórico e econômico que o possibilita, assim como os movimentos e atores que o conformam e antecedem; a segunda, pela sua trajetória política e sua aproximação com a agenda antigênero; a terceira, por meio da análise de seu discurso em programas de entretenimento.

Palavras-Chave: Bolsonarismo, agenda antigênero, moralidades religiosas, neoconservadorismo, midiaticização.

ABSTRACT

The present work has as its object the resonance of religious moral ideology and the discursive tools of the so-called anti-gender crusades in Bolsonaro's speeches, in television entertainment, between the years 2013 and 2018. The suspicion that gave rise to the research is that the religious moral discourse against gender, allied to the language of entertainment, contributed to the formatting and composition of what we understand today by Bolsonarism. The research is part of the intersection between gender, politics and religion. From the Science of Religion and theoretical references of feminism, we seek to understand the role played by neoconservative sexual morality in the constitution of Bolsonarism and how this moral is articulated with other components of Bolsonarism and with the mediatization process, investigating precedents, context, articulations and internal dynamics of the functioning of this phenomenon. For this, we pursue Bolsonaro's trajectory in three ways: the first, through the historical and economic context that makes it possible, as well as the movements and actors that shape and precede it; the second, for his political trajectory and his approach to the anti-gender agenda; the third, through the analysis of his speech in entertainment programs.

Keywords: Bolsonarism, anti-gender agenda, religious moralities, neoconservatism, mediatization.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I. Alguma coisa está fora da ordem. Contexto e antecedentes do bolsonarismo	22
1.1 O gênero da desordem.....	24
1.2 Cruzadas antigênero e desdemocratização.....	35
1.3 Crise, moralização das inseguranças e pavimentação do bolsonarismo.....	53
CAPÍTULO II. O ovo da serpente. Desenvolvimento e nutrição do bolsonarismo.....	67
2.1 Percurso de Bolsonaro na política. De figura folclórica a messiânica.....	67
2.2 O “Messias” de um exército conservador.....	82
2.3 Bolsonarismo como entretenimento, a produção do “mito” midiático.....	96
CAPÍTULO III. O bolsonarismo “está no ar”. A trajetória discursiva de Bolsonaro no entretenimento televisivo.....	111
3.1 O mito das telinhas. Delimitação do corpus analítico.....	112
3.2 Palcos para o bolsonarismo. Programas de entretenimento que receberam Bolsonaro entre 2013 e 2018.....	121
3.3 Agenda anti gênero na performance de entretenimento de Bolsonaro.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	182

INTRODUÇÃO

Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente, você seria fervida até a morte antes de se dar conta (Margaret Atwood, em O conto da Aia, 1985)

A reflexão que acometeu Offred ao se lembrar de pequenos detalhes da mudança silenciosa que se processava quando ainda era chamada por seu próprio nome - e não por sua atual condição de propriedade (Off+Fred= Offred, de Fred em português) - nos serve de lembrete de que o estado de coisas em que nos encontramos não surge instantaneamente.

Na ficção de Atwood não foi de repente que Gilead se constituiu, destituindo as mulheres de sua humanidade, arrancando-as de suas casas, e condicionando-as à função reprodutiva. Antes disso, um longo e quase imperceptível processo de desumanização dessas mesmas mulheres se processou.

Da mesma maneira, na História concreta da humanidade, mudanças se processam muito lentamente e, quando nos damos conta, sua aparência é de uma tão corriqueira e natural presença, que se impõe como uma espécie de “dato natural”, como se estivesse ali desde sempre.

A tarefa da investigação científica é justamente descortinar essa falsa “natureza” dos fenômenos históricos, demonstrando construções sociais que aquecem lentamente antes que se irrompa em fervura perceptível.

Diferente da ficção, não é tão simples identificar as “chamas” que aquecem um determinado fenômeno histórico. Há sempre um conjunto de fatores que o conformam e possibilitam.

O bolsonarismo é um desses fenômenos complexos, multifacetados que exigem muitos esforços de diferentes áreas do conhecimento e múltiplas percepções para melhor captar suas dimensões e particularidades; ele não se construiu sozinho ou subitamente. Processos anteriores à sua emergência como um fenômeno político, religioso e midiático já vinham se desenvolvendo há tempos.

A despeito das avaliações que se possa fazer sobre seu conteúdo e forma, sua capilaridade é inegável. O bolsonarismo conquistou grande número de adeptos, dos

mais fiéis aos mais moderados, perfazendo mais de 55% dos votos no segundo turno das eleições presidenciais e elegendo um número significativo de parlamentares no Congresso Nacional, Senado e Assembleias legislativas, Constituindo-se como uma vertente legítima nas disputas na arena democrática. Se entranhou de forma tão surpreendente na sociedade brasileira, suscitando entre pesquisadores e agentes políticos uma série de interrogações sobre as razões de seu êxito, seus antecedentes, dinâmica interna de funcionamento, coalizões etc.

De que maneira um discurso extremamente antidemocrático, abertamente entusiasta da Ditadura Civil Militar (1964-1985) e de seus métodos, marcado por preconceitos dos mais diversos, machismo, racismo e homofobia, é absorvido pela arena democrática como legitimamente parte dessa arena?

Quais seriam os fatores que contribuiriam para que a persona de Bolsonaro, representante de ideias tão avessas à pluralidade necessária à democracia, fosse acolhida como resultante dessa mesma pluralidade, como um dado “natural” dos processos democráticos? De outra parte, como explicar a surpreendente adesão ao seu discurso carregado de preconceitos, intolerâncias, racismo, machismo, xenofobia?

Tendo tomado a centralidade que tomou a religião nas eleições presidenciais de 2018, é também importante interrogar o papel desempenhado pelas expressões religiosas explícitas e implícitas na construção desse fenômeno. Como o discurso moral religioso, que era um elemento periférico da política institucional nas últimas décadas, passa a ganhar a importância que manifestou já no pleito de 2014, e a centralidade que adquiriu em 2018?

Muitas questões ainda restam por serem formuladas nesse campo, e o trabalho aqui proposto, longe da pretensão de respondê-las, visa contribuir com o levantamento de algumas delas. Este trabalho se insere assim, em um conjunto de esforços por entender como chegamos no atual estado de coisas e as materializações históricas que o possibilitaram.

Uma das questões que nos motivaram para este trabalho é justamente a contribuição da agenda moral religiosa cristã na conformação do bolsonarismo. De que maneira as cruzadas antigênero se combinam com a linguagem do entretenimento, favorecendo a popularização da figura de Bolsonaro e aceitação de seu discurso? Quais são as razões pelas quais é no projeto político e econômico de

Bolsonaro que esses elementos vão se encadear de maneira tão particular e exitosa? Qual é a importância da afirmação desses valores para um projeto político-econômico como é o bolsonarismo?

Análises desde o próprio campo da esquerda entenderam a agenda moral conservadora incorporada ao bolsonarismo como uma “cortina de fumaça” para pautas estruturais e centrais, aquelas relacionadas diretamente à agenda econômica, como a privatização, reforma da previdência e trabalhista e a anulação da demarcação de terras indígenas. Contudo, é justamente a agenda moral que vem pautando a arena política há pelo menos uma década, mobilizando um ativismo conservador (VAGGIONE, 2018) e conformando plataformas políticas.

A hipótese principal que deu origem à esta pesquisa é de que há um forte apelo moral religioso que estrutura o discurso e prática bolsonarista, assim como seu caráter reativo a mudanças no plano cultural, em especial, a maior visibilidade de demandas por direitos sexuais e reprodutivos, como o reconhecimento legal da identidade de gênero, o casamento civil igualitário e a legalização do aborto.

Os enunciados de Bolsonaro carregam essa característica reativa ao gênero se posicionando justamente contra situações concretas de avanço de direitos. Seu destaque como um moralista defensor de valores tradicionais se deu em 2011 quando se contrapôs ao Programa Brasil sem Homofobia - apelidado por ele de “kit-gay” - do então Ministro da Educação Fernando Haddad.

Outra hipótese que levantamos é de que existe uma relação intrínseca entre a agenda moral-religiosa conservadora e a política econômica bolsonarista cuja base é o neoliberalismo. Como sustentam alguns pesquisadores que se debruçam sobre o entendimento deste fenômeno, as agendas morais e econômicas formam um todo homogêneo intrínseco ao projeto bolsonarista (KALIL 2018, 2019; BULGARELLI, 2010), não sendo possível pensar um sem o outro. Esses dois segmentos, o cultural e o econômico, também contribuíram de forma articulada para o contexto que tornou o bolsonarismo possível.

No intuito de contribuir com algumas pistas para essas interrogações e suspeitas, nos propusemos a investigar a ressonância da agenda moral antigênero no discurso de Bolsonaro, analisando sua participação em programas de entretenimento televisivo e seu processo de aproximação com essa agenda.

Contudo, não é possível perceber todos esses elementos olhando apenas para o discurso em si, ou seja, apenas para o fenômeno aparente, é preciso analisar todo o contexto em que se deu esse reacionar dos conservadorismos com forte expressão na arena pública. Nos alinhamos com perspectivas de análise que considerem não apenas os cenários particulares, mas também aquilo que os unifica em termos estruturais e relativos a processos históricos mais longos.

Conforme íamos avançando no levantamento bibliográfico e material empírico, sentimos a necessidade de acrescentar um recorte temporal que pudesse expressar o contexto político, econômico e social-religioso em que os discursos se deram e, assim, proporcionando uma análise mais ampla e concreta possível. Sem, contudo, ter a pretensão de esgotar todos os fatores e possibilidades de análise.

Optamos pela análise de um recorte temporal que contemplasse o período de crescimento da visibilidade de Bolsonaro e a incorporação em seus discursos de elementos que se tornaram centrais em sua plataforma e atual governo. Este período também é ainda pouco explorado em pesquisas a respeito do bolsonarismo que, em sua maioria, centram-se no período eleitoral ou imediatamente anterior.

Queremos contribuir para compreender mais do que o sucesso nas eleições, como e por quais razões o bolsonarismo se construiu e se tornou possível. Por isso nosso foco não é no momento eleitoral em si, mas em todo processo em que Bolsonaro começou a despontar como uma alternativa de fato viável para a direita brasileira.

O período histórico que delimita a pesquisa trata justamente do período que antecede o desfecho da campanha eleitoral das eleições gerais de 2018. Iniciando em 2013, quando ocorre uma “virada hegemônica”, como afirma Joanildo Burity e, finalizando com Bolsonaro levando esse projeto político-econômico e moral-religioso até a presidência da República.

O contexto histórico e genealogia do neoconservadorismo até a formulação do bolsonarismo, nos são de fundamental importância aqui, assim como a produção intelectual de pesquisadoras/es que têm se debruçado ao entendimento e caracterização deste fenômeno.

Estamos fazendo um recorte não apenas cronológico e geográfico, mas também daquilo que entendemos ser relevante nesses contextos, e essa escolha implica na delimitação do horizonte teórico metodológico em que se busca inserir a

pesquisa, trazendo a contribuição de teóricas feministas para esse entendimento. Não se trata de uma narrativa da sucessão de fatos que culminam no estado atual, mas antes, da problematização e análise de determinados elementos que no nosso entender são fundamentais para explicar o atual estado das coisas.

Buscamos identificar os vínculos entre a narrativa religiosa do conservadorismo cristão - que naturaliza e justifica as desigualdades entre os sexos e impõe um destino biológico no campo da sexualidade e da reprodução - e o projeto político econômico neoliberal que se sustenta, não exclusivamente, mas também, sobre essas desigualdades de gênero e as opressões delas resultantes no discurso bolsonarista.

Muito se tem falado dos meios/ canais de divulgação da mensagem bolsonarista - redes sociais, aplicativos de mensagem instantânea - como explicação para o sucesso de adesão à ela, mas ainda pouco se tem debatido sobre a mensagem que Bolsonaro capitaliza e sua relação com raízes profundas da formação histórica brasileira e processos transnacionais.

Não nos deteremos nos meios que Bolsonaro utiliza para fazer propaganda de si mesmo, mas no conteúdo que mobiliza ao fazê-lo, e, de que maneira esse conteúdo está conectado com o contexto político-econômico. Sem deixar de reconhecer, contudo, a importância de tais meios.

A escolha dos programas de TV como material empírico se deu ao longo da pesquisa. Buscamos a princípio identificar elementos constituintes da moral cristã conservadora nos discursos de Bolsonaro sem uma delimitação do material empírico. Nos dedicamos a uma busca mais ampla de palavras-chave associadas ao nome de Jair Bolsonaro: gay, homossexual, homossexualismo (sic), “ideologia de gênero”, “Kit gay”, no seu canal do Youtube.

O universo ainda era muito amplo. Encontramos desde discursos oficiais realizados no Congresso em seus mandatos no período correspondente, até entrevistas e vídeos próprios produzidos para divulgação nessa plataforma e replicação em redes sociais digitais e aplicativos de mensagem.

Nos chamou a atenção a quantidade e diversidade de programas de TV que Bolsonaro havia participado no recorte temporal estabelecido. Dentre programas de variedades, entrevistas em noticiários, talk shows, reportagens especiais e documentários, nos intrigou principalmente os programas de entretenimento, por fugirem à lógica de aparições públicas de políticos. Seleccionamos então esses

programas, incluindo as entrevistas em programas de variedades e talk shows. Embora a entrevista seja parte integrante do jornalismo, ao serem inseridas em programas cujo foco principal é o divertimento e o humor, consideramo-las como parte do entretenimento.

Uma vez definido os discursos em programas televisivos, estes passam a ser incorporados na análise, não apenas como veículo de um discurso alheio, mas como também portador de discurso próprio que se interrelaciona, dialoga com o emissor em questão. Mesmo não nos aprofundando nesta análise específica dos programas e do fenômeno da midiatização, alguns elementos são importantes para entender o contexto dos discursos de Bolsonaro.

Daí surgem outras questões: de que forma a agenda mobilizada pelas cruzadas antigênero e que se expressam no bolsonarismo se combinam com a linguagem do entretenimento? De que maneira essa combinação contribui para a difusão e construção do bolsonarismo?

Temos assim, a imbricação de diferentes elementos na constituição de nosso objeto, sendo necessário nos ampararmos em uma abordagem interdisciplinar que possibilite a interlocução das dimensões de gênero, religião, política, economia e mídia. Partindo da Ciência da Religião e de referenciais teóricos do feminismo, trazemos como problemática central o papel cumprido pela agenda antigênero, assentada na moral cristã, na constituição do bolsonarismo e de que forma ela se articula com a linguagem de entretenimento, buscando contribuir para a compreensão desse fenômeno.

A análise do discurso que nos propomos a desenvolver, engloba, portanto, não apenas a forma como o discurso se apresenta, suas lógicas e conexões internas, mas também a relação que estabelece com o contexto no qual ele se dá, seus antecedentes e referências. Nosso esforço é por situar o discurso de Bolsonaro no conjunto das relações sociais do período anterior às eleições gerais de 2018 e não como uma realidade independente, que possa ser entendida por si só. De outra parte, nos toca também compreender como os elementos desse contexto são mobilizados por meio do discurso, bem como os propósitos que são possíveis de apreender por meio dele.

Para isso, organizamos a pesquisa em três capítulos, sendo o primeiro dedicado a apresentar o contexto histórico, levando em conta aspectos econômicos,

políticos e religiosos, tendo como marco inicial o ano de 2013 e as categorias mobilizadas pelo discurso bolsonarista que constituem um de seus alicerces.

Buscamos aqui estabelecer a relação dos fatores que possibilitam o bolsonarismo com as estruturas do capitalismo em um contexto histórico, social e econômico particular, onde o bolsonarismo se desenvolve e consegue se estabelecer como uma expressão política com capilaridade suficiente para disputar a hegemonia com outras expressões já consolidadas.

Buscamos identificar neste contexto, fatos e processos que ajudam a elucidar suas relações com a expressão política nomeada como bolsonarismo, para assim compreender como se deu seu desenvolvimento e os elementos que o tornaram um projeto viável para o Brasil neste momento em particular. Percorreremos elementos religiosos estruturantes das cruzadas antigênero e sua defesa de uma ordem - moral, religiosa, econômica e social constituída - evidenciando sua relação com o processo de desdemocratização no mundo todo e a pavimentação do bolsonarismo.

Após termos situado o objeto dentro de um contexto mais amplo e os elementos estruturantes de seu discurso, passamos no segundo capítulo, a analisar a trajetória política de Bolsonaro, destacando sua aproximação com a agenda moral religiosa e sua construção enquanto figura midiática por meio do entretenimento televisivo.

Neste capítulo nos dedicamos a percorrer os caminhos que levaram Bolsonaro, com suas três décadas de vida pública, a se constituir como personificação de uma nova expressão política e representante dos valores morais religiosos, uma espécie de “Messias” antigênero.

O terceiro e último capítulo é destinado à análise propriamente dita, dos discursos selecionados de Bolsonaro, buscando trazer os elementos trabalhados durante os capítulos anteriores para a composição dessa análise. Neste capítulo buscamos percorrer a trajetória discursiva de Bolsonaro em programas de entretenimento televisivo para observar de que maneira esses elementos morais religiosos aparecem e se articulam com outros elementos presentes em seu discurso, e quais são as categorias e estratégias que ele mobiliza.

Optamos por não trazer neste momento uma trajetória cronológica, mas temática, evidenciando pautas específicas da agenda antigênero mobilizadas por Bolsonaro, em diferentes programas que participou.

CAPÍTULO I. Alguma coisa está fora da ordem. Contexto e antecedentes do bolsonarismo

*Aqui tudo parece
Que era ainda construção
E já é ruína
Tudo é menino, menina
No olho da rua*
(Caetano Veloso, Fora da ordem, 1991)

Em 28 de outubro de 2018 era eleito como 38º presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, um capitão reformado do exército reconhecido por sua defesa de direitos corporativos de militares e policiais, e pelo saudosismo da Ditadura Civil Militar (1964-1985) a qual não reconhece enquanto tal, mas como uma “revolução” que pôs fim à suposta ameaça comunista no Brasil e, segundo suas próprias palavras, “matou pouco”.

Paradoxalmente um franco opositor aos princípios e regras democráticas, defensor declarado da tortura, avesso aos direitos humanos, em especial a diversidade sexual, igualdade de gênero e direitos das populações negra e indígena, chegava à cadeira presidencial pelas vias democráticas.

Processos semelhantes ocorreram na América Latina no mesmo período. Por essa razão, 2018 é definido por Marta Lagos como “*annus horribilis*” para a América Latina que teve governos de direita eleitos também na Costa Rica, Colômbia e México.

[...] se inicia com eleições na Costa Rica, Paraguai, Venezuela, Colômbia, México e culmina com a eleição de Jair Messias Bolsonaro no Brasil, esse último acontecimento que condensa na América Latina a ascensão mundial do autoritarismo por vias democráticas (LAGOS, 2018, p. 06)

Alguma coisa - ou seria tudo? - parecia estar fora da ordem. Enquanto ainda se acreditava estar em construção de uma recente e frágil democracia, buscando livrá-la da condição de “lamentável mal-entendido” como classificou certa vez o historiador Sérgio Buarque de Holanda, já vivíamos a ruína de um ciclo democrático curto e incompleto. A vitória de Bolsonaro não era o prenúncio desta ruína, mas parte dela.

Ao largo de pelo menos uma década, o bolsonarismo enquanto expressão política de parte da direita, vinha se construindo sobre essas ruínas da democracia e das condições materiais de existência, assim como contribuindo com ela.

Neste contexto, movimentos por igualdade de gênero, direitos da população negra, indígena, LGBTQIA+¹ e defensores dos direitos humanos eram identificados como subversores da ordem, esta que remetia a um passado não muito distante onde valores morais, família e autoridade eram respeitadas.

Por essa razão, iniciamos nossa análise não a partir das características aparentes do bolsonarismo, seu modo de operar e suas conexões imediatas, mas das estruturas e contextos que o conformam e possibilitam. Assim, antes de adentrarmos ao desenvolvimento do bolsonarismo propriamente dito, voltamos nosso olhar neste primeiro capítulo para o contexto histórico no qual vemos ganhar força o discurso moral religioso contrário ao gênero que se tornará um de seus alicerces.

Mais do que apresentar um “pano de fundo”, nosso esforço é por retroceder histórica e conceitualmente aos antecedentes do bolsonarismo, compreendendo-o a partir de um contexto histórico e processos mais longos dos quais é resultante. Procuramos lançar luzes sobre como as moralidades religiosas se articulam com a defesa de uma ordem social que se estrutura a partir de desigualdades de classe, raça e gênero, assim como as expressões específicas que assume neste contexto particular, atravessado por uma crise multidimensional.

A compreensão do sistema capitalista em suas características estruturais, mas também conjunturais, é assim fundamental para o entendimento da correlação de forças que envolvem diferentes atores, bem como as razões pelas quais se constituem como agentes reconhecidos e legitimados neste contexto.

¹ A sigla se refere respectivamente a: Lésbicas, Gays, Bissexuais; Trans, Queer, Intersex, Assexuais e outras orientações e identidades possíveis simbolizadas pelo sinal +.

1.1 O gênero da desordem

Antes de nos determos no gênero enquanto antítese de uma ordem moral e social, cabe entendermos que ordem é essa a se preservar ou retomar, e o porquê do gênero se apresentar estruturalmente como seu contraditório.

Por capitalismo assumimos as definições da teórica feminista italiana Cinzia Aruzza, que entende esse sistema “não como um conjunto de leis puramente econômicas, mas antes como uma complexa e articulada ordem social, uma ordem que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação”. (2015, p.38).

O capitalismo não é um Moloch, um Deus escondido, um marionetista ou uma máquina: é uma totalidade viva de relações sociais. Nela, encontramos relações de poder conectadas a gênero, orientação sexual, raça, nacionalidade, e religião, e todas estão a serviço da acumulação de capital e sua reprodução, ainda que frequentemente de formas variadas, imprevisíveis e contraditórias. (ARUZZA, 2015, p.48)

Quando falamos em capitalismo, estamos nos referindo, portanto, a todo esse conjunto de relações sociais que envolve a exploração econômica aliada às opressões de gênero e raça. Da mesma forma, quando falamos em crise, consideramos que ela se dá não apenas na esfera econômica no sentido estrito, mas também política, social e moral.

Como aponta Cinzia Aruzza, o feminismo desenvolveu categorias cruciais para entender a opressão de gênero e de raça dentro do sistema capitalista como parte de sua estrutura e dinâmica, desvelando a conexão entre essas diferentes relações de opressão e exploração, tanto na produção quanto na reprodução da vida.

Essa compreensão da tendência estrutural do capitalismo à desigualdade de gênero e raça é encontrada em teóricas feministas desde a década de 1960 (Angela Davis, Heleieth Saffioti entre outras), mas sua profusão nos estudos sobre gênero é relativamente recente.

Teóricas feministas da contemporaneidade têm empreendido esforços em demonstrar a importância da reprodução social como esfera intrínseca da exploração capitalista e a divisão sexual do trabalho como componente estruturante fundamental desse sistema.

Nessa divisão, tanto a esfera da produção quanto da reprodução da existência é organizada a partir de marcadores sócio biológicos de gênero. A esfera reprodutiva - que diz respeito ao cuidado com crianças, idosos e doentes; alimentação; limpeza e organização do ambiente doméstico como um todo - é atribuída às mulheres como continuidade à capacidade biológica de reprodução.

A biologização do gênero que naturaliza e atribui vontade divina aos supostos papéis sociais a serem desenvolvidos por homens e mulheres contribui para a intensificação e legitimação da divisão sexual do trabalho que confina as mulheres à esfera reprodutiva. (GALZERANO, 2021, p. 92)

Mesmo as atividades dessa esfera quando remuneradas são realizadas em sua maioria por mulheres e constituem atividades dentre as mais precarizadas e mal remuneradas, como empregadas domésticas, faxineiras, cozinheiras e babás. Há ainda o componente racial que se conjuga com o gênero e a classe impondo às mulheres negras uma carga opressiva ainda maior.

Sobre a importância da consideração da divisão sexual como elemento constituinte das relações sociais de gênero e as representações dela decorrentes, Biroli, em seu livro *Gênero e Desigualdades*, enfatiza que

A divisão sexual do trabalho tem caráter estruturante [...]. Ela não é expressão das escolhas de mulheres e homens, mas constitui estruturas que são ativadas pela responsabilização desigual de umas e outros pelo trabalho doméstico, definindo condições favoráveis à sua reprodução. [...]

Por isso entendo que a divisão sexual do trabalho é produtora de gênero, ainda que não o seja isoladamente. Ela compõe as dinâmicas que dão forma à dualidade feminino-masculino, ao mesmo tempo que posiciona as mulheres diferente e desigualmente segundo classe e raça. (BIROLI, 2018, p. 44)

Apesar de sua importância como elemento constituinte das relações sociais de gênero e suas representações simbólicas, onde se incluem as formulações religiosas, a divisão sexual do trabalho e as produções de gênero dela decorrentes, ainda são pouco consideradas nos estudos das ciências sociais, políticas e da religião.

Como destaca Biroli na referida obra, “a maior parte dos estudos sobre a divisão sexual do trabalho está concentrada na área da Sociologia [...], enquanto o tema é praticamente ausente na Ciência Política.” (2018, p.27).

No campo da Ciência da Religião, mesmo os debates sobre gênero, sem considerar a divisão sexual do trabalho, vêm sendo absorvidos muito lentamente. Como assevera Rosado-Nunes, ainda “poucos estudos sobre religiões levam em conta questões de gênero, tal como as pesquisas sobre gênero, pouca intergeração estabelecem com as ciências da religião”. (2015b, p.292).

Sandra Duarte de Souza, em seu trabalho sobre a relação entre religião e gênero, também indica essa ausência das abordagens de gênero nos estudos sobre religião, e, de outra parte, sua importância para a compreensão dos sistemas socioculturais.

[...] poucos são os trabalhos que se debruçam sobre a discussão da relação entre gênero e religião. A religião é sistema simbólico, e, portanto, sistema cultural. Discutir religião é discutir sistemas de sentido, é discutir cultura, transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de representações, de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades. (SOUZA, 2008, p. 3)

Neste campo de intersecção entre diferentes esferas (social, econômica, política, religiosa) e a perspectiva de gênero, destacamos aqui os trabalhos das já citadas Flávia Biroli, Maria José Rosado-Nunes e Sandra Duarte, além de Brenda Carranza e Maria das Dores Campos Machado, que ajudam a elucidar os vínculos entre um projeto conservador do ponto de vista moral e religioso com um modelo de organização social, econômica e política coerente com seus valores e estrutura.

Os estudos e conceitos desenvolvidos pela historiadora Silvia Federici também nos são cruciais para compreender essas conexões, destacando como “[...] o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e ao sexismo” (2017, p.37).

Ainda que situando seu campo de análise em período e espaço distantes dos que nos interessa aqui, suas constatações nos auxiliam na compreensão das relações entre a moral religiosa que busca a naturalização de relações sociais de opressão e a materialidade constituinte dessa forma de expressão também na contemporaneidade.

O capitalismo precisa justificar e mistificar as contradições incrustadas em suas relações sociais – a promessa de liberdade frente à realidade

da coação generalizada e a promessa de prosperidade frente à realidade de penúria generalizada – difamando a “natureza” daqueles a quem explora: mulheres, súditos coloniais, descendentes de escravos africanos, imigrantes deslocados pela globalização. (FEDERICI, 2017, p. 37)

A religião enquanto produtora de sentidos, ocupa lugar destacado na elaboração dessas justificativas e mistificações que servem à manutenção de determinada ordem social. Ao mesmo tempo que também legitima a si própria e a estrutura de poder sobre a qual está organizada.

Ao abordar as conexões entre a *cosmopercepção*² católica enquanto substrato ideológico para justificar, naturalizar e velar os horrores da caça às bruxas e sua relação com a divisão sexual do trabalho que passa a se estabelecer, Federici nos fornece um importante referencial para compreender como operam os mecanismos ideológicos em sua relação dialética com a produção e reprodução social da vida.

A Igreja Católica forneceu o arcabouço metafísico e ideológico para a caça às bruxas e estimulou sua perseguição, da mesma forma que anteriormente havia estimulado a perseguição aos hereges. Sem a Inquisição, sem as numerosas bulas papais que exortavam as autoridades seculares a procurar e castigar as “bruxas” e, sobretudo, sem os séculos de campanhas misóginas da Igreja contra as mulheres, a caça às bruxas não teria sido possível. (FEDERICI, 2017, p. 302)

Contudo, enquanto Federici aborda a passagem do sistema feudal para o modo de produção capitalista em uma sociedade que, embora permeada por disputas religiosas, era organizada sob ordenamento do catolicismo, em nosso campo de análise – o Brasil da última década – este universo simbólico é atravessado pela diversidade de credos e denominações religiosas, conflitos e disputas de narrativas, fiéis e influência nos espaços de poder seculares.

Mesmo dentro do catolicismo que figurou por mais de três séculos como religião oficial e atrelada ao poder secular, as narrativas e experiências religiosas são múltiplas e permeadas por conflitos. Inclusive o campo católico conservador que se apresenta como a única e verdadeira forma de entender e vivenciar o catolicismo não escapa a essa diversidade.

² Cosmopercepção é um conceito criado no contexto das abordagens do Sul que ampliam a noção de cosmovisão para incorporar outros sentidos e elementos que compõe nossa percepção e experiência existencial, incluindo a subjetividade e corporeidade. O termo não é utilizado por Sílvia Federici.

O catolicismo que doravante mencionamos é aquele que se apresenta como discurso oficial desde uma institucionalidade que comporta as doutrinas, hierarquia, dogmas e ordenamento. Este conjunto compreendido como institucionalidade católica se assenta no poder patriarcal e a partir dele constrói sua teologia.

A narrativa católica contra o gênero, naturaliza a divisão de papéis sociais historicamente constituídos como desígnio divino, contribuindo para a perpetuação dessa divisão e as desigualdades e opressões dela resultantes que, por sua vez, contribui para a manutenção de sua própria ordem institucional.

[...] a categoria gênero desenvolvida por acadêmicas feministas e adotada como linguagem de política pública global pelas agências internacionais é vista pela Igreja Católica e segmentos pentecostais como um recurso ideológico que é pernicioso para a ordem social. (MACHADO, 2018, p.13)

Ainda com todas essas ressalvas, este catolicismo institucional continua oferecendo uma produção discursiva sobre a sexualidade, a reprodução e papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres, na composição deste capital simbólico contra o gênero que vai ser incorporado por outras denominações cristãs, tanto quanto para a arena política institucional.

Em artigo intitulado: “Fim de uma ordem: natureza, lei divina, feminismo” (2019), Brenda Carranza e Maria José Rosado-Nunes analisam que o “gênero questiona a categoria natureza humana, perante a tradição cristã em geral, e no catolicismo em particular” e como o “léxico epistemológico [católico] sobre a natureza adquire conotações políticas, desaguando nas campanhas antigênero.” (CARRANZA; ROSADO-NUNES, 2019, p. 938).

Encapsulado em complexas/compreensões, o gênero transborda a materialidade biológica dos corpos, na sua anatomia, hormônios, cromossomos. Ou em compreensões que enfatizam as dimensões científicas do sexo para logo as reduzir a funções reprodutivas que passam a ser enaltecidas social e religiosamente como a razão e o sentido único de vida das mulheres e dos homens, mesmo que o preço a pagar implique em negar direitos. Sentido religioso, virtude social e função reprodutiva fusionadas correm para inexoráveis imperativos de maternidade, paternidade, heteronormatividade e seus correlatos (CARRANZA; ROSADO-NUNES, 2019, pp. 937-938)

Sobre essa contradição fundamental entre direitos sexuais e reprodutivos com o ideário conservador católico, Rosado-Nunes salienta em outro texto que

Para a Igreja, a fragilização do modelo tradicional de família sobre o qual se assenta o edifício mais que milenar de sua institucionalidade soa como o alarme que anuncia a sua própria fragilização. A manutenção do dispositivo familiar tal qual ela ajudou a modelar é crucial para a instituição. Diante do avanço dos ideais democráticos de sociedades que se regulam pelo contrato entre indivíduos livres, a Igreja investe na defesa da moralidade social, política e individual. (ROSADO-NUNES, 2015, p. 1254)

Rogério Diniz Junqueira também se ocupa em decifrar esse léxico católico na construção do discurso a respeito do gênero e, em identificar como a concepção do gênero enquanto fruto de relações sociais historicamente localizadas, entra em contradição com o ideário moral católico e com a estrutura sob a qual está organizada, assim como uma ordem social e moral. Junqueira define como estratégia central do discurso antigênero, a renaturalização dessas ordens.

Ora, cada ordem social estabelecida empenha-se para que suas assimetrias e arbitrariedades históricas sejam percebidas como ordenamentos naturais, e continuem a ser impostas e perpetuadas como legítimas, necessárias, imutáveis ou inevitáveis. De fato, uma das estratégias ideológicas centrais do discurso antigênero é renaturalizar a ordem social, moral e sexual tradicional e apontar como antinaturais crenças, ideias ou atitudes que contrariem essa ordem, bem como rechaçar a contribuição das Ciências Sociais para a compreensão dos processos sociais, históricos e culturais de construção da realidade. (JUNQUEIRA, 2019, s/p)

Como afirmam José Manuel Morán Faúndes e María Angélica Peñas Defago, “o vaticano se constituiu em um ator global chave de oposição às políticas feministas e LGBTTI+” (2020, p. 243). Contudo, desde a década de 1990, quando as Conferências da ONU sobre População e Desenvolvimento (Cairo – 1994) e Conferência da Mulher (Pequim – 1995) incluíram os direitos sexuais e direitos reprodutivos no marco dos Direitos Humanos e a categoria gênero começou a incorporar os estudos e movimentos feministas, investiu sistematicamente na elaboração de argumentos contra o que denominou como “ideologia³” ou “teoria de

³ Nos documentos oficiais da Igreja Católica é possível encontrar tanto ideologia quanto teoria de gênero. Por vezes também se utiliza o termo em inglês *gender*. Nas pesquisas realizadas pelo GREPO uma das hipóteses levantadas foi de que a utilização do termo em inglês tem a finalidade de reforçar o caráter exógeno que se queria conferir aos estudos de gênero, algo não nativo e por associação, não natural.

gênero”, constructo no qual estariam resumidas ameaças à família e à ordem social e religiosa.

A incorporação do termo “gênero” nos textos finais dessas conferências da ONU é considerada uma ameaça, pois amplia a compreensão da identidade sexual, que pode assim, ser adaptada indefinidamente a fins novos e distintos. O que está em questão nesse pensamento católico são as consequências da desconstrução realizada pelas teorias de gênero da ideia da natureza como um absoluto, para os conceitos tradicionais de sexo e de família. (ROSADO-NUNES, 2015 p.1239)

A pesquisadora Gabriela Arguedas Ramirez em suas análises sobre as políticas antigênero na América Latina, igualmente retoma a origem do termo “ideologia de gênero” na década de 1990 e ressalta o papel que a Igreja Católica desempenha nesta arena política, ainda que sejam os evangélicos os mais visíveis e vocativos atualmente.

Para começar, em nossos contextos não é possível pensar o Estado e o político sem considerar a profunda imbricação colonial e pós-colonial entre o religioso – antes a Igreja Católica – e as estruturas de poder laico, ainda que a politização contemporânea do evangelicalismo pode parecer proeminente. (RAMIREZ, 2020, p. 08, tradução nossa)

Ramirez ainda nos oferece em seu texto uma proposta conceitual a respeito de como “[a ideologia de gênero] faz parte do neointegrismo católico e seu lugar dentro da aliança política entre os grupos de poder econômico de natureza neoliberal, fundamentalismo religioso e neointegrismo católico.” (2020, p. 11).

Sônia Corrêa (2018, p. 08) também resgata a história da construção de uma política antigênero “fabricada pelo Vaticano e seus aliados no contexto das conferências das Nações Unidas dos anos 1990 e começo dos anos 2000”. Destacando que

há várias discrepâncias quanto à cronologia de gestação dos ataques ao gênero. Predomina a versão de que os ataques a gênero se deram no processo da CMM, mas há quem identifique a IV Conferência do Cairo ou a ECO 92 como sendo o momento inicial dessa saga. (CORRÊA, 2018, p. 03)

Correa também ressalta que à época das Conferências de Cairo (1994) e Pequim (1995) o conceito de gênero era ainda difuso entre as próprias feministas,

entendido muito mais relativo às relações entre homens e mulheres e menos às múltiplas questões que envolvem a sexualidade.

Contudo, embora o gênero não houvesse sido o alvo principal do Vaticano naquele momento – que se ocupava muito mais da oposição ao reconhecimento do aborto como questão de saúde e das diferentes conformações familiares – foi ele quem convocou uma volumosa produção intelectual católica que dará substrato à cruzada contra o gênero. Como afirma Junqueira,

Conforme tal entendimento, em reação às discussões ocorridas para a aprovação dos documentos da Conferência Internacional sobre População, no Cairo (ONU, 1994), e da Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim (ONU, 1995), o Vaticano convocou dezenas de especialistas para pôr em marcha uma “contraofensiva” com vistas a reafirmar a doutrina católica e reiterar a naturalização da ordem social e moral. (JUNQUEIRA, 2018, p. 463)

Dentre especialistas que responderam a esse chamado do Vaticano, se destaca Dale O’Leary, uma “conferencista autodidata e ensaísta estadunidense, convertida ao catolicismo em idade adulta e membro da Opus Dei desde os anos 1980” (JUNQUEIRA, 2018, p. 265).

Em sua principal obra *The Gender Agenda: Redefining Equality* de 1997, a ensaísta apresentou seu testemunho sobre as conferências da ONU das quais participou, “revelando” o que, segundo sua perspectiva, estaria nos planos de feministas ao proporem a perspectiva de gênero nos documentos finais.

Os objetivos dessas feministas seriam “abolir a natureza humana” e impedir a principal missão da mulher na esfera educativo-cuidadora. Disso, resultaria a “agenda de gênero”, cuja meta seria construir um mundo com menos pessoas, mais prazer sexual, sem diferenças entre homens e mulheres e sem mães em tempo integral. Para tanto seria preciso garantir acesso gratuito à contracepção e ao aborto, estimular a homossexualidade (“sexo sem bebês”), oferecer uma educação sexual a crianças e jovens que incentive a experimentação sexual, abolir o direito dos pais de educar seus filhos, instituir a paridade entre homens e mulheres no mundo do trabalho, inserir todas elas no mercado de trabalho (“retirá-las do lar”) e desacreditar as religiões que se oponham a esse projeto (JUNQUEIRA, 2018, pp. 265-266)

As formulações de O’Leary são importantes ferramentas das cruzadas antigênero, sendo referenciadas por seus combatentes no mundo todo até hoje. A partir delas é possível identificar o eixo central da argumentação antigênero: o

entendimento deste como promotor de uma desordem à *natureza* humana e a ordem social proveniente desta.

Outra importante produção católica que forneceu ferramentas à cruzada contra o gênero, foi o “*Lexicon: Termos Ambíguos e Discutidos Sobre Família, Vida e Questões Éticas*”, elaborado desde o Pontifício Conselho para a Família, presidido à época pelo Cardeal Alfonso López Trujillo.

O Lexicon tinha como objetivo oferecer explicações desde o ponto de vista católico para conceitos considerados ambíguos, surgidos, justamente no contexto das conferências de Cairo (1994) e Beijin. Contudo, em suas mais de 900 páginas, não aborda os conceitos a partir da teologia *estrito sensu*, mas de argumentos desde a antropologia, bioética, direito, filosofia e medicina.

Ao ser lançada sua primeira versão em italiano, em 2002, o Cardeal Trujillo o apresentou da seguinte maneira:

Esperamos que este Lexicon possa representar um instrumento útil para a nobre e urgente causa familiar e da vida. Temos consciência de que o campo dos equívocos é grande e, quem sabe, uma próxima edição poderia ser enriquecida com novos termos. Neste esforço de esclarecer a ambiguidade através de uma **profunda pesquisa da verdade, deixamo-nos guiar pela razão e iluminar pela fé**, em total obediência ao Magistério. Assim o leitor encontrará, como esperamos, os conteúdos genuínos e os objetivos que fazem parte da proclamação do evangelho “sine glossa”. (TRUJILLO apud MOREIRA 2015, s/p, grifo nosso).

Dentre os “termos ambíguos” estão feminismo, homossexualidade, direito sexual e direitos reprodutivos, “ideologia de gênero”, entre outros relativos à sexualidade e reprodução. No verbete “Controle dos nascimentos e implosão demográfica” assinado por Michel Shooyans, a família heterossexual e monogâmica aparece sob ameaça de destruição pelas demandas de reconhecimento de outras conformações familiares. Os argumentos se sustentam não na mitologia do gênesis, mas no campo dos Direitos Humanos, relacionando a ameaça à família com o controle da natalidade. Diz o Lexicon sobre *família e liberdade*:

A família é o local por excelência onde o homem nasce para a liberdade. Aqui também todas as instâncias, públicas e particulares, que se empenham nos programas de controle dos nascimentos devem chegar a pôr-se novamente questões essenciais. Virando as costas à Declaração de 1948, que, nos seus artigos 12, 16, 23 e 25,

reconhece e protege a família, demasiadas agências se esforçam para que sejam admitidos, segundo dizem, os “novos modelos de família”, famílias mono-parentais ou homossexuais, por exemplo. Todas essas propostas têm como objetivo destruir a família, que é heterossexual e monogâmica. A destruição da família é um meio eficaz para fazer baixar a natalidade. (SCHOOYANS, 2011, p. 159)

Joseph Ratzinger, seja como cardeal prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé durante 24 anos (de novembro de 1981 à 2 de abril de 2005) ou como papa Bento XVI (de 19 de abril de 2005 à 28 de fevereiro de 2013) foi quem mais contribuiu desde o Vaticano com a robusta produção intelectual católica contra o gênero.

Em *O sal da terra: o cristianismo e a igreja católica no limiar do terceiro milénio; um diálogo com Peter Seewald* (1996). Ratzinger afirma ser o gênero uma “insurreição do homem contra seus limites biológicos”. As reivindicações e conquistas históricas de movimentos feministas e LGBTI+ são apresentadas pelo então Cardeal como subversões anti-naturais.

Na condição de prefeito da Consagração para a Doutrina da Fé, Ratzinger também assina o documento: *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*, outro marco importante da produção discursiva antigênero. No documento, vemos expressa a compreensão do que chama de “intuição” feminina voltada à dedicação para o outro.

Entre os valores fundamentais relacionados com a vida concreta da mulher, existe o que se chama a sua «capacidade para o outro». Não obstante o facto de um certo discurso feminista reivindicar as exigências «para ela mesma», a mulher conserva a intuição profunda de que o melhor da sua vida é feito de atividades orientadas para o despertar do outro, para o seu crescimento, a sua proteção. Uma tal intuição é ligada à sua capacidade física de dar a vida. Vivida ou potencial, essa capacidade é uma realidade que estrutura em profundidade a personalidade feminina. Permite-lhe alcançar muito cedo a maturidade, sentido da gravidade da vida e das responsabilidades que a mesma implica. (VATICANO, 2004, s/p)

Da mesma maneira que no Lexicon, argumentos provenientes das ciências seculares são utilizados para justificar a ideia de natureza, trazendo neste caso o dado biológico como determinante de uma vocação feminina para gestação e o cuidado. Ao analisar o discurso do Papa Bento XVI, Ramirez destaca que ele oferece

[...] ferramentas retóricas para ir ao debate político, em defesa de uma verdade moral que será apresentada com a aura de universalidade e racionalidade, que lhes permita avançar e conquistar adeptos, de forma mais eficaz do que citar a Bíblia ou a doutrina da Igreja. (RAMIREZ, 2020, p. 24)

Esse processo é definido por Vaggione como secularismo estratégico, que consiste em um deslocamento da narrativa religiosa para estratégias discursivas seculares científicas e legais (VAGGIONE, 2005, p. 07). O secularismo estratégico é o que vai permitir a penetração de argumentos provindos do religioso, mas não apresentados como tal, na arena política e ordenamento público.

Tal investida contra o gênero não se encerra em Bento XVI, também no pontificado de seu sucessor, Francisco I, o combate à “ideologia de gênero”⁴ continuou imperativo. Francisco assume o Trono de Pedro em 2013, não após a morte de seu antecessor, mas de sua renúncia, circunstância raríssima na história da Igreja Católica. Naquele momento a Cúria Romana se encontrava envolta em escândalos de corrupção e pedofilia.

Sob o pontificado de Francisco recaíam expectativas de mudanças no interior da Igreja Católica e abertura àquelas que se processam no mundo secular. Francisco chegava com a promessa de ser um papa que atuasse de modo mais profético e pastoral e menos voltado para a política interna da Cúria Romana.

Os anseios de renovação dentro da Igreja, sem dúvida foram atendidos em termos de seu discurso e ação pastoral voltada para problemáticas sociais como as migrações. No que se refere à sexualidade, gênero e reprodução, porém, não houve avanços efetivos no entendimento institucional da Igreja Católica. Francisco continuou afirmando a “ideologia de gênero” como um mal contra os valores cristãos e a família.

O familismo, uma das bases do ideário católico, se mostrou assim a barreira intransponível ao reconhecimento de direitos sexuais e reprodutivos.

Autonomia reprodutiva e direitos sexuais deslocam sentidos e hierarquias que organizam a ordem patriarcal na modernidade como a santificação da maternidade e a definição da reprodução como o fim único da união conjugal entre dois adultos, formando a família como

⁴ O GREPO – Grupo de Pesquisa Gênero e Religião do qual fazemos parte tem se dedicado a uma pesquisa coletiva sobre a forma particular que assume o neoconservadorismo nos discursos do Papa Francisco I e do Padre Paulo Ricardo, sob a mesmo sintagma, “ideologia de gênero”. O período é significativo também porque dialoga com as descobertas do GREPO até aqui.

célula básica da sociedade. (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p.20)

A caracterização da “ideologia de gênero” como inimigo a ser combatido, por suas forças destruidoras contra a família, e a convocação para verdadeiras cruzadas contra ele, converte o discurso católico em ativismo concreto, por meio de amplas campanhas pelas redes sociais, canais do YouTube e mesmo o ativismo de rua e incidência junto a política institucional.

1.2 Cruzadas antigênero e desdemocratização

Rogério Diniz Junqueira (2018) utiliza o termo “cruzadas” para designar esse conjunto de ferramentas e táticas que compõe o ativismo conservador contra o conceito de gênero, que adquiriu contornos de uma guerra política ideológica empreendida pelo catolicismo - tanto enquanto instituição oficial quanto por grupos organizados de leigos conservadores – e por setores conservadores do evangelismo pentecostal e neopentecostal.

Uma cruzada é ao mesmo tempo, um empreendimento religioso e militar. Nessa perspectiva, não se reconhece a legitimidade de seus oponentes, estes são tidos não como adversários no espectro político e religioso, mas como inimigos e tal qual devem ser eliminados.

A analogia com uma cruzada - termo utilizado também como autodesignação das ações de grupos da própria direita católica - é, portanto, propícia, uma vez que estes novos “cruzados” acreditam travar uma guerra justa contra infiéis, sendo estes últimos todos aqueles que não se enquadram ou questionam padrões morais de comportamento.

Catalisador de uma agenda familista, antigênero e antidireitos sexuais e reprodutivos, o dispositivo “ideologia de gênero” forneceu um capital simbólico que incluía a identificação de inimigo, a caracterização da ameaça que ele representava e os meios necessários para combatê-lo.

Toda essa construção fundamentalmente católica da “ideologia de gênero” como o mal, o perverso, o imoral, contrário à ordem natural, é em si uma das principais

armas dessa cruzada empreendida contra o gênero que será travada também pelo evangelismo pentecostal conservador.

Poderemos observar no campo evangélico, a mesma preocupação e defesa de uma ordem que estaria sob ameaça, como constata Mariano e Gerardi:

O ativismo político evangélico conservador tende a avançar na América Latina. Sua atuação nas eleições presidenciais revela o intento de restaurar uma ordem moral e social tradicional tida sob ataque de forças malignas. Suas lutas antigênero e antipluralista reproduzem repertórios morais e batalhas políticas da direita cristã e também do Vaticano, como a noção de “ideologia de gênero”, arma ideológica que se tornou onipresente nos pleitos e disputas parlamentares na região. (MARIANO; GERARDI, 2019, pp. 73-74)

Tanto na origem do termo “ideologia de gênero” quanto no início do período estudado, em especial o ano de 2014, há uma prevalência do discurso católico, que, como aponta Rogério Diniz Junqueira (2018, p.452), cumpriu “papel protagonista de primeira hora na gênese do sintagma”. Porém, essa produção discursiva católica que sustenta o ativismo antigênero, encontrará no campo evangélico, predominantemente neopentecostal, assimilação e incorporação à política institucional. Como aponta Joanildo Burity:

Na conjuntura pós-eleições presidenciais de 2014, a desenvoltura e o protagonismo com que o bloco pentecostal hegemônico (“os evangélicos” / a “bancada evangélica”) se moveu entre o legislativo e o Executivo e mobilizou a “sociedade civil” e a indústria cultural” evangélica em seu favor projetaram esse ator de forma notável no cenário político que se foi conformando até o desfecho no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a formação do governo do ex-presidente Michel Temer. (BURITY, 2018, p. 17)

Nesse sentido são importantes tanto as origens católicas das formulações teóricas contra o gênero, de modo a não eclipsar (TONIOL, 2021) o papel do catolicismo, quanto o que Joanildo Burity (2018) define como a via político eleitoral dos evangélicos pentecostais, que foi vitoriosa em termos táticos.

Se o catolicismo forneceu ferramentas teóricas para a cruzada moral contra o gênero e pautas relativas à sexualidade e reprodução em geral, como vimos

anteriormente, é no segmento evangélico conservador⁵ que encontramos a linha de frente dessas cruzadas, um exército que se apresenta mais vocativo e visível.

“Os evangélicos”, nome para uma aliança intrarreligiosa de protestantes conservadores capitaneada por líderes pentecostais, optaram por uma estratégia de *representação eleitoral autônoma* (“corporativa”) que, pelo seu sucesso, foi redefinindo paulatinamente em termos de uma pretensão a *tornarem-se governo*, participando *como tais* (ou seja, como grupo religioso) em negociações de coalizões, ocupando diferentes partidos e procurando controlá-los [...] Mesmo onde se tratou de trajetórias individuais (como Eduardo Cunha do PMDB), essa “vocação hegemônica” não deixou de fazer-se sentir na construção da Frente Parlamentar Evangélica e na indicação de nomes na formação de chapas para eleições majoritárias (cargos executivos em todos os níveis do governo e ao Senado Federal). (BURITY, 2018, p. 36)

Essa aliança tática de setores católicos e evangélicos em torno da agenda moral religiosa cristã, também chamada “ecumenismo conservador” (Vaggione, se mostrou tão eficiente quanto peculiar.

Não esqueçamos que, para os católicos conservadores, a única fé verdadeira é professada pela Igreja Católica. Demais vertentes do cristianismo são consideradas desviantes dessa revelação - “Fora da Igreja não há salvação”. E, ainda que tolerados no combate ao inimigo, não são aceitos como iguais. Dessa compreensão resulta a rejeição ao ecumenismo. O que torna a aliança entre católicos e evangélicos conservadores ainda mais curiosa.

Mesmo sob risco de ampliar demais o olhar, colocando em uma mesma chave vertentes específicas do catolicismo e do evangelismo neopentecostal e deixando de lado suas especificidades de discurso e atuação, queremos considerar aqui pontos de convergência que os agregam em um mesmo campo de batalha.

Essas cruzadas antigênero foram fundamentais para trazer ao debate público a oposição a políticas de reparação de desigualdades de gênero, tendo de um lado as ferramentas discursivas fornecidas pela narrativa institucional católica e, de outro, o ativismo conservador de grupos de leigos religiosos católicos ou evangélicos.

⁵ O segmento evangélico é extremamente amplo e diverso, não queremos aqui incorrer no equívoco de generalizar ou mesmo concentrar em uma única vertente o conservadorismo, por isso ao nos referirmos ao segmento evangélico o fazemos seguido do adjetivo conservadores, incorporando assim, tanto pentecostais, quanto neopentecostais que compartilham dessa visão de mundo. Não se trata, portanto, de todos os evangélicos.

Assim, de maneira contingente, no âmbito das batalhas por hegemonia, o sintagma [ideologia de gênero] pode atrair e aglutinar diversas demandas políticas, articular atores distintos, ensejar instrumentalizações e revestir os discursos de aparente coerência, especialmente (e não apenas) entre agremiações de direita populista ou nacionalista. (JUNQUEIRA, 2018, p. 460).

Expressas em discursos e práticas de incidências de grupos alinhados com essa perspectiva, as cruzadas forneceram elementos para a composição de um ambiente ideal para se desenvolver o bolsonarismo. Servindo ainda como catapulta para candidaturas de direita e ultradireita no Brasil. Mesmo no centro e na esquerda do espectro político este dispositivo funcionou como instrumento de pressão para a dissolução de plataformas favoráveis neste campo.

Neste sentido, interessam menos as disputas inter-religiosas dos diferentes grupos e mais a aproximação entre eles, quanto ao conteúdo moral conservador que serve de substrato para o projeto de poder que culmina no bolsonarismo. Como refletimos em outro texto com Olívia Bandeira,

[...] a união de católicos e evangélicos em algumas pautas nos últimos anos, ainda utilizando a retórica anticomunista, entre outras, faz parte da base que permitiu a chegada ao poder do bolsonarismo e a manutenção de um governo que se apresenta como representante de Deus e protetor do que vem sendo chamado de 'Nação Cristã' (ROSADO; BANDEIRA; PEREIRA, p. 19, 2021)

Essa oposição às políticas reparatórias e aos Direitos Humanos de modo mais amplo, se relacionam, por sua vez com o que vem sendo chamado de “desdemocratização”, compreendida como um processo de enfraquecimento da democracia que se dá “[...] não como rupturas drásticas (golpe), mas instituições que são minadas interiormente ora com a retirada de dispositivos jurídicos ora com práticas caluniosas travestidas de argumento.” (TEIXEIRA e CARRANZA, 2021).

No livro *Gênero, Neoconservadorismo e Democracia* (BIROLI; MACHADO, VAGGIONE, 2020), Biroli suscita importantes interrogações sobre as relações entre o processo de erosão das democracias em diferentes partes do mundo e as cruzadas antigênero.

De que modo a erosão das democracias, que vem sendo definida como um processo de desdemocratização, se conecta com as reações neoconservadoras à igualdade de gênero e à diversidade sexual? Como explicar o fato de que, em diversas partes do mundo, lideranças de extrema direita ou descritas como populistas tragam para o centro de sua agenda a cruzada contra a 'ideologia de gênero'? (BIROLI, 2020, p. 136)

Biroli chama ainda a atenção para o fato de que a “maioria dos diagnósticos dessas tendências e seus efeitos nos regimes atuais *não* inclui o fato de que as reações contra o gênero são uma característica comum dos processos de erosão das democracias.” (BIROLI, 2020, p. 137).

Em *A reação contra o gênero e a democracia* (2019), a pesquisadora também aborda como além da naturalização de múltiplas violências e do próprio extermínio físico, a incidência religiosa no cerceamento de direitos e garantias fundamentais corroem a democracia, ao ferir um dos princípios basilares do Estado Democrático de Direito, que é a laicidade.

Mas as campanhas contra o gênero vão além de se beneficiar de uma tendência existente: elas também contribuem para limitar as democracias, na medida em que colocam em xeque as garantias para minorias, direitos individuais, o princípio da laicidade e, sobretudo, a igualdade como valor de referência. (BIROLI, 2019, p.77)

Ao serem apontados como inimigos sob uma égide moral religiosa, grupos historicamente vulnerabilizados, como mulheres, LGBTQIA+, são limitados em sua cidadania, o que lhes confere maior desproteção quanto as opressões que lhes são imputadas.

Outro processo diretamente relacionado a este, é a ascensão de lideranças com perfil autoritário, localizadas à direita e extrema direita a ocupar espaços de poder e decisão em diversos países tanto ao Norte quando ao Sul Global.

Também o bolsonarismo carrega tanto características reativas a transformações culturais, quanto esse aspecto transnacional. Como afirma o historiador Daniel Aarão Reis, “o bolsonarismo, em seus aspectos essenciais, não é um fenômeno apenas brasileiro. Insere-se em um contexto internacional de reação a mutações percebidas como ameaças mortais a tradições, valores e costumes.” (REIS, 2020, p. 01)

Ao mesmo tempo, os enquadramentos dos protestos contra o gênero apontam para o controle sobre os corpos, enquanto contam uma história das inseguranças dos indivíduos e da precariedade dos laços. O risco estaria numa desordem moral, que ameaçaria a autoridade paterna, a infância e as tradições. Dessa forma, são mobilizados para construir apoio popular à censura, à restrição de direitos individuais e à oposição a pactos coletivos para a educação das crianças. Podem servir, ainda, para legitimar a violência contra minorias. A moralização das incertezas se torna, assim, um componente político central dos processos de restrição democrática e da ascensão de lideranças autoritárias e de extrema-direita. (BIROLI, 2019, p. 87)

Birolí destaca, dentre outros processos semelhantes na Europa, o caso da Polônia, onde

[...] há evidências das conexões entre os protestos que tomaram as ruas entre 2012 e 2014 e os processos de desdemocratização em curso. A campanha contra o gênero colaborou para a vitória da direita em 2015, quando algumas de suas lideranças passaram a fazer parte do governo. A cruzada contra o gênero teria sido lá o prelúdio do autoritarismo, justificando o desmantelamento das instituições democráticas, com o ataque a organizações de pesquisa e movimentos sociais. (BIROLI, 2019, p.80)

No mesmo período, a década de 2010, veremos despontar em diversos países da América Latina processos semelhantes, com movimentos conservadores trazendo para a centralidade da arena política questões morais relativas, sobretudo, à sexualidade e reprodução, que impactaram diretamente os processos no âmbito político institucional.

Guardadas as particularidades de suas conjunturas nacionais, essas cruzadas contra o gênero aproximam esses processos em termos de agenda e danos causados às democracias.

[...] nos anos 2010, o impacto político das ações contra o gênero ultrapassou o escopo das disputas em torno de legislação e de políticas públicas específicas, sendo notado em diferentes processos na região, como o acordo de paz entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) em 2016, as eleições da Costa Rica e no Brasil em 2018 e, neste mesmo ano, a oposição à paridade de gênero na participação política do Paraguai. (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 14)

Como Vaggione, dentre outras/os, vem pontuando há quase duas décadas, esses movimentos religiosos conservadores possuem caráter reativo às mudanças provocadas a pretensa “ordem”, a partir dos questionamentos e mobilizações dos movimentos feministas e LGBTQIA+.

São "reativas" no sentido de que seu surgimento e funcionamento se justifica como defesa de uma ordem tradicional ameaçada pelo feminismo e pelo movimento das minorias sexuais. Diante do pluralismo e da relativização, a igreja e as organizações religiosas são as defensoras de uma ordem tradicional e natural baseada na família. (VAGGIONE, 2005, p. 07, tradução nossa)

A esses processos, podemos ainda acrescentar a *Ola celeste* na Argentina, que se contrapunha ao movimento feminista pela legalização do aborto, caracterizado como *Ola Verde*; a campanha *Con mis hijos no te metas*, iniciada no Peru em 2016 que tinha como cerne a luta contra a “ideologia de gênero” no currículo escolar do país e a Frente Nacional pela Família no México, uma articulação de vários movimentos conservadores contra a regulamentação do matrimônio igualitário proposta pelo presidente Enrique Peña Nieto, também em 2016.

Além da coincidência cronológica, a década de 2010, esses movimentos possuíam conteúdo e estratégias próximas. Muitas dessas estratégias, inclusive, se davam em uma articulação transnacional, como constatado por diversas pesquisas realizadas na região (CORREIA *et al*, 2020; FAUNDES e DEFAGO, 2020; VAGGIONE, entre outras).

Espelhando o escopo milenar de presença e ação da Igreja Católica, a cruzada contra o gênero foi, desde sempre, transnacional. Gestada nas altas esferas das arenas intergovernamentais e da elaboração teológica, ela hoje se manifesta em todo mundo, mas com especial intensidade na Europa e na América Latina. (CORRÊA, 2018, p. 12)

A transnacionalidade é uma das dimensões identificadas por Biroli, Machado e Vaggione no que vem se definindo como “neoconservadorismo”.

No Brasil, uma das principais batalhas das cruzadas contra o gênero se deu em 2014, no marco das discussões em torno no Plano Nacional de Educação (PNE).

O PNE começou a ser discutido em 2010, quando deveria ser aprovado para vigorar pelos dez anos seguintes, porém a discussão ficara estagnada. Estávamos no último ano do segundo mandato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e em meio a um cenário de agitação política por conta das eleições gerais.

Naquele momento, embora não com a mesma virulência de 2014, a oposição à inclusão da meta de igualdade de gênero já se fazia presente, o que impediu o avanço das discussões e aprovação do plano.

Em outubro daquele ano era eleita Dilma Rousseff, a primeira mulher a presidir o Brasil, cujo pleito foi marcado por forte pressão de grupos religiosos, dentre eles parte da institucionalidade católica. Um exemplo dessa incidência institucional foi a carta divulgada em julho de 2010 pela regional Sul-1 da CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), onde se apelava explicitamente aos católicos para não votarem em Dilma Rousseff, por sua suposta posição favorável ao aborto.

Intitulada “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, a carta afirmava que a “Igreja não se posiciona nem faz campanha a favor de nenhum partido ou candidato”, porém ressalta que é dever da mesma zelar pelo que “é de Deus”, assim,

Quando acontece essa usurpação ou manipulação é dever da Igreja intervir convidando a não votar em partido ou candidato que torne perigosa a liberdade religiosa e de consciência ou desrespeito à vida humana e aos valores da família, pois tudo isso é de Deus e não de César (CNBB, 2010)

Somada às 2,1 milhões de cópias impressas sob encomenda da Diocese de Guarulhos, a divulgação da carta contou com a circulação em blogs e sites católicos e ganhou notoriedade na grande imprensa.

Em meados de outubro, após o primeiro turno, a campanha de Rousseff emitiu comunicado no qual a candidata se dizia pessoalmente contrária ao aborto e se comprometia a não tomar “a iniciativa de propor alterações de pontos que tratem da legislação do aborto e de outros temas concernentes à família e à livre expressão de qualquer religião no País”. (ROUSSEFF, 2010). A carta ainda classificava como caluniosas as afirmações de sua posição favorável ao aborto.

Note-se que já se encontra o conteúdo moral religioso referente à família “natural”, oposição a legalização do aborto, assim como a defesa do próprio ordenamento católico sob a égide de “liberdade de expressão”, mas não vemos ainda o termo “ideologia de gênero” conectado a ele.

Em 2011, primeiro ano de seu mandato, Rousseff também enfrentou a oposição da bancada religiosa do Congresso, levando-a a vetar a circulação do material Escola sem Homofobia, fruto do programa Brasil sem Homofobia lançado em 2004 pelo

governo de Lula. O projeto tinha como objetivo combater as violências e preconceitos contra a população LGBT.⁶

O material apelidado como “*kit gay*” por Jair Bolsonaro, foi amplamente explorado pelo mesmo e outros políticos conservadores em suas campanhas e posicionamentos públicos.

Ainda sem utilizar o termo “ideologia de gênero”, os conteúdos morais que lhe são subjacentes são mais uma vez mobilizados. Nas eleições presidenciais de 2018 veremos Bolsonaro utilizar explicitamente o termo atrelado ao material, fazendo uma associação retroativa àquilo que combatia desde 2011.

A discussão do PNE volta à baila então em 2014, novamente ano eleitoral, ainda mais conturbado que o anterior. Em 2014 foi eleito o Congresso mais conservador desde a ditadura militar, o que denota a atmosfera política que vigorou nas discussões em torno do plano.

Além das discussões sobre maior investimento do governo no financiamento do ensino público pela destinação de verbas com uma porcentagem significativa dos recursos de fundos públicos - para a educação e outras, a inclusão da referência às desigualdades de gênero e à diversidade ocuparam o centro da polêmica (ROSADO-NUNES, 2015, p. 1241)

A retomada das discussões do PNE se deu em meio a um processo de reativação das direitas, quando o termo “ideologia de gênero” passa a figurar no léxico discursivo de religiosos, movimentos e parlamentares conservadores.

Ativistas contrários à inclusão de gênero e dos direitos LGBT presentes à sessão da Comissão especial sobre o PNE, da Câmara dos Deputados que apreciou e votou o projeto de lei, portavam cartazes de explícito repúdio à “ideologia de gênero”. Alguns deles diziam: “Gênero não!” ou “Não à ideologia de gênero!”. (ROSADO-NUNES, 2015, p. 1243)

Desde a institucionalidade católica brasileira, também teremos importantes manifestações contrárias a inserção da meta de igualdade de gênero no Plano Nacional de Educação. O cardeal do Rio de Janeiro, Dom Orani Tempesta, expressa em seu texto *Reflexões sobre a “ideologia de gênero”*⁷ de 2014:

⁶ Na época em que o programa foi lançado a sigla não englobava ainda as letras “I” (Intersexuais), “Q” (Queer) e o sinal “+” que indica outras possibilidades não nomeadas.

⁷ Disponível em: <http://argrio.org/formacao/detalhes/386/reflexoes-sobre-a-ideologia-de-genero>. Acesso em 09 maio de 2021.

A “revolucionária” ideologia de gênero vem tentando se implantar no Brasil por meio de grandes esforços do poder reinante ou dominante. Diante desta situação, incumbe-nos, enquanto brasileiros e cristãos, saber o que é essa ideologia muito comentada, mas pouco definida, quais são suas raízes, como ela se impõe, que objetivos tem e qual deve ser a nossa posição frente a ela. (CNBB, 2014)

Rosado Nunes define o texto do cardeal como uma “espécie de paradigma, condensando os argumentos que expressam a lógica institucional no tratamento de duas questões cruciais para ela: a sexualidade e a concepção de natureza humana” (ROSADO-NUNES, 2015, p. 1244).

A preocupação expressa por D. Orani evidencia as relações subjacentes entre valores morais religiosos e regulação das relações sociais e identidades relativas ao gênero como já demonstrado. No mesmo texto, o cardeal faz um chamado aos católicos para a missão de combater publicamente a “ideologia de gênero” alertando sobre seus perigos e estratégias:

Certo é que não basta só confiar nessa força sobrenatural da Igreja, é preciso fazer a nossa parte conhecendo e apresentando ao público a verdadeira face da ideologia de gênero escondida atrás de uma fantasia carnavalesca. Olha-nos sorridente para conquistar-nos. Uma vez conseguido seu intento, fecha sua carranca e **ataca-nos impiedosamente para destruir a vida, a família e os valores sociais alicerçados na lei natural moral que ensina a fazer o bem e evitar o mal.** Todavia, quem se julgar livre para defender os valores naturais e cristãos pode ser duramente perseguido, moral e fisicamente, como já se faz, ainda que um tanto veladamente, em não poucos países. A classificação de “retrógrado” e outros nomes é muito comum na verbalização e condenação daqueles que conseguem refletir sobre esses fatos. (CNBB, 2014, grifo nosso)

O texto foi replicado em diversos blogs católicos, dentre eles o Blog O Povo. De acordo com este blog, o texto seria fruto da reunião plenária da União dos Juristas Católicos do Rio de Janeiro (UJUCARJ), evidenciando a atuação de atores do campo jurídico nessa cruzada. Outras associações de juristas não menos importantes são a UJUCASP (União dos Juristas Católicos de São Paulo) e a ANAJURE (Associação de Juristas Evangélicos).

Na mesma postagem, *O Povo* compartilhou conteúdo do Blog do Padre Paulo Ricardo e a tática de envio de mensagens e ligações para parlamentares

pressionando pela retirada do termo gênero do Plano. O texto compartilhava ainda contatos telefônicos e e-mails, uma lista que incluía parlamentares do PT, PMDB, PSDB, PV, PSB, PTB e DEM.

É absolutamente necessário que você ligue para a lista de onze parlamentares abaixo e solicite que na votação do PL, no próximo dia 26 de março, seja mantida no artigo 2º do projeto, a redação aprovada no Senado. **Por favor, escreva este pedido numa única mensagem, c/c oculta, para todos os deputados integrantes da lista e também para as lideranças dos partidos, cujos e-mails encontram-se no final deste texto.** (O Povo, 2014, grifo do autor)

No ano seguinte ao PNE ser aprovado sem a meta de igualdade de gênero, foi a vez dos estados e municípios aprovarem seus respectivos planos. Neste contexto, em meados de 2015, a CNBB emitiu uma nota oficial “sobre a inclusão da ideologia de gênero nos Planos de Educação”.

O pressuposto antropológico de uma visão integral do ser humano, fundamentada nos valores humanos e éticos, identidade histórica do povo brasileiro, é que deve nortear os Planos de Educação. A ideologia de gênero vai no caminho oposto e desconstrói o conceito de família, que tem seu fundamento na união estável entre homem e mulher. A introdução dessa ideologia na prática pedagógica das escolas trará consequências desastrosas para a vida das crianças e das famílias. (CNBB, 2015)

A produção contra o gênero vai muito além de textos e da esfera institucional católica. Plataformas como o Youtube, por exemplo, foram outra importante arena e estratégia das cruzadas contra o gênero. Assim como as redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, como *WhatsApp* e *Telegram*.

Desde padres e pastores à políticos e ativistas conservadores, essas multiplataformas possibilitaram a difusão da agenda moral antigênero por meio de uma linguagem menos formal, mais acessível e até descontraída, verdadeiras performances midiáticas. (BANDEIRA, 2020).

Padre Paulo Ricardo é um dos expoentes dessas grandes performances midiáticas, cujo cerne é a cruzada moral cristã contra o gênero. Dentre muitos dos

vídeos em seu canal do YouTube sobre “ideologia de gênero”⁸, encontramos um de 2015⁹, justamente no contexto de votação dos Planos Municipais de Educação.



Figura 1. Print de vídeo do Canal do YouTube do Pe. Paulo Ricardo publicado em 2015

No vídeo, o padre lembra da “grande luta para excluir a palavra gênero e a ideologia de gênero do Plano Nacional de Educação” no ano anterior. Luta que caracterizou como “de toda sociedade brasileira”, mencionando múltiplos atores que se engajaram nessa batalha: padres, pastores, bispos, deputados, senadores e fiéis a quem o padre se dirige.

Com auxílio de uma lousa ao fundo - onde se vê projetada imagem com duas mãos, uma rosa com o símbolo do feminino e outra azul com o símbolo do masculino - o padre assume um tom professoral explicando o que significa “ideologia de gênero”.

Um dos relatórios do Observatório de Sexualidade e Política (SPW), *Propagação dos termos “ideologia de gênero e “aborto” nas mídias digitais religiosas*, de autoria de Carla de Castro Gomes, traz um levantamento da propagação dos dois termos e as possíveis relações entre eles tanto nas mídias religiosas (católicas e evangélicas) quanto em jornais de grande circulação no Brasil. Também identifica as principais páginas de Facebook sobre os temas.

A autora identificou uma circulação de notícias entre os sites, inclusive de sites católicos para evangélicos, o que demonstra mais uma vez a aliança em torno da agenda moral religiosa.

As análises de Gomes mostraram que a partir de 2013 houve um aumento significativo nas notícias sobre “ideologia de gênero”. Esse aumento, segundo a autora, pode estar relacionado à Resolução do Conselho Nacional de Justiça sobre

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mmRtQ4tHSug&t=122s>.

⁹ Não há especificação da data exata no vídeo, apenas conseguimos localizar o ano.

casamento homoafetivo. Este aumento “é ainda mais acentuado entre 2014 e 2015, quando, além da segunda candidatura de Dilma, há um intenso debate sobre o Plano Nacional de Educação”. (GOMES, 2020, p. 10).

Outra importante constatação de Gomes diz respeito às conexões que as notícias analisadas fazem entre o termo “ideologia de gênero” e outras pautas da agenda moral e, para além delas, com a pauta antiesquerda e antipetismo.

É bastante comum que as notícias sobre “ideologia de gênero” mencionem também outros termos como: pedofilia, aborto, homossexualidade/ homossexualismo, casamento gay, adoção por homossexuais, transgêneros/ transexuais, transição de gênero, drogas, fim da família, PT/ petismo, esquerda/ esquerdismo, comunismo, ONU, entre outras. (GOMES, 2020, p. 08)

Em média, os sites evangélicos foram os que mais publicaram conteúdo sobre “ideologia de gênero”, embora tenham sido os católicos os precursores. Há que se considerar ainda que muitos dos conteúdos publicados em sites católicos eram replicados em sites evangélicos, como observado anteriormente.

Figuram entre os sites de maior profusão de notícias sobre “ideologia de gênero”, o site do instituto católico Plínio Correia de Oliveira (IPCO). O instituto tem como inspiração o fundador do movimento ultraconservador católico Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição Família e Propriedade, conhecido como TFP em 1960. Fundado em 2006 por membros fundadores da antiga TFP, o IPCO ocupa o casarão situado no bairro Higienópolis, em São Paulo, que também foi sede da TFP em seu auge.

No site¹⁰ do IPCO encontramos a referência a Plínio Corrêa de Oliveira como “O Cruzado do Século XX”, uma qualificação que teria sido feita por “um grande intelectual italiano” cujo nome não é citado. Dentre as finalidades do Instituto, destacam-se:

- Dar continuidade a seu vasto trabalho de mobilização da sociedade civil, com vistas a preservar os pilares básicos da Civilização Cristã ameaçados pela Revolução anti-cristã.
- Dar formação à juventude em nome das verdades da Fé católica e dos princípios expostos em seus livros, artigos, e manifestos que ultrapassam 3 mil títulos. (site IPCO)

¹⁰ Disponível em: <https://ipco.org.br/quem-somos/> Acesso em 03 mai. 2022.

Para combater a ameaça contra a “Civilização Cristã”, a principal atividade pública promovida pelo instituto são as caravanas, também nomeadas como “cruzadas pela família”.

Na seção do site: “o que são as caravanas”, o IPCO demonstra uma certa desconfiança em relação aos meios de comunicação, vendo nesses uma “indisfarçável presença de agentes de infiltração socialistas e comunistas”. Por isso a preferência

pela ação direta sobre o “homem da rua”. Os sócios e cooperadores do IPCO, além de proclamarem slogans e pequenos discursos lógicos e concludentes, se apoiam na força dos símbolos, que atraem e conquistam a atenção e a simpatia do público: becas e altaneiros estandartes dourados com a efígie de seu fundador. (site IPCO)

A fim de combater a “ideologia de gênero” nos planos municipais e estaduais de Educação, foram organizadas caravanas para participar das audiências públicas por todo o Brasil. Pudemos acompanhar algumas das audiências em São Paulo, em 2015. Em sua maioria jovens, todos homens, trajavam ternos com uma espécie de estola dourada com o brasão do instituto, portavam cartazes e o estandarte dourado. Dentre os cartazes mais comuns, chamava a atenção um que pedia aos motoristas que buzinassem em favor do casamento “como Deus fez” ou “contra a ideologia de gênero”

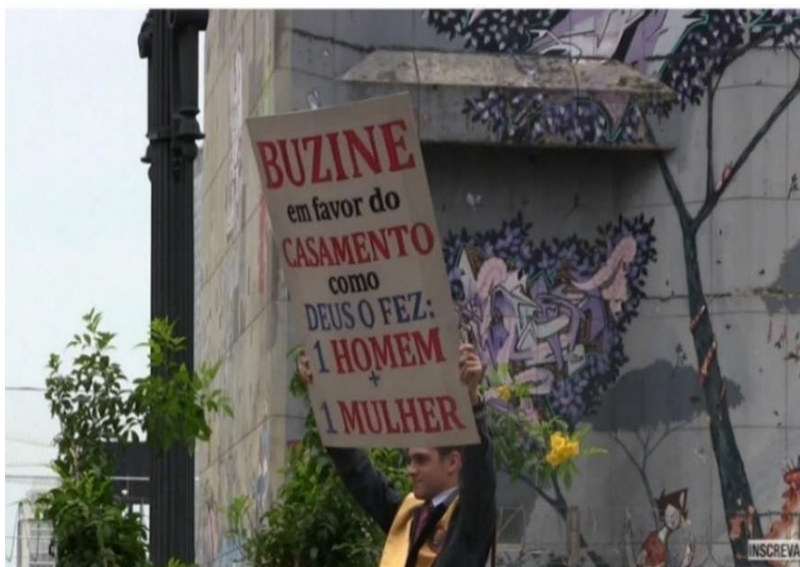


Figura 2. Print de vídeo do site do IPCO publicado em 31 de agosto de 2015

Apesar dessa desconfiança em relação aos meios de comunicação, o instituto também faz uso desses recursos. Os jovens apresentavam-se munidos de câmeras e filmadoras transformando as caravanas em material audiovisual para o site, canal do YouTube e redes sociais.

Associado ao dispositivo “ideologia de gênero”, o pânico moral será outra ferramenta ou “arma” utilizada pelas cruzadas antigênero por diferentes atores. Como afirma Gomes,

O sujeito moral por excelência da cruzada conservadora contra a “ideologia de gênero” é a “criança”. A imagem da “criança” é sempre mobilizada nos discursos conservadores sobre “ideologia de gênero”: a criança pensada como produto da natureza, livre de valores culturais; que compreende as regras “naturais” do sexo e é capaz de agir e produzir sentidos a partir delas, mas que nada sabe, nem deve saber sobre as “complexidades sociais” do gênero, uma criança “inocente”. (GOMES, 2020, p. 26)

Como constatado pelo mapeamento, o campo legislativo está diretamente relacionado com essa produção midiática, ocorrendo uma retroalimentação entre a esfera midiática e a política institucional. Enquanto as produções de sites de nicho cristão ou imprensa comum forneciam conteúdo para as falas públicas de políticos, estas por sua vez, se tornavam conteúdo desses veículos e múltiplas plataformas midiáticas. Nas eleições presidenciais, essa interrelação ficará ainda mais forte e evidente.

Finalmente, as eleições de 2018 foram outro palco privilegiado de disputas em torno da noção de “ideologia de gênero”. Jair Bolsonaro (do Partido Social Liberal - PSL) construiu uma campanha que teve na “ideologia de gênero” um de seus principais dispositivos morais. Diversos candidatos a governador, senador, deputado estadual e deputado federal também fizeram do combate à “ideologia de gênero” uma de suas principais plataformas políticas. **O termo está presente em quase todas as reportagens de ambos os jornais sobre as eleições, como se fosse impossível falar de eleições sem falar de “ideologia de gênero.** (GOMES, 2020, p. 25, grifo nosso)

Outro importante movimento das cruzadas antigênero foi o “Escola sem Partido”. Criado em 2004 como um movimento que se apresentava contra a “doutrinação marxista” nas escolas, incorporou a “ideologia de gênero” como sua principal bandeira de luta, colando-a ao antiesquerdismo e anticomunismo.

No Escola sem partido, a cruzada contra a chamada “ideologia de gênero” tomou o lugar da preocupação original com a “doutrinação marxista”. Embora a confluência entre ambas seja apontada pelas teorias do marxismo cultural, que constroem uma narrativa na qual a destruição dos valores morais do Ocidente seria um passo necessário para a implantação da ditadura comunista, o foco da agitação está na ameaça às identidades de gênero “naturais” por parte do discurso do respeito à diversidade sexual, e à família tradicional, por parte do feminismo. É uma questão que se mostrou mais capaz de galvanizar o apoio popular, talvez por parecer mais palpável, para a maior parte das pessoas. (MIGUEL, 2021, pp. 62-63)

Na época de sua criação pelo advogado e procurador aposentado do Estado de São Paulo, Miguel Nagib, o movimento não ganhou muita atenção, considerado sem sentido e incabível em um governo democrático popular que dava seus primeiros passos.

Somente 10 anos depois é que o ESP ganha força e visibilidade com as discussões em torno do PNE, centralizando sua atuação na defesa de valores morais familiares contra a “ideologia de gênero” que estaria sendo implementada nas escolas.

Outro importante impulso ao ESP se deu ao “alinhar-se com outras organizações de direita, como o Movimento Brasil Livre e o Revoltados Online, defendendo nas ruas e redes sociais o impeachment da presidenta Dilma Rousseff.” (RIBEIRO *in* VÁRIOS, 2016, p. 05)

Em uma postagem¹¹ na página do ESP de 09 de fevereiro de 2014, fica evidente a utilização da produção intelectual católica no embasamento das argumentações do movimento contra o gênero. Na postagem, um militante identificado como Júlio Severo compartilha um resumo do livro de Dale O’Lery e comenta sua importância para o entendimento sobre a “ideologia de gênero” e seu combate.

Pessoal, estou enviando, em arquivo PDF anexo, o documento “Agenda de Gênero”, resumo de um livro sobre ideologia de gênero. O livro foi escrito por Dale O’Leary, com quem tenho contato há quase 20 anos. Posso dizer que é o melhor livro sobre o assunto. Agora que estão começando as aulas, esse livro é importantíssimo para o esclarecimento de alunos e principalmente professores. A ideologia de gênero está infectando todo o ensino do Brasil. O que você pode fazer para derrotar este mal? Envie este livro, “Agenda de Gênero,” a todos os professores que você conhece. Incentive-os a ler. Incentive-os a

¹¹ Disponível em: <http://escolasempartido.org/blog/agenda-de-genero-redefinindo-a-igualdade/> Acesso em 21 jun. 2022

repassar os esclarecimentos deste livro. Se você quer entender o perigo da ideologia de gênero, o livro da Dale O’Leary é a melhor fonte.

A relação do movimento fundado por Nagib com a família Bolsonaro e o bolsonarismo, também fica evidente ao serem justamente os filhos do presidente os pioneiros a transformar o texto de Nagib em Projeto de Lei em suas respectivas Casas Legislativas. “A proposta foi apresentada em forma de projeto pela primeira vez no Estado do Rio de Janeiro, pelo deputado Flávio Bolsonaro. A segunda vez foi no Município do Rio de Janeiro, pelo vereador Carlos Bolsonaro.” (MANHAS *in* VÁRIOS, 2016, p. 19).

Aos dois seguiram uma enormidade de projetos e emendas que buscavam implementar o ESP institucionalmente em diferentes âmbitos dos poderes legislativos, tendo obtido sucesso em algumas Câmaras Municipais.

Em julho de 2019, Miguel Nagib declarou que suspenderia as atividades do movimento devido à falta de apoio do presidente Jair Bolsonaro, com quem contava para implementar o projeto institucionalmente a nível federal.

Este breve panorama dos atores e ferramentas envolvidos nas cruzadas contra a inclusão da meta de igualdade no Plano de Educação - que se arrastou por diversos anos, mobilizando diversos setores da sociedade civil e atrasando a votação do plano e as políticas públicas decorrentes dele - é emblemática da interferência religiosa no ordenamento público e suas consequências danosas para a democracia brasileira.

Chama a atenção o fato dessas campanhas ganharem tanta força a partir de 2014, em consonância com movimentações na região da América Latina, assim como em outras partes do mundo.

Essas “coincidências” temporais, programáticas e táticas, nos indicam que, para além de semelhanças entre alguns contextos políticos, essa efervescência conservadora e sua atuação coordenada e sistemática possuem vínculos com processos políticos e econômicos mais amplos que se dão em um contexto global.

Em uma reportagem investigativa realizada pelo *The Intercept* Brasil publicada em 18 de agosto de 2021, o jornalista Leandro Demori afirma que “os ultraconservadores católicos brasileiros viviam dispersos pela internet até dezembro de 2013” com pouco impacto no debate público. A alteração desse cenário é atribuída à vinda ao Brasil do espanhol Ignacio Arsuaga, criador da *Hazte Oir* (Se faça ouvir)

que mais tarde se tornaria *CitizenGo* (Vamos, cidadão) ao Brasil em novembro de 2013 (DEMORI, 2021, s/p).

As afirmações de Demori são baseadas no vazamento de documentos pelo Wikileaks¹² em 5 de agosto de 2021. A coletânea intitulada “The Intolerance Network¹³” reúne mais de 17.000 documentos internos de Hazte Oir e CitizenGo entre 2001 e 2017 que abrangem a fundação de CitizenGo, documentos financeiros, legais e relatórios dos treinamentos.

Segundo o que Demori apurou por meio desses documentos, a missão de Arsuaga seria exatamente reunir esses militantes e ensiná-los a montar uma organização nos moldes da sua. Para Demori, antes “mesmo de Jair Bolsonaro aparecer como candidato à Presidência e do bolsonarismo existir, a organização e o financiamento dos ultracatólicos brasileiros foram a semente do mal que arrasou a terra da política brasileira.” (DEMORI, 2021, s/p).

O teólogo e filósofo Romero Venâncio, também considera a atuação da extrema-direita católica um dos fatores determinantes que antecede e ultrapassa o bolsonarismo.

A extrema-direita católica é anterior ao bolsonarismo. Antes de Bolsonaro ser o que era, a extrema-direita católica já fazia suas atividades nas redes sociais ou fora delas. Com Bolsonaro, ela foi potencializada. Se Bolsonaro morresse hoje, não mudaria nada, porque o ideário está colocado. (VENÂNCIO, 2022, s/p)

Na documentação aparece o site *biopolítica.com.br* como organizador do evento no Brasil. O site foi criado pelo casal militante ultracatólico Renata Gusson Agelune Martins e Felipe Nery. Enquanto ela se destacou pela militância contra o aborto em 2012, ele viajou o país entre 2014 e 2015 para participar das audiências públicas dos planos de Educação discursando contra a “ideologia de gênero”.

A atuação desses grupos é apontada por Demori como diretamente relacionada ao impeachment de Dilma Rousseff em 2016, e à eleição de Bolsonaro em 2018.

Juntos, esses personagens se aproveitaram do rescaldo do caos das ruas de 2013, criaram uma agenda de extrema direita, montaram uma estratégia de combate para a “guerra cultural” que estavam decididos a declarar, ajudaram a derrubar uma presidente eleita e entregaram a Jair Bolsonaro uma plataforma eleitoral enlatada, que saiu dos redutos

¹² Weakleaks é uma organização multinacional de mídia e plataforma de armazenamento de fontes anônimas, documentos e informações confidenciais vazadas de organismos governamentais ou empresas de diversos países. Ver mais em <https://wikileaks.org/>

¹³ Disponível em <https://wikileaks.org/intolerancenetwork/press-release>

reacionários católicos diretamente para a campanha eleitoral – e, dali, para a vitória em 2018. (DEMORI, 2021, s/p)

O evento, que ocorreu no auditório do mosteiro de São Bento, tinha como nome: *“Como construir um movimento social”*. Além de Arsuaga, era anunciada a palestra do Padre José Eduardo. O padre tem relações com o Centro Dom Bosco e com o padre Paulo Ricardo, entre outros sujeitos atuantes nas cruzadas antigênero e que compõem as fileiras bolsonaristas.

Todo esse repertório e ferramentas discursivas se tornou um capital moral reativo ao gênero essencial catalisado pelo discurso bolsonarista. De outra parte, atores e mídias mobilizadores das cruzadas antigênero serão uma importante base de apoio e divulgação de Bolsonaro como o candidato dos “valores cristãos”.

1.3 Crise, moralização das inseguranças¹⁴ e pavimentação do bolsonarismo

Para entender as conexões entre esses processos de articulação internacional e seus efeitos nas democracias em diversas partes do mundo, é preciso também olhar para o contexto do capitalismo neoliberal na década de 2010, marcada por um aprofundamento dos conflitos sociais, tanto no que se refere aos conflitos entre capital e trabalho, quando em relação às disputas de narrativas e agendas político ideológicas.

Nesta década vimos a eclosão de um movimento regressivo para as democracias, tanto entre países considerados de economia central, como Estados Unidos, Inglaterra, quanto aqueles que se encontram economicamente na periferia, como o caso de alguns países da América Latina, inclusive o Brasil, que haviam vivido um ciclo de progresso e conquistas no campo dos direitos humanos na década anterior.

Os governos à esquerda, que dominaram a cena política sul-americana, começaram a declinar nos anos 2010 pela corrupção e também como consequência de rupturas com o status quo social, econômico e cultural por meio de políticas inclusivas e de diversidade.

¹⁴ Tomamos emprestado o conceito de moralização das inseguranças desenvolvido pela pesquisadora Flávia Biroli para nomear este ponto que trata justamente desse processo captado por ela.

Isso gerou reações regressivas e de distinção social, sobretudo entre as classes médias, como encontrado em outros países. (ALMEIDA, 2019, p. 186)

De acordo com a perspectiva de autoras feministas marxistas – Aruzza, Fraser, Jaeggy, Bhattacharya, entre outras – o capitalismo em crise favoreceu o reaparecimento de plataformas políticas que aliam de um lado o moralismo conservador com forte conotação religiosa, e de outro, uma política econômica austera. Para Aruzza e Bhattacharya, tempos de crise impõem um reposicionamento ideológico do capitalismo tanto na esfera produtiva quanto reprodutiva.

[...] em tempos de crise de acumulação e de lucros, o capital tentará moldar e mudar tanto a esfera da produção quanto a da reprodução. Portanto, nesses períodos, devemos esperar novas formas ideológicas, novos ataques, novas invenções do capital. Estamos falando de tendências e condições de possibilidade, o que não significa que possamos dizer exatamente como isso vai se manifestar nos Estados Unidos, na Itália, na Índia ou em El Salvador. (ARUZZA; BATTACHARYA, 2020, p. 56).

A crise global do capitalismo de 2008 é assim um fator importante para compreender esse reposicionamento ideológico que se dá em espaços temporais próximos em diversos países. Contudo, como lembram as autoras, essas tendências e condições globais de reposicionamento ideológico do capitalismo, ainda que possuam contornos semelhantes, vão se expressar de formas distintas de acordo com cada contexto particular.

Sem desconsiderar essas particularidades e, ainda, o que chama de “Variedades de capitalismo”, Fraser (2018), entende esse reposicionamento, em linhas gerais, como o alinhamento de uma política reacionária de reconhecimento com uma política neoliberal de distribuição também reacionária.

Juntos, distribuição e reconhecimento constituem os componentes normativos essenciais com os quais as hegemonias são construídas. Colocando essa ideia junto com as de Gramsci, podemos afirmar que o que fez Trump e o Trumpismo possíveis foi o colapso de um bloco hegemônico anterior – e o descrédito de seus nexos normativos distintivos de distribuição e reconhecimento. (FRASER, 2017, p.45)

Partindo do caso específico dos Estados Unidos, Fraser observa a similaridade com outros contextos, o que sugere a necessidade de compreendê-los em seus contornos estruturais e lança indagações sobre o caráter da crise, muitas vezes compreendida a partir do dado exclusivamente político.

À primeira vista, a crise atual parece ser política. Sua expressão mais espetacular está bem aqui, nos Estados Unidos: Donald Trump – sua eleição, sua presidência e a discórdia em torno dele. Mas não há escassez de casos análogos alhures: o desastre do Brexit no Reino Unido; a declinante legitimidade da União Europeia e a desintegração dos partidos socialdemocratas e de centro-direita que a promoveram; o sucesso crescente de partidos racistas e anti-imigrantes em todo o norte e centro-leste da Europa; e o aumento de forças autoritárias, algumas se classificando como protofascista, na América Latina, Ásia e Pacífico. Nossa crise política, se é isso o que é, não é apenas americana, mas global. (FRASER, 2017, pp 43-44)

Em prefácio do livro: *Capitalismo em debate. Uma conversa na teoria crítica*, que Fraser escreve junto com Rahel Jaeggi, as autoras afirmam que tomaram a decisão de escrevê-lo “com base na suposição de que a turbulência que se aprofunda ao nosso redor pode ser lida como uma crise da sociedade capitalista, ou melhor, como uma crise de forma específica da sociedade capitalista em que vivemos hoje.” (FRASER; JAEGLI, 2020, p. 09). No mesmo livro afirma Jaeggi que

Desde o entreguerras, as pessoas das sociedades ocidentais não se sentiam tão expostas à instabilidade e à imprevisibilidade da ordem econômica e social – uma sensação de exposição que foi apenas ampliada e intensificada pelas respostas de seus governos supostamente democráticos que variaram da absoluta impotência à fria indiferença. (JAEGLI in FRASER; JAEGLI, 2020, p. 13)

Para tais autoras/es, o sentimento de insegurança mobilizado pelos conservadorismos encontra ancoragem na desordem provocada pela crise econômica, social, cultural e ecológica.

Partindo tanto da abordagem “neomarxista” quanto da foucaultiana (BROWN, 2019, p. 32) Wendy Brown - *Nas ruínas do neoliberalismo. A ascensão da política antidemocrática no Ocidente* - fala sobre a significação das perdas provocadas pelas políticas neoliberais nos EUA em particular, mas também em todo o mundo ocidental, a partir de um passado romanticamente idealizado como um tempo de prosperidade e de ordem.

Para Brown, líderes populistas de direita em diferentes partes do mundo, se utilizam desse imaginário para construir suas plataformas sob a promessa de “proteger e restaurar” essa ordem perdida.

Os danos das políticas econômicas neoliberais foram assim manipulados na imagem de suas próprias perdas, espelhada no descaminho da nação. Era a imagem de um passado mítico de famílias felizes, íntegras e heterossexuais, quando mulheres e minorias raciais sabiam seus lugares, quando as vizinhanças eram ordeiras, seguras e homogêneas [...] e quando a cristandade e branquitude hegemônicas constituíam a identidade, o poder e o orgulho manifestos da nação e do Ocidente. (BROWN, 2019, p. 13)

Em *A reação contra o gênero e a democracia* (2019), Biroli afirma a necessidade de “focar conjuntamente no liberalismo e no conservadorismo para abordar gênero e regressão democrática e o quanto a família é a chave que conecta as dimensões econômica e moral dessa regressão. Prossegue Biroli afirmando que

O desmantelamento da infraestrutura pública e a restrição dos direitos econômicos e trabalhistas tornam a proteção e o apoio por e dentro da família uma necessidade prática e um antídoto para as incertezas e a precariedade. Reforçam as desigualdades entre as famílias e a pressão pelo provimento, na medida em que ampliam a responsabilidade das unidades familiares por saúde, educação e moradia, crescentemente mercantilizadas. Dada a divisão sexual do trabalho, acentuam a carga de trabalho das mulheres na medida da restrição de políticas e equipamentos públicos de cuidado. (BIROLI, 2019, p. 86)

A defesa da família natural e dos papéis sociais desiguais desempenhados por homens e mulheres como uma ordem natural determinada por Deus, se associa assim à lógica neoliberal de “Estado mínimo” e privatismo. Daí decorre o que Biroli conceitua como “moralização das inseguranças”.

Essa insegurança proveniente da degradação das condições materiais de existência, a saber: aumento do desemprego, precarização do trabalho, depreciação do salário, inflação, mudanças climáticas, são conectadas às questões de ordem moral que encontram na família seu pilar e no gênero, o elemento desordenador.

A precarização das condições de existência em tempos de crise do capitalismo – desemprego, aumento da violência etc. – além da crise de representação política,

sustentam a percepção e o medo de uma desordem que vai ser significada em termos morais religiosos, para os quais o gênero se apresenta como inimigo a ser combatido.

A defesa desses valores se tornou um dos pilares do bolsonarismo, que deu sentido a um sentimento de insegurança frente à desordem, reforçando valores morais e se comprometendo com a restauração dessa pretensa ordem.

No Brasil, quando em 2008 o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva definiu como “marolinha” a crise econômica ocasionada pelo rompimento da bolha do setor imobiliário¹⁵ dos EUA, a maior crise desde o *crash* de 1929, houve um misto de perplexidade e alívio pela constatação de que - diferentemente de países de economia central que enfrentavam o desemprego em massa, endividamento e empobrecimento da população - de fato estávamos vivendo uma certa estabilidade.

As políticas anticíclicas do governo petista, com redução de juros, incentivos fiscais, redução da carga tributária, programas de geração de renda e investimento na construção civil com programas como “Minha casa, minha vida”, e obras públicas, aqueceram a economia propiciando a contenção, ainda que temporária, da crise que se abatia no mundo como um todo.

A declaração ousada do presidente em seu segundo mandato se mostrou assim, verdadeira naquele momento. Mas em cinco anos veríamos um cenário completamente diferente. À medida que os países atingidos pelos primeiros impactos da crise iam se refazendo, seus efeitos começaram a serem sentidos de forma mais evidente em outras partes do globo terrestre, inclusive por aqui.

Apesar das taxas de desemprego apresentarem queda entre 2013 e 2014, elas não refletiam exatamente a taxa de ocupação da população que vinha em queda desde 2012, assim como do PIB (Produto Interno Bruto), o que analistas econômicos chamam de “paradoxo do baixo desemprego”.

No Brasil, após uma década de relativa estabilidade macroeconômica, que propiciou crescimento do emprego e da renda, além de notáveis avanços sociais, houve perda de dinamismo da economia a partir de 2013 e uma profunda recessão em 2015 e 2016. Porém, houve uma

¹⁵ Considerada a pior crise econômica desde a Grande Depressão de 1929, tem seu início marcado em 15 de setembro de 2008, quando o banco Lehman Brothers, um dos mais tradicionais dos Estados Unidos, decreta falência. A crise se deu pelo rompimento da bolha imobiliária que vinha se formando desde o final da década de 1990 com a expansão do crédito imobiliário de alto risco, o que levou ao aumento da procura e consequentemente dos valores dos imóveis. Aliado à estagnação da renda, impossibilitando muitas pessoas de pagarem pelos valores dos imóveis e altos juros cobrados sobre eles. Com essa inadimplência generalizada, muitos bancos foram descapitalizados e quebraram impactando o mundo todo, ainda que não imediatamente.

defasagem significativamente grande entre o início do desaquecimento da economia e seus primeiros efeitos sobre o mercado de trabalho, o chamado paradoxo do baixo desemprego. (SIMÕES *et al.*, 2016, p. 542)

O que se verificou em análises posteriores a esse período é que a taxa de procura por postos de trabalho diminui - o chamado “desalento”, quando pessoas em idade produtiva desistem da procura por empregos formais - dada a dificuldade em encontrá-los. Essa baixa procura também indica o aumento do trabalho informal, normalmente mais precarizado.

Essas informações são importantes para entendermos que os dados estatísticos não demonstram por completo o quadro econômico enfrentado pelo país no período e, a atmosfera de descontentamento que veremos expressa nas “Jornadas de Junho” de 2013, apontadas como o embrião de um recrudescimento conservador e autoritário na agenda pública brasileira.

Em seu livro *Sintomas Mórbidos* (2019), Sabrina Fernandes aborda essas jornadas também como um aspecto da crise de representatividade, que abriu espaço para movimentos e lideranças que se diziam “apolíticos” e “antissistema” na cena pública.

Ao ano de 2013 se atribui a inauguração de um novo momento histórico das relações políticas no Brasil, uma virada hegemônica como entende Burity (2018), ou um “endurecimento” como denominam Ronaldo de Almeida e Rodrigo Toniol (2018, p.07). Essa virada, tem por sua vez, relação com a piora nas condições de vida e a percepção de instabilidade.

Entre 2013 e 2018, foram frequentes os momentos nos quais acadêmicos, políticos, burocratas estatais, jornalistas, militantes, entre outros, pouco ousaram traçar cenários, mesmo os de curta duração, tal o grau de instabilidade política, em período eleitoral ou fora dele. (ALMEIDA, 2019, p.191)

Na introdução aos textos resultantes do seminário “Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos”, realizado em 2016, Ronaldo de Almeida e Rodrigo Toniol indicam uma percepção comum entre os autores “de que está em curso um processo de ‘endurecimento’ das relações políticas, sociais e culturais em detrimento

de algo que pode ser metonimicamente denominado de universo dos direitos.” (ALMEIDA; TONIOL, 2018, p. 7).

Esse universo de direitos diz respeito a conquistas sociais e de reconhecimento ao longo dos governos petistas nos quais vigorou o denominado Projeto Democrático Popular (PDP) ¹⁶.

Para um dos autores, Jonalido Burity, esse endurecimento, ou “virada hegemônica”, pode ser identificada com o fortalecimento do conservadorismo. Segundo ele,

Conservadorismo que teve na crescente presença pública de certos atores religiosos nas últimas décadas tanto um sinal de sobrevivência como de reforço deliberado capaz de ir absorvendo novos conteúdos com o passar do tempo. Em suma, há conservadorismo, e, mais uma vez, “a religião” parece ser uma participante aguerrida e temivelmente protagonista de sua produção. (BURITY, 2018, p. 21)

Almeida afirma que essa *onda* conservadora “articula, em níveis diferentes, pelos menos quatro linhas de forças sociais: economicamente liberal, moralmente reguladora, securitariamente punitiva e socialmente intolerante.” (ALMEIDA, 2019, pp. 185-186). Afirma Almeida que

Já não se trata tão somente de uma crise política, que em parte decorreu e é paralela à crise econômica, mas de algo também com implicações jurídicas (na medida em que está em jogo o pacto democrático consagrado na Constituição de 1988), sociais (uma vez que têm sido frequentes as fissuras nas relações interpessoais em parcelas da população) e culturais (posto que o jogo de forças tem levado a choques identitários, de valores e comportamentos). Em outras palavras, um fato social total *stricto sensu*. (ALMEIDA, 2019, p.187)

Para Maitino (2020), as razões para a ascensão dessa direita, que define como populista, são encontradas em duas teses que se complementam, e ambas tratam de uma reação: de um lado à precarização da vida decorrente do neoliberalismo e de outro às mudanças culturais no plano dos valores morais, traduzidos em um maior entendimento e acomodação da diversidade sexual e aceitação de políticas de reparação históricas.

¹⁶ Projeto Democrático Popular (PDP) é o nome dado à estratégia adotada pelo Partido dos Trabalhadores em seus governos que tem como cerne a conciliação entre capital e trabalho, políticas redistributivas e controle social por meio da ampliação da participação popular.

É neste contexto também que vai se dar uma virada importante no discurso de Bolsonaro e o desenvolvimento de todo um movimento em torno de sua figura. Como afirma Medeiros, Bolsonaro é quem mais consegue canalizar as emoções mobilizadas pelos protestos de rua em direção a política institucional.

Os pesquisadores Moura e Cobellini também abordam como o discurso de Bolsonaro conseguiu atrair e unificar um conjunto difuso de insatisfações.

Nesses momentos de anomia, os preconceitos, os valores tradicionais e os núcleos mais primários da sociabilidade - como a religião e a família, arduamente defendidos e valorizados por Bolsonaro em seus discursos e gestos - se tornaram espaços importantes, em que grupos sociais preservam um pouco de organicidade e de referências para oferecer defesa contra a percepção de desagregação do ambiente exterior. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p.78)

São muitos os trabalhos (Almeida, Toniol, Rocha, Solano, Medeiros, entre outros) que vem buscando interpretar essa nova configuração da esfera pública brasileira nas últimas décadas, que antecede e possibilita o bolsonarismo.

Para Camila Rocha, que estuda o liberalismo e a nova direita no Brasil, não podemos falar de uma continuidade da mesma direita e, ainda, que a nova direita não pode ser resumida ao bolsonarismo. A partir de sua experiência no Instituto Liberal, que define como uma “espécie de mergulho etnográfico na nova direita”, não hesita em afirmar que “não só a eleição de Bolsonaro em 2018 teve uma conexão importante com a consolidação dessa nova força política, como a despeito do rumo de seu governo, a nova direita veio para ficar.” (ROCHA, 2021, p. 09).

Para a pesquisadora, uma característica fundamental dessa nova direita que ajudou a pavimentar o bolsonarismo é não ter vergonha de se assumir enquanto tal.

[...] o bolsonarismo, que teve início entre 2014 e 2015, se apoiou em outro fenômeno político, cuja trajetória remonta a quase quinze anos: o surgimento de uma nova direita brasileira. Ao contrário da direita envergonhada atuante no país desde a democratização, pautada em uma defesa algo hesitante do livre mercado e em um conservadorismo difuso, a nova direita não tem nenhuma vergonha em se afirmar como tal. (ROCHA, 2021, p. 09)

Esse conservadorismo que Rocha apresenta como “difuso” é entendido em muitas análises como *neoconservadorismo*. (Faúndes, Defago, Biroli, Vaggione, Thompson, Lacerda, entre outras).

O termo neoconservadorismo é ainda amplamente discutido e questionado. Há divergências se seria exatamente um “novo” ou o mesmo conservadorismo que sempre esteve latente e, que é reativado, retomando sua força política em determinados contextos.

Mesmo entendendo as limitações, assim como de qualquer outro conceito, Vaggione; Machado e Biroli assumem a terminologia compreendendo que

O prefixo “neo” configura o fenômeno em uma temporalidade diferenciada marcada principalmente pelo impacto dos movimentos feministas e LGBTQ+. Importantes avanços legais em várias sociedades, como a liberalização das leis de aborto, o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo e a aprovação de leis de identidade de gênero, criaram involuntariamente alianças complexas entre atores religiosos e seculares com perspectivas patriarcais e uma ideologia antimarxista. (VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 07, tradução nossa)

Ao utilizarmos o termo neoconservadorismo, estamos assumindo que ainda que este possua semelhança com expressões anteriores do conservadorismo, existem algumas particularidades próprias do contexto atual que conferem uma nova forma e conteúdo a essas estratégias.¹⁷ Faundes e Defago, destacam que

O rótulo “neoconservadorismo”, embora não seja isento de imprecisões, permite evidenciar certos vínculos e continuidades entre os atuais movimentos antagônicos aos grupos feministas e LGBTTI+ e os tradicionais conservadorismos latino-americanos, com forte apego à tradição cristã; à defesa de uma ordem considerada “natural” e/ou estável; à moralização da esfera pública; à perpetuação de certas estruturas políticas, sociais e econômicas de natureza hierárquica, entre outros aspectos. (FAUNDES; DEFAGO, 2020, p. 242)

Esse caráter reativo e contraposição à igualdade de gênero e diversidade de gênero, já mencionado anteriormente não é algo propriamente novo dos conservadorismos. Mas, como identifica Biroli, possuem novas formas de fazê-lo.

É, portanto, um fenômeno particular deste contexto histórico, ao mesmo tempo que preserva algumas características de expressões passadas do conservadorismo¹⁸.

¹⁷ Para Brenda Carranza, os conservadorismos devem ser entendidos enquanto plurais e estratégicos, não como algo fixo que caracteriza determinado grupo. Não tivemos até o presente momento condições de aprofundar nessa compreensão, mas consideramos importante citá-la.

¹⁸ Dentro dos limites deste trabalho não nos deteremos nessas diferenças.

O conservadorismo atual não é original em sua oposição à igualdade de direitos e ao reconhecimento legal da diversidade sexual. A noção de neoconservadorismo não remete, assim, ao conteúdo, mas aos padrões de mobilização, ao reforço a tendências iliberais, à sua contribuição para justificar medidas autoritárias e naturalizar as desigualdades. Algo relevante a se ressaltar é que o neoconservadorismo **reforça sua identidade pública no antagonismo aos feminismos como atores políticos coletivos**, em um contexto em que se tornaram mais expressivos e capilarizados. (BIROLI, 2019, p. 86, grifo nosso)

O pesquisador Michael J. Thompson, afirma em seu livro *Confrontando o Neoconservadorismo*, que um componente novo dessa expressão do conservadorismo é sua apresentação enquanto a solução para aquilo que ele mesmo aponta como problema.

O conservadorismo sempre esteve associado à reação, à tradição, à estabilidade. Mas o novo conservadorismo é algo diferente a esse respeito: tem sido capaz de se afirmar como o localizador da crise, como uma ideologia que aponta para a situação cultural e política do presente e afirma que ela quebrou e que, sozinho, **tem o poder e a visão para corrigi-la, para endireitar o torto**. (THOMPSON, 2007, p. 11, grifo nosso)

Já Maitino destaca que a maior novidade não estaria no “surgimento dos intelectuais e organizações da nova direita”, mas sim no “apoio que passaram a receber”. (MAITINO, 2020, p. 04)

Camila Rocha, Esther Solano e Maurício Medeiros lançaram em 2021, obra conjunta que interpreta conceitual e historicamente o processo de redemocratização brasileira. Em termos conceituais, rejeitam conceitos mais comumente utilizados para caracterizar esse movimento que antecede e possibilita o bolsonarismo, como o de populismo. No lugar afirmam a emergência de uma nova direita ou de uma extrema direita.

Desenvolvem dois conceitos centrais para o entendimento desse processo, sendo eles “esfera pública pós burguesa” e a “contrapublicidade de direita”. A esfera pública pós-burguesa é caracterizada como o processo de integração política de grupos subalternizados à esfera pública brasileira. Apesar de reconhecerem que essa integração política tenha sido frágil, sustentam que essa é “historicamente inédita” e que o bolsonarismo pode ser entendido como reação a essa integração à esfera

pública de grupos sociais subalternizados, principalmente mulheres, pessoas LGBTQ+, negros, indígenas, crianças e adolescentes.

Nos anos 2000, surge uma nova direita se organizando via redes sociais, inicialmente Orkut, promovendo debates, traduzindo e veiculando obras liberais conservadoras, participando e criando *think tanks*. Essa nova direita, por sua vez, tem relação com processos históricos mais largos, como afirma Rocha

No que diz respeito à nova direita brasileira surgida nos anos 2000, tal processo se deu a partir de uma reação ao pacto de 1988 e suas consequências sociais e institucionais cujo desenvolvimento ao longo do tempo foi percebido como a consolidação de uma “hegemonia cultural esquerdista”. Grupos muito diversos entre si, descontentes com a atuação de neoliberais e figuras conservadoras na política - dado que boa parte delas parecia fazer pouca ou nenhuma oposição ao *modus operandi* do lulismo -, passaram a se unificar com o objetivo de combater a hegemonia esquerdista a partir da consolidação paulatina de um novo amálgama de ideologias políticas. (ROCHA, 2021, p. 20)

Medeiros comenta que o cruzamento de dados quantitativos com qualitativos de pesquisas realizadas nos protestos de 2014, 2015 e 2016, indica que os manifestantes eram movidos por três emoções principais: raiva, que se traduzia no antipetismo; alegria, em partilhar a sociabilidade entre pessoas socialmente homogêneas e desconfiança, em relação ao sistema político partidário.

Quanto à “contrapublicidade de direita”, esta é definida como “retórica ofensiva, chocante e disruptiva” e que será largamente utilizada por Bolsonaro. (MEDEIROS, 2021)

[esse] estilo discursivo que é indecoroso, é chocante, que é transgressivo, ou seja, uma retórica que transgride as normas dessa nova esfera pública que surgiu no Brasil com a redemocratização e essa retórica que o bolsonarismo utiliza a torto e a direita busca no mínimo corroer e no máximo destruir as bases institucionais dessa nova esfera pública. (MEDEIROS, 2021)

Para Rocha, Solano e Medeiros, foi justamente essa retórica da contrapublicidade que permitiu a livre circulação de discursos de ódio amparados no “politicamente incorreto” que também vemos sustentado como “liberdade de expressão”.

Arelado a isso e não menos importante, temos uma forte campanha midiática de desconstrução do Projeto Democrático Popular e a atribuição das mazelas sociais (desemprego, inflação, aumento do custo de vida) ao *lulapetismo*. O sentimento “anti-PT” é outro alimento que nutre o bolsonarismo em construção. Veremos recorrentemente no discurso de Bolsonaro a conexão entre a corrupção (associada exclusivamente ao PT) com uma pretensa “desordem” moral dos valores e costumes.

Depois de 14 anos do Projeto Democrático Popular (PDP) do PT (Partido dos Trabalhadores) no poder com os governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006; 2007-2010) e Dilma Rousseff (2011-2014; 2015 -2016), se deu a ruptura do pacto democrático, interrompendo o governo petista de Dilma Rousseff e intensificando a polarização política que vinha se processando desde 2013.

Para Rocha, Medeiros e Solano (2021), contudo, o momento chave da ascensão da nova direita e do conservadorismo no Brasil não se encontra nas jornadas de 2013, mas nas eleições de 2014, quando vários grupos do espectro da direita protagonizaram uma campanha de deposição da presidenta, logo após sua reeleição.

Aécio Neves, candidato no pleito pelo PSDB, cumpriu um papel importante nesse processo, ao questionar pela primeira vez na história da redemocratização o resultado de uma eleição. Esse ato abriu precedente para contestações do próprio processo eleitoral e redefiniu o que é ou não dizível e aceitável no âmbito do pacto democrático.

Apesar de ter seu nome arelado a figura de Bolsonaro, os elementos presentes no bolsonarismo o antecedem e ultrapassam, uma vez que, como se procurou demonstrar, não se trata de um pensamento original de um ator, mas de uma expressão política que articula diferentes elementos que, não apenas sai vitorioso das eleições, mas se constitui como um novo movimento político.

Quando falamos em bolsonarismo, precisamos ter em conta não apenas Bolsonaro exclusivamente enquanto ator individual, mas um conjunto de expressões que tem em sua figura a personificação. Bolsonaro é entendido como um ator político, mas que para seu discurso concorrem um conjunto de relações sociais, fatores objetivos, condicionantes que o conformam e possibilitam.

Dessa maneira não se encerra na vitória ou derrota eleitoral, como vem indicando análises que afirmam a sobrevivência de um “bolsonarismo sem Bolsonaro” (Alonso, Solano, Safatle, Moura, entre outras/os).

Para Angela Alonso (2019), há toda uma “comunidade moral bolsonarista”, e esta não pode ser apreendida exclusivamente pelo discurso do próprio Bolsonaro, mas de uma série de fatores.

Uma comunidade moral os une, um conjunto de valores de orientação de conduta e interpretação da realidade, de raízes antigas, que foi dando as caras no espaço público a partir dos protestos de 2011, que arrastaram 50 mil pessoas no país contra a corrupção, e impulsionaram um de seus membros à Presidência. A comunidade moral bolsonarista se estrutura na crença compartilhada em códigos binários, que divide o mundo em bem e mal, sagrado e profano, gente de família e indecentes, cidadãos de bem e bandidos, éticos e corruptos, nacionalistas e globalistas. (ALONSO *In* VÁRIOS, 2019, p.38)

De natureza distinta do lulismo, que “conjuga um líder altamente popular e uma narrativa histórica sobre o país” (MOURA; CORBELLINI, 2019, p.54), o bolsonarismo, por sua vez, reúne elementos atávicos do autoritarismo brasileiro como conservadorismo religioso, racismo, machismo, nacionalismo e a lógica binária cristã do bem versus mal, como demonstrou Alonso, acima.

Em live promovida pelo Instituto FHC - *O bolsonarismo está em crise?*-, sem descartar a possibilidade de uma recuperação de aprovação, Esther Solano afirma que “Bolsonaro como figura com nome e sobrenome, individual, pode até de fato sofrer um desgaste político, mas vai ficar o projeto bolsonarista, os fundamentos do bolsonarismo social “ (SOLANO, 2020)¹⁹ Sobre esses fundamentos Solano aponta três questões com as quais se continuará lidando, mesmo com uma derrota de Bolsonaro nas urnas em outubro de 2022:

a primeira delas é essa ideia anti sistêmica e a própria criminalização da prática política, da negação da prática política; muito perpassada por uma certa visão da corrupção como intrínseca e definidora da prática política [...] **segundo a moralização da política, cristianização da esfera pública**, essa luta pelos valores levadas à mão pelas grandes igrejas pentecostais e neopentecostais; terceiro a

¹⁹ Fala em live promovida pelo Instituto FHC no dia 04 de agosto de 2020 com o título: *O bolsonarismo está em crise? Efeitos da pandemia sobre a popularidade presidencial* Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xaOiOw6qpfo&t=135s> Acesso em 17 de jan. 2022.

militarização da esfera pública, ideia de que a democracia muitas vezes representa caos desordem, confusão, a esquerda, representa caos desordem confusão e só os valores militares, hierarquia, disciplina, autoridade, controle, ordem etc., podem nos levar de fato a uma vida muito mais sossegada em termos políticos. (SOLANO 2020, grifo nosso)

É certo que muitas candidaturas de partidos da direita, muitos deles com vínculos religiosos muito mais explícitos que Bolsonaro - o caso, por exemplo, do Cabo Daciolo, ou mesmo de Marina Silva reconhecidamente evangélica - vão circundar essa agenda conservadora incorporando-a em suas campanhas e integrando essa cristianização da política.

Mas, é em torno da candidatura de Jair Messias Bolsonaro para o cargo máximo executivo que esses elementos vão se combinar de maneira privilegiada. Não apenas por sua candidatura ter sido vitoriosa, mas por todo o caminho construído por Bolsonaro nos anos anteriores ao lançamento oficial de sua candidatura, incorporando e se projetando como defensor dessa agenda moral religiosa conservadora.

Bolsonaro capitaliza em seu discurso as insatisfações com a desordem social e os sentidos morais – religiosos – a elas atribuídos. Também performatiza a batalha do bem contra o mal - o inimigo construído a partir do sintagma da “ideologia de gênero” e relacionando ao antipetismo e anti esquerdismo crescente - se projetando como o único capaz de vencê-la.

CAPÍTULO II. O ovo da serpente. Desenvolvimento e nutrição do bolsonarismo.

[...] qualquer um que fizer o mínimo esforço poderá ver o que nos espera no futuro. É como um ovo de serpente. Através das membranas finas pode-se distinguir o réptil já perfeitamente formado. (Ingmar Bergman, O ovo da serpente, 1977)

A expressão que dá título à genial obra de Ingmar Bergman (1977) para se referir a semente do nazismo que crescia na sociedade alemã antes mesmo que este tomasse sua forma completa, foi convocada pelo comentarista político Bob Fernandes para se referir à Jair Bolsonaro no Jornal da Gazeta²⁰ em 2011, quando o atual presidente do Brasil era ainda Deputado Federal pelo Rio de Janeiro pelo Partido Progressista (PP).

A proclamação, expressa nas últimas palavras de Dr. Vergerus à Abel Rosenberg na obra de Bergman - muito mais como anúncio do inevitável naquele caso - é utilizada para além da Sétima Arte como advertência sobre terrenos propícios para o crescimento de ideologias totalitárias como o nazismo e o fascismo.

O “ovo da serpente” que vai sendo chocado lentamente, rompendo a casca desde dentro, não a partir de rupturas bruscas como as ditaduras civis militares vividas por grande parte dos países da América Latina, mas de modo furtivo, entranhando-se nas fissuras sociais que se alargaram frente a uma crise econômica, política e social.

No vídeo, que voltou a circular recentemente nas redes sociais²¹, Bob Fernandes comenta sobre o tumulto da sessão da Câmara dos deputados que elegeu Marco Feliciano como presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias. O comentarista destacava a discrepância entre notórias declarações racistas e homofóbicas de Feliciano com a posição que passava a ocupar.

Contudo, como o próprio comentarista chamava a atenção, quem roubava a cena naquele momento era Jair Messias Bolsonaro - que durante a sessão segurava um cartaz com a frase: “Queimar rosca todo dia” (sic), - a quem Fernandes atribuiu “o que parece ser uma estranha fixação com o tema da homossexualidade” e

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vP1SVRs2LuU> Acesso de 10 de maio de 2021.

²¹ Estamos nos referindo à meados de maio de 2021, quando A CPI da Covid instalada no Senado mostrava provas contundentes da negligência do governo quanto a compra de vacinas e a falta de oxigênio.

caracterizou como “o mais conhecido rosto da direita brasileira.” O comentarista emitia um alerta que somente agora, passada mais de uma década, parece soar aos nossos ouvidos: que Bolsonaro não deveria soar folclórico e o risco iminente à democracia que seu pensamento representava.

Nos dedicamos neste capítulo então, a descortinar essa “fina membrana” do bolsonarismo em formação, analisando os “nutrientes” conectados aos terrenos que se mostraram propícios ao seu desenvolvimento e acomodação na arena política. Essa fina membrana diz respeito para nós, ao caminho pelo qual foi se constituindo o bolsonarismo, o que nos permite observar sua estrutura e elementos constituintes.

Percorremos a trajetória de Bolsonaro na política, sua aproximação com a agenda neoconservadora para, em seguida, estabelecer as conexões com o contexto analisado no capítulo anterior e entender como esse discurso se fez possível e aceitável. Lançando luzes principalmente sobre a agenda moral religiosa antigênero que, dentre outros fatores, serviu como nutriente para seu desenvolvimento, além de dar forma e sustento ao seu discurso.

Por fim, nos debruçamos brevemente sobre como se deu a construção de Bolsonaro enquanto celebridade midiática por meio do entretenimento televisivo e as relações entre essa linguagem recreativa e valores morais excludentes e opressivos que carregam seu conteúdo.

O bolsonarismo que começava a ser “chocado” no âmago da democracia era captado pelas lentes da TV e oferecido como entretenimento para a “família” brasileira, promovendo a espetacularização da política e possibilitando que valores arcaicos calcados no autoritarismo, racismo, LGBTfobia e misoginia fossem assimilados como diversão.

2.1 Percurso de Bolsonaro na política. De figura folclórica à messiânica

Encarado como figura caricata e mesmo folclórica até por seus pares, Bolsonaro chegou ao Planalto, contrariando análises e prognósticos. Poucos foram aqueles que conseguiram prever que um candidato sem expressividade política - além de todo caráter antidemocrático, excludente e autoritário de suas declarações públicas - chegaria ao segundo turno, quanto menos seria eleito presidente.

No prefácio ao livro de Moura e Corbellini, *A Eleição disruptiva, por que Bolsonaro venceu*, Jairo Nicolau, apesar dos cuidados com comparações de contextos distintos, classifica a eleição de 2018 como a mais “surpreendente da história das eleições do Brasil” (2019, p. 15) resumindo a perplexidade com que analistas se depararam.

Apesar de uma longa atuação como parlamentar, coisa alguma em sua trajetória parecia indicar que Bolsonaro pudesse se tornar o grande catalisador das insatisfações ou, como define Solano, dos afetos predominantes nas eleições de 2018. Pelo contrário, o ex- capitão do exército parecia reunir a fórmula perfeita do fracasso nas urnas: I. baixa expressividade, apesar de uma longa carreira política; II. estrutura partidária exígua e III. discurso antidemocrático e anti pluralista.

Nos detemos em cada um desses pontos buscando evidenciar como eles constituem, de um lado, os argumentos da improvável vitória de Bolsonaro e, de outro, de que forma componentes de sua trajetória, paradoxalmente, contribuíram para ela.

I. Baixa expressividade política

Em seu livro *Tormenta. O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos*, Thaís Oyama faz uma breve retrospectiva da atuação do atual presidente como parlamentar, demonstrando que, desde seu primeiro mandato na vereança do Rio de Janeiro até seus 28 anos como deputado Federal, Bolsonaro não teve uma trajetória expressiva no que se refere a proposição de projetos relevantes.

Mesmo aqueles em que esteve envolvido, circundavam pautas corporativas dos militares, além de projetos ligados à segurança pública e patriotismo.

Desde que chegou à Câmara, aos 35 anos, até seu último dia de mandato, aos 63 anos, Bolsonaro se limitou a apresentar, quase sempre como coautor, emendas de interesse dos militares, propostas jamais aprovadas para a área de segurança e ideias que foram direto para o anedotário do Legislativo, como o projeto de castração química de estupradores, a obrigatoriedade de civis cantarem o Hino Nacional com a mão no peito e a inclusão do nome de um dos seus ídolos confessos, o falecido Enéas Carneiro, no Livro dos Heróis da Pátria (OYAMA, 2020, p. 11)

A jornalista ainda menciona o espaço físico em que seu gabinete se encontrava, o Anexo 3, lugar com “salas diminutas e sem banheiro privativo” (p. 11), por essa razão, reduto de parlamentares com pouco prestígio na casa, o que demonstra que Bolsonaro figurava entre eles. Sua atuação anedótica e isolamento físico se somavam ainda ao baixo entrosamento com seus pares e com a própria rotina do ambiente legislativo.

Foi eleito vereador em novembro de 1988, com 11 mil votos, e passou dois anos na Câmara Municipal do Rio de Janeiro lambendo selos - lá, sua atividade mais frequente era o envio de correspondência aos eleitores. Como aconteceria nos anos seguintes na Câmara Federal, mostrou-se um legislador anódino. Não participava da vida política da Casa, não se empenhou em aprovar nenhum projeto importante nem integrou comissões relevantes. (OYAMA, 2020, p. 36)

Leonardo Avritzer também analisa o governo Bolsonaro em seu livro *Política e antipolítica, a crise do governo Bolsonaro*, onde menciona de maneira semelhante essa inexpressividade que acompanhou a carreira política do parlamentar até se tornar presidente da República.

Não se tem notícia de que Jair Bolsonaro tenha iniciado qualquer atividade ou projeto de expressão no Congresso Nacional nos seus 28 anos como deputado federal, a não ser a coautoria de um projeto de lei que propunha a legalização da fosfoetanolamina, conhecida como a pílula do câncer. Tudo parecia indicar que Jair Bolsonaro era um político irrelevante e assim continuaria. (AVRITZER, 2020, p. 09)

Enquanto crescia seu nome na opinião pública como uma alternativa possível para representar setores conservadores, Bolsonaro seguia como um político que não era levado a sério pelos seus pares.

A imagem que o deputado tinha perante seus pares ficou nítida em fevereiro de 2017. Naquele mês, Bolsonaro se candidatou pela terceira vez à presidência da Câmara e ficou em último lugar. De 512 deputados, apenas quatro votaram nele (além do próprio voto, teve o de Fraga, do Delegado Waldir e do Major Olímpio). Ninguém do Congresso o levava a sério. (OYAMA, 2020, p. 14)

Os três únicos apoios de Bolsonaro na ocasião revelam sua ligação com o setor militar. Delegado Waldir na época do PR (Partido Republicano) e Major Olímpio que, na época do Solidariedade, pelo próprio posto que ostentam em seu nome de urna já

são identificados com este setor. Ambos ingressaram no PSL (Partido Social Liberal) em 2018 junto com Bolsonaro.

Alberto Fraga, do DEM, mesmo sem a alcunha militar em seu nome de urna, também tem ligações com o setor militar. Amigo de Bolsonaro desde a década de 1980, quando frequentaram juntos a escola de Educação Física do Exército, Fraga é coronel da reserva da Polícia Militar do Distrito Federal.²²

Em 2014, enquanto Bolsonaro era o deputado mais votado pelo Rio de Janeiro, Fraga obteve o mesmo feito pelo Distrito Federal. Mas, diferente do amigo, possui uma trajetória parlamentar bem mais expressiva no que se refere a proposições de projeto de lei, a maioria delas relacionadas à segurança pública e carreira de profissionais ligados a ela como policiais e agentes penitenciários.

A despeito de ser correligionário de Rodrigo Maia, candidato do DEM a ser eleito presidente, Fraga manteve-se fiel ao amigo de longa data. A amizade e aliança entre os dois seria rompida em 2021, após Fraga perder sua esposa em decorrência da covid-19. Antes disso, o ainda amigo, mas já ex-deputado chegou a ser cogitado para assumir o Ministério da Segurança Pública.

II. Estrutura partidária exígua

Ao longo dessa trajetória como parlamentar, Bolsonaro transitou por sete partidos diferentes, muitos deles com o mandato em andamento. Já como candidato e posteriormente presidente da República transitou por mais dois, totalizando nove partidos em sua trajetória política. A maioria deles considerados “nanicos” pelo reduzido número de filiados e estrutura partidária.

Esse trânsito denota dois aspectos característicos de Bolsonaro: o personalismo que queria imprimir ao seu projeto de poder e sua identidade com o nicho de extrema direita.

²² Informações extraídas do site oficial do deputado. Disponível em: <http://deputadofraga.com.br/>. Acesso em 16 jan. 2022.

Quadro 1. Mandatos de Bolsonaro

Ano de eleição	Mandato	Partido de candidatura	CARGO
1988	1989 - 1990	PDC	Vereador - Rio de Janeiro
1990	1991 - 1995	PDC	Deputado Federal - RJ
1994	1995 - 1998	PPR	Deputado Federal - RJ
1998	1999 - 2003	PPB	Deputado Federal - RJ
2002	2003 - 2007	PPB	Deputado Federal - RJ
2006	2007 - 2011	PP	Deputado Federal - RJ
2010	2011 - 2015	PP	Deputado Federal - RJ
2014	2015- 2019	PP	Deputado Federal - RJ
2018	2019 -	PSL	Presidente

Fonte: elaboração própria

Quadro 2. Filiações partidárias de Bolsonaro

SIGLA	Período
PDC	1989 - 1993
PPR ²³	1993 - 1995
PPB ²⁴	1995 - 2003
PTB	2003 - 2005
PFL	2005 - 2005
PP	2005 - 2016
PSC	2016 - 2018
PSL	2018 - 2019
PL	2021 -

Fonte: Elaboração própria²⁵

Thais Oyama relata um episódio no mínimo curioso, que marcou a escolha de Bolsonaro pela legenda com a qual se lançaria finalmente candidato à presidência.

²³ O partido surgiu da fusão do PDC com o PDS, Bolsonaro foi um dos fundadores do novo partido.

²⁴ O PPR se juntou ao Partido Progressista (PP) e fundaram a nova legenda.

²⁵ Com base em informações extraídas do site da Câmara dos Deputados, disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia> e do Jornal o Globo, disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-passou-por-oito-partidos-desde-que-iniciou-carreira-politica-em-89-relembre-25298315>

O PEN (Partido Ecológico Brasileiro) com quem Bolsonaro vinha estabelecendo conversas desde sua saída do PSC em 2017, chegou a organizar evento para o anúncio oficial de sua filiação ao partido em agosto de 2017.

Durante o evento, contudo, Bolsonaro recebe o telefonema do Deputado Magno Malta que o aconselha a não o fazer. Malta teria alertado Bolsonaro de que o PEN era contrário à prisão de Lula em segunda instância. A dedução de Malta se devia a uma Ação Declaratória de Constitucionalidade (ADC) do advogado Antônio Carlos de Almeida e Castro sobre prisões em segunda instância que o partido abrigara no ano anterior.

Ao subir ao palco onde se consagraria candidato do partido, para decepção dos convidados ali presentes e, em especial do presidente do partido, Bolsonaro desiste da filiação. O episódio ilustra o personalismo de Bolsonaro e a disputa por sua candidatura entre os partidos nanicos de direita.

Conforme ia ascendendo nas pesquisas de opinião, Bolsonaro foi ganhando maior poder de barganha, uma vez que sua plataforma política arregimentava um importante contingente eleitoral. Abrigar sua candidatura era vista como uma forma de ganhar visibilidade para a legenda, assim como conquistar mandatos no legislativo.

O PEN era uma pequena e irrelevante sigla fundada em 2011, com apenas três deputados na Câmara. Seu presidente, Adilson Barroso, viu em Bolsonaro a chance de fazer sua legenda atingir outro patamar. Para tanto, dispôs-se a cumprir todas as vontades do ex-capitão: modulou-se ao gosto dele o estatuto e o programa de governo, aceitou até mudar o nome do partido - o “ecológico” desagrava a Bolsonaro. (OYAMA, 2020, p. 55)

Já sem Bolsonaro, o PEN alterou seu nome para Patriota em abril de 2018 e lançou a candidatura do pastor evangélico e bombeiro militar, Cabo Daciolo, à Presidência.

Antes dessa circunstância anedótica com o PEN, Bolsonaro havia lançado sua pré-candidatura pelo PSC, quando se filiou ao partido em 2016. Os motivos de sua saída da legenda apenas um ano depois, exemplificam o quanto a agenda moral já era central em sua plataforma, assim como o poder que adquiriu para negociar sua candidatura em torno dela.

Nas eleições municipais de 2016, ele já havia se irritado com a sigla - a sétima que o abrigava em sua carreira parlamentar - por ela ter feito

coligações com o PCdoB, **defensor do casamento gay e da descriminalização do aborto e das drogas**. (OYAMA, 2020, p. 55, grifo nosso)

A filiação ao partido pelo qual finalmente lançou sua candidatura, o PSL (Partido Social Liberal), ocorreu somente em sete de março de 2018. A essa altura já figurava em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto, atrás do ex-presidente Lula que seria preso exatamente um mês depois devido ao processo da Operação Lava Jato pelo qual também se tornou inelegível.

Durante o ato de filiação, um boneco inflável de Bolsonaro batendo continência foi colocado em frente ao Congresso Nacional, reforçando sua identidade de militar. Em seu discurso, enfatizou uma plataforma voltada para o liberalismo na economia e conservadorismo nos costumes.

Martin Egon Maitino, em seu artigo “Populismo e bolsonarismo”, interroga “Como Jair Bolsonaro, partindo de um nicho de extrema-direita, articulou um apoio massivo e diversificado capaz de angariar 46% dos votos válidos no 1º turno e transformar um partido nanico e sem recursos na 2ª maior bancada parlamentar?” (MAITINO, 2020, p. 2). A mesma interrogação perpassa as análises de Moura e Corbellini que afirmam:

[...] estávamos diante de um candidato outsider (autointitulado “fora do sistema”), com menos de dez segundos de tempo de televisão na propaganda oficial, sem estrutura partidária sólida que lhe garantisse palanques fortes nos estados. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 27)

Um detalhe não menos importante a ser considerado é que Bolsonaro ficou fora dos últimos debates presidenciais, devido ao atentado à faca sofrido. Porém no mesmo dia e horário do último debate, a Rede Record de Televisão, pertencente ao Bispo Edir Macedo, exibiu uma entrevista exclusiva com o candidato, transmitida simultaneamente pelas redes sociais e canal do YouTube da Emissora.

Diretamente decorrente da estrutura do partido, o pouco tempo que dispunha para sua campanha televisiva, antes considerado fator decisivo para o sucesso e mesmo a viabilidade de uma candidatura, contribuía para reforçar o entendimento de sua eleição como improvável nas análises. Como afirma Esther Solano,

Jair Bolsonaro ganhou as eleições com oito segundos de campanha televisiva, conseguiu que o até então insignificante PSL obtivesse 52

deputados e pôs o número 17 na boca da população, desafiando as análises clássicas da ciência política, as quais assumiam, categoricamente, que sem tempo suficiente de horário eleitoral gratuito e sem um partido político expressivo não havia chance nenhuma de o candidato chegar ao Planalto. (SOLANO, 2018, p. 246)

Contrariando esses prognósticos, a estrutura partidária e o escasso tempo de propaganda eleitoral na TV não foram impeditivos para seu sucesso. Moura e Corbellini assinalam a partir de suas pesquisas que, paradoxalmente, esse trânsito pode inclusive ter contribuído para reforçar sua imagem de “homem honesto”.

O fato de Bolsonaro ter passado por vários partidos, entre os quais muitos envolvidos na própria Lava Jato, ou de haver acumulado sete mandatos parlamentares, ao contrário de o fragilizar, pode ter fortalecido sua imagem. O raciocínio dos eleitores estava num outro plano muito mais simples, muito mais elementar. Todos os partidos estavam, indistintamente, rotulados como “corruptos”, e o fato de Bolsonaro ter convivido nesse ambiente saturado de escândalos por tanto tempo, sem ter qualquer processo contra si, era percebido como prova incontestável de honestidade. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 71)

Os conflitos e rompimentos partidários não se encerraram em sua candidatura. Já eleito, após atritos com o presidente do partido, Luciano Bivar, Bolsonaro rompe com o PSL em novembro de 2019 e anuncia a criação de um novo partido, o “Aliança pelo Brasil”. O partido cujo número escolhido foi 38, uma alusão ao calibre de munição, chegou a receber ato de lançamento e até placa com o número formado por munições de diferentes calibres, porém não conseguiu os requisitos necessários para ser registrado.



Figura 3. Imagem reprodução da página do Estadão. Foto: Gabriela Biló 22/11/2029

Com a saída do PSL e a criação de seu próprio partido frustrada, Bolsonaro permaneceu por dois anos na presidência sem vínculo partidário, se filiando ao PL apenas em novembro de 2021.

Essa singularidade de um presidente governar por dois anos sem uma estrutura partidária que o respalde e oriente, reforça o personalismo de Bolsonaro e a força do movimento que se constituiu em torno da sua figura.

III. Discurso antidemocrático

Outro elemento fundamental que colocava a eleição de Bolsonaro no terreno do improvável era justamente o caráter antidemocrático de suas declarações públicas. Este elemento é o que mais nos interessa por estar diretamente relacionado com a agenda antigênero que Bolsonaro mobiliza em seu discurso, cujo conteúdo é marcadamente excludente, preconceituoso e autoritário.

[...] ao longo de sua carreira, colecionou manifestações no mínimo polêmicas e com alto potencial destruidor para uma carreira política: defendeu publicamente a tortura e a ditadura militar, disse que o ex-presidente Fernando Henrique merecia ser “fuzilado”, chamou uma jornalista de vagabunda, falou a uma deputada federal que não a estupraria porque não merecia e afirmou que negros quilombolas não servem nem para procriar, além de colecionar frases criticadas pelo sentido homofóbico. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 28)

Da mesma forma que com os fatores anteriores, ao contrário do que se supunha, os pronunciamentos de Bolsonaro não o levaram à ruína, mas, em certa medida, contribuíram com sua ascensão rumo ao planalto depois de quase 30 anos de carreira pública. Para Moura e Corbellini, mais uma vez, “numa época de descrença, a contundência de suas declarações gerava engajamento e mobilização [...] Ele não venceu as eleições apesar de suas declarações polêmicas, mas também por causa delas” (MOURA; CORBELLINI, 2019, pp. 73-74).

No plano discursivo, Bolsonaro se dedicava a defesa da família tradicional cristã e à “proteção da inocência das nossas crianças”, o

que ajudava os eleitores a sublimar suas frases de conteúdo machista. (MOURA; CORBELLINI, 2019, pp. 80-81)

Como buscamos demonstrar no primeiro capítulo, a agenda moral religiosa das cruzadas antigênero, esteve na centralidade política das eleições presidenciais de 2018, o que mostra que já vinha há tempos encontrando porosidade para seu desenvolvimento e acomodação na arena política.

Em seu trabalho sobre o neoconservadorismo brasileiro, Marina Basso Lacerda (2019, p. 187) aponta essa agenda moral-religiosa como responsável para Bolsonaro quintuplicar seus votos como Deputado Federal (RJ) de 2010 para 2014 - sendo o primeiro mais votado - como se pode observar na Tabela abaixo elaborada por Lacerda a partir de dados do Tribunal Superior Eleitoral:

Quadro 3. Evolução dos votos de Jair Bolsonaro para deputado federal do Rio de Janeiro

Ano	Votação de Jair Bolsonaro para deputado federal pelo Rio de Janeiro	Diferença em relação à eleição anterior
1994	111.927	
1998	102.893	-8%
2002	88.945	-14%
2006	99.700	12%
2010	120.646	21%
2014	646.572	436%

Fonte: Lacerda, 2019, p. 187

Vale lembrar que se trata da 6ª legislatura de Bolsonaro e que, na eleição de 2002, mesmo ano em que Lula e seu Projeto Democrático Popular saíram vitoriosos das eleições presidenciais, Bolsonaro teve uma queda de 14% em relação à legislatura anterior. Nas eleições de 2006 e 2010 obteve um aumento, mas ainda tímido se comparado à explosão em 2014.

Não houve, portanto, um aumento progressivo de números de voto ao longo de sua candidatura que pudesse sugerir um crescimento gradual, à medida que avançava em suas legislaturas, o que torna as eleições de 2014 e seu contexto anterior, um marco significativo para a análise.

Em 2014, ano da eleição histórica de Bolsonaro, a configuração do Congresso se alterou significativamente como um todo. Era eleito naquele ano o Congresso Nacional mais conservador desde a Ditadura Civil Militar (1964 -1985), representado pelo fortalecimento da bancada apelidada como BBB (Boi, Bala, Bíblia), uma referência aos setores mais conservadores representados no Congresso: ruralistas, militares e religiosos.

De acordo com Marina Basso Lacerda, Bolsonaro acumulou forças nos anos anteriores a partir da mobilização de pautas conservadoras. Segundo ela, “o diferencial de sua atuação nesses anos é justamente a mobilização dos temas relacionados à moral sexual, que não compunham seu repertório anteriormente” (LACERDA, 2019, p.187)

Acompanhando essa transformação no discurso e o programa de Bolsonaro no sentido da aproximação com a plataforma do neoconservadorismo, diz Lacerda que

A fotografia dos últimos dezoito anos não atende exatamente a uma plataforma neoconservadora. Embora o militarismo interno e o externo estejam presentes, e embora exista a ênfase em uma militância anticomunista estilo Guerra Fria, ele não foi um típico defensor da família tradicional nem da religião. Mas, olhando mais recentemente, Bolsonaro passa, sim, a atender a plataforma propriamente conservadora. (LACERDA, 2019, p.186)

Não descartando, contudo, que mesmo antes desse período, Bolsonaro já articulava seu discurso tendo como um dos eixos este capital moral-religioso, como é o caso do kit anti homofobia batizado por ele de “*kit gay*”, que em sua campanha será recuperado já sob a égide do dispositivo “ideologia de gênero”.

Para a pesquisadora Isabela Kalil, que vem se debruçando sobre o entendimento deste fenômeno, essas agendas, antes mesmo de 2013, já eram mobilizadas em reação ao PNDH-3 (Programa Nacional de Direitos Humanos -3). Em uma entrevista para ao jornal *O Globo*, para a reportagem: “as origens do Bolsonarismo”, diz Kalil que

Mesmo nas manifestações de 2013, ao ouvir diferentes atores sociais naquele contexto, já era possível identificar reações aos desdobramentos do PNDH-3 que, ao longo dos anos, se materializaram em pautas hoje já bem conhecidas, como posições contrárias à laicidade do Estado; ampliação da posse e do porte de armas; posições antigênero; contra a diversidade de orientação sexual; contra a discussão de temas ligados à sexualidade nas

escolas; contra a ampliação do acesso ao ensino superior por parte de jovens negros, pobres, indígenas ou mesmo egressos de escola pública; defesa de intervenção militar; entre outras pautas. (KALIL, 2019 s/p.)

De fato, Bolsonaro já possuía em seu discurso o combate a posturas consideradas por ele desviantes, como é o caso das relações homoafetivas e igualdade das mulheres perante os homens.

Porém, se antes esses elementos já estavam presentes, eles vão ganhando maior ênfase conforme Bolsonaro vai se desenhando de fato enquanto candidato à presidência e se aproximando de setores religiosos conservadores ou de extrema direita como definem alguns autores (Venâncio, Safatle, entre outros).

Certas expressões passam a integrar o corpus discursivo de Bolsonaro como é o caso do sintagma/ dispositivo “ideologia de gênero” que vai aparecer durante a campanha em 2018 e em seu discurso de posse como tradução daquilo que já anunciava de forma difusa anteriormente.

Essa incorporação mais enfática de uma agenda antigênero é coincidente com as campanhas ou cruzadas empreendidas contra a inclusão da meta pela igualdade de gênero no Plano Nacional de Educação (PNE), que tratamos no capítulo anterior.

Em estudo sobre as “Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010”, Lucas Bulgarelli identificava como parte importante da plataforma de Bolsonaro, então deputado federal, “uma agenda que disputa estes direitos [relativos à sexualidade e reprodução] de modo a promover torções significativas em conceitos como o de gênero, a fim de que ele opere como um mobilizador do medo”. (BULGARELLI *In* SOLANO, 2018, posição 1652).

Ainda que sem muita apropriação do conteúdo e ferramentas discursivas próprias do neoconservadorismo religioso, Bolsonaro dialoga com este capital religioso conservador, acentuando em suas falas públicas, dispositivos que mobilizam o ressentimento, o medo e o ódio contra um inimigo identificado ora com a esquerda, ora com o feminismo e movimentos LGBT, ora com ambos conjuntamente

A votação que deu início ao processo de *impeachment* no Congresso, em 17 de abril de 2016, é emblemática da presença proeminente de um capital simbólico conservador acumulado nos anos precedentes, que colocava a família como eixo central da sociedade, a qual deveria ser defendida de uma corrupção moral atribuída aos governos petistas e por extensão à toda esquerda.

Os deputados votantes pela abertura do processo declaravam seu voto em nome de Deus e da família, muitas vezes a própria família dos deputados, com nomes de esposas, maridos, filhos, netos, era evocada.

Em todo o processo de *impeachment*, forças político-religiosas conservadoras tiveram importante destaque. Bolsonaro, deputado federal pelo PSC na época e até então um deputado considerado do “baixo clero”, inaugurou aquele que veio a se tornar seu slogan de campanha e nome da coligação pela qual seria eleito: “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*”.

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos dessa Casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. **Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo**, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim. (BOLSONARO, 2016)

Bolsonaro saudou o Coronel Brilhante Ustra, notório torturador da Ditadura Civil Militar, celebrando feitos de que a própria presidenta Dilma havia sido vítima, ainda que não pelas mãos de Ustra. Ao mesmo tempo defende a “inocência das crianças em sala de aula”, uma alusão ao movimento “Escola sem Partido”. Evidenciando assim, sua dupla vinculação: o discurso moral conservador e o autoritarismo militar.

No mesmo dia em que era votada a abertura do processo de *impeachment* da presidenta no Senado, 12 de maio, se deu outro marco significativo na aproximação de Bolsonaro com setores religiosos conservadores: seu batismo nas águas do Rio Jordão, em Israel, pelas mãos do pastor Everaldo.

Pastor da Assembleia de Deus, Everaldo Dias Pereira, era também presidente nacional do Partido Social Cristão (PSC), partido ao qual Bolsonaro havia se filiado em março de 2016 e pelo qual se lançou a uma pré-candidatura à presidência.

Desde Israel, Bolsonaro gravou vídeo comemorando a decisão do Senado que, com 55 votos favoráveis contra 22 contrários, autorizou a abertura do processo e determinou o afastamento de Dilma Rousseff da presidência por 180 dias. A partir desse ritual político religioso fortemente simbólico do batismo, Bolsonaro desponta como o candidato dos setores religiosos conservadores.

Já ocupando a cadeira da presidência em 2019, Bolsonaro passa por seu terceiro batismo, dessa vez pelas mãos do bispo e Fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Edir Macedo. O batismo aconteceu durante culto presidido por Macedo no Templo de Salomão²⁶.

Embora batizado no catolicismo e depois em duas diferentes denominações evangélicas, Bolsonaro não se declara pertencente a uma denominação específica, mas se apresenta como defensor dos valores cristãos. Se mostra assim, como alguém capaz de abarcar o essencial das religiões no que se refere aos seus valores morais, sem se comprometer em demasia com uma, de modo a afastar outras.

Os batismos de Bolsonaro oferecem uma simbologia exemplar de como ele transita dentro do campo religioso conservador por diferentes denominações religiosas. Ao mesmo tempo que incorpora os elementos que as aproxima, não se compromete com nenhuma.

Seus vínculos não se referem, portanto, a uma denominação religiosa particular, mas a um projeto político, econômico e ideológico compartilhado com um amplo setor religioso conservador que engloba evangélicos e católicos de diferentes vertentes.

Por essa aproximação, ganha mais visibilidade como aguerrido defensor de pautas relativas ao gênero, sexualidade e autonomia reprodutiva, resumidas no dispositivo “ideologia de gênero”.

Tais pautas passam a ganhar centralidade em seus pronunciamentos oficiais e extraoficiais e a incorporar sua plataforma de governo. À disputa entre Bolsonaro (PSL na época) e o candidato do PT, Fernando Haddad - que foi ministro da Educação na gestão Dilma em 2011, quando o Ministério elaborou o material Escola sem Homofobia - circundou essa agenda moral conservadora.

O fato de Bolsonaro não cumprir os requisitos considerados indispensáveis para o sucesso eleitoral e, ainda assim, o alcançar, demonstra o quanto mudanças multidimensionais já vinham se processando na sociedade brasileira há tempos e, com alcance mais profundo do que podíamos captar a olho “nu”. Dentre elas temos: as mudanças nas formas, conteúdos e meios das campanhas eleitorais; no perfil e

²⁶ O Templo de Salomão é uma réplica do Templo de Salomão citado na Bíblia. Sede da Igreja Universal do Reino de Deus, o templo é uma obra monumental situada na cidade de São Paulo e se tornou um dos pontos turísticos mais visitados do país. Foi inaugurado em 2014, depois de quatro anos sendo construído.

anseios do eleitorado brasileiro e a reativação da ultradireita e do conservadorismo religioso associado a ela.

2.2 O “Messias” de um exército conservador

No encontro da Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC) - sigla em inglês para *Conservative Political Action Conference* - ocorrido no Brasil em 11 de outubro de 2019, Damares Alves, que já ocupava o posto de ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, revela a atuação de bastidores do que chama de “exército conservador”, que se mobilizava para barrar projetos que ferissem valores morais cristãos.

Por anos, gente, nós tivemos um exército de conservadores que trabalhou de forma anônima no Congresso Nacional, e eu preciso fazer uma homenagem a este exército. Meninos e meninas anônimas. E eu estava lá com esse exército no passado. Muita coisa foi evitada no Congresso Nacional e no Brasil de hoje, porque esse exército estava trabalhando muito. (ALVES, 2019 *in* CPAC Brasil)

A expressão de Damares é conveniente pelo caráter bélico e ao mesmo tempo religioso de toda essa movimentação. Como demonstramos no primeiro capítulo, essa era uma característica das cruzadas contra o gênero.

Ao longo de seu discurso de mais de 40 minutos, a ministra ressaltou a importância crucial de Jair Messias Bolsonaro, quando ainda era deputado federal, em ser porta-voz desse exército dentro do Congresso.

Vocês não têm ideia como a gente trabalhava nos bastidores naquela época, nós não tínhamos um movimento tão grande como esse. Nós muitas vezes fomos vozes solitárias. E vou dizer, em muitas vezes só podemos contar com um parlamentar que por obra e graça de Deus é Presidente da República hoje. (ALVES, 2019 *in* CPAC Brasil)

O evento foi trazido para o Brasil por Eduardo Bolsonaro, que também atua como apresentador, e financiado pelo Instituto de Inovação e Governança (Indigo), fundação mantida pelo PSL, legenda que abrigava Jair Bolsonaro na época.

Ao anunciar Damares Alves, Eduardo Bolsonaro faz referência a uma das falas polêmicas da ministra: “E é pra dizer que azul é azul e rosa é rosa, eu gostaria que ficasse aqui ao lado já, a nossa querida ministra Damares Alves.” A Ministra é

ovacionada enquanto Eduardo Bolsonaro solicita seu currículo ao assistente para lê-lo em seguida.

A declaração de Damares revela a incidência que grupos conservadores, no caso de setores evangélicos, tiveram sobre o Congresso Nacional e, o quanto Bolsonaro estava se construindo como uma liderança, um verdadeiro “Messias” desse “exército conservador”. Esses feitos eram repercutidos pelas redes sociais e púlpitos das igrejas, ampliando cada vez mais o exército que via em Bolsonaro, o salvador.

Também merece destaque nessa construção de uma figura messiânica em torno de Bolsonaro, o atentado que sofreu já às vésperas da eleição e, as narrativas²⁷ que serão construídas em torno dele. O atentado ocorreu em 6 de setembro de 2018 enquanto realizava um ato de campanha, em Juiz de Fora, Minas Gerais. O agressor, identificado como Adélio Bispo de Oliveira, desferiu uma facada contra o abdômen de Bolsonaro, que era carregado por apoiadores.

Em decorrência de tal ato, Bolsonaro precisou passar por cirurgia e ficar hospitalizado por mais de 20 dias, o que o afastou dos comícios e debates presidenciais. Enquanto esteve internado, contudo, aumentou cinco pontos percentuais, de 22 para 27% de intenção de votos, se consolidando assim, na liderança das pesquisas.

Muitas narrativas foram construídas em torno do atentado, tanto por parte de seus opositores, quanto de apoiadores, de que o episódio da facada teria sido fator determinante para sua vitória.

O jornalista Joaquim de Carvalho, afirma em seu documentário investigativo: “Adélio e Bolsonaro: uma *fakeada* no coração” que sem este episódio, Bolsonaro não teria sido eleito. Para o jornalista, sua base de campanha, sendo as *fake news*, poderia ser facilmente desmontada a partir dos debates, dos quais Bolsonaro ficou livre devido à sua recuperação. Contudo, como lembram Moura e Corbellini,

A Análise histórica não admite o “se”. É muito difícil estabelecer um parâmetro para debater o quanto da campanha de 2018 poderia ter outro destino se o atentado não tivesse ocorrido, se o resultado final seria ou não diferente. Mas nossa hipótese é que, bem antes desse episódio, as condições que apontavam para a vitória de Bolsonaro já estavam se constituindo. (MOURA, COBNELINI, 2019, p. 29)

²⁷ Nos referimos aqui às narrativas construídas a partir da própria campanha de Bolsonaro e seus apoiadores e não às suspeitas levantadas quanto à veracidade do atentado, já que elas não puderam ser provadas até o momento.

Partilhamos dessa hipótese dos autores, de que as condições para a vitória de Bolsonaro já estavam sendo constituídas, antes mesmo da campanha eleitoral ser iniciada oficialmente.

Mas o que nos interessa são as narrativas criadas pelo próprio Bolsonaro e seus apoiadores, em especial seus filhos, sobre o episódio. Seu filho Flávio Bolsonaro, por exemplo, afirmou dias depois em entrevista ao jornal Folha de São Paulo²⁸ que seu pai não seria “eleito por causa de uma facada. Ele tomou a facada porque já estava eleito. Essa é a realidade, doa a quem doer”, atribuindo o atentado aos seus adversários políticos. E segue afirmando que o Brasil “está mais do que nunca unido em torno do Bolsonaro e vai ser no primeiro turno. Eles queriam matar o meu pai para tirá-lo da disputa”²⁹.

O atentado foi capitalizado para a campanha de Bolsonaro, utilizado para demonstrar a ameaça real de seus inimigos e por outro lado, atribuir sua salvação pelo poder da oração e da vontade de Deus, para que cumprisse a missão de livrar o Brasil do mal causado pelos governos anteriores, os inimigos da moral e da família. A narrativa de um “Messias” salvador ia tomando cada vez mais corpo.

Seu filho e conselheiro de campanha, Carlos Bolsonaro, em entrevista ao jornal português Diário de Notícias, atribuiu a recuperação do pai a uma “segunda oportunidade” dada por Deus³⁰. O próprio Bolsonaro em sua primeira postagem depois do atentado, agradeceu sua família, Deus e orações pela sua recuperação.

A partir deste evento, ocorre uma virada na estratégia de campanha, que passou a ganhar mais força nas redes sociais, com o trabalho “nas ruas” sendo deixado para aliados, como afirma reportagem da Folha de São Paulo de 08 de setembro de 2018³¹.

Após o atentado, menções ao ocorrido e ao nome de Bolsonaro estiveram entre os assuntos mais comentados, chegando em segundo lugar nos *Trending Topics* mundiais. E nas emissoras de TV, onde contava com tempo irrisório, passou a ser o

²⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/meu-pai-nao-vai-ser-eleito-por-cao-de-uma-facada-diz-flavio-bolsonaro-em-1o-ato-apos-ataque.shtml>

²⁹ *Idem*.

³⁰ Disponível em: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/23-set-2018/carlos-bolsonaro-deus-deu-ao-meu-pai-uma-segunda-oportunidade-9892655.html>

³¹ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/bolsonaro-passara-sua-campanha-para-as-redes-e-deixara-ruas-para-aliados.shtml> acesso em 04 junho de 2021.

principal assunto dos noticiários, ganhando assim mídia espontânea muito superior aos seus adversários.

O atentado, porém, não somente direcionou milhões de seguidores para as plataformas de interação de Bolsonaro, mas também deslocou a discussão política para o ambiente digital. Bolsonaro, então, saiu do mundo real para habitar somente o mundo digital. Sem entrar no mérito do preparo do candidato, o fato é que a facada o tirou das sabatinas e debates, e o colocou no centro, para não sair mais, da comunicação via redes sociais e WhatsApp; ou seja, na sua própria zona de conforto. (MOURA, CORBELLINI, 2019, pp. 126-127)

Essa virada é extremamente importante para o entendimento de como Bolsonaro conseguiu ganhar uma eleição tendo poucos minutos de TV, antes considerado como elemento fundamental para o êxito de uma campanha eleitoral.

Esther Solano, para quem os afetos são determinantes nas campanhas eleitorais, afirma que em 2018 os afetos principais mobilizados foram o ódio e o medo

Esses dois afetos foram centrais na campanha singular de Bolsonaro, realizada majoritariamente pelas redes sociais e desde o hospital, após o atentado sofrido. Mas se remetem a movimentos anteriores, responsáveis em parte por sua eleição. Sobre essa questão, afirma Ângela Alonso que

Ao assimilar esses tópicos, a candidatura de Bolsonaro falou aos estratos sociais afligidos com a mudança de costumes e desejosos de restaurar a hierarquia de gênero, a dominância do casamento heterossexual, a orientação religiosa da conduta, a educação baseada na autoridade. (ALONSO in VÁRIOS, 2018, p. 46)

Se antes Bolsonaro era conhecido pelo corporativismo militar, a defesa do autoritarismo e da rigidez nas políticas de segurança pública a quem pouco se levava a sério, agora era reconhecidamente um defensor e representante de uma agenda moral assentada em valores religiosos cristãos conservadores.

Vemos assim, na trajetória de Bolsonaro, seu deslocamento de figura política caricata, risível, para ocupar o lugar de “Messias”, na mentalidade de grande parcela da sociedade brasileira, considerando aqui os mais de 57 milhões que o elegeram em 2018.

Em 2017, seu primogênito, Flávio Bolsonaro, apelidado pelo pai de 01 (zero um) publica um livro biográfico sobre o pai intitulado: *Jair Messias Bolsonaro. Mito ou*

verdade, explorando a alcunha recebida pelo pai nas redes sociais. Contudo, é seu nome do meio, Messias, que vai ser explorado em narrativas soteriológicas, que o apontam como o redentor do Brasil.

No livro, escrito após a votação do impeachment da presidenta Dilma no Congresso, quando Bolsonaro inaugurou seu lema: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, nos deparamos logo de cara com a epígrafe “*E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (João 8:32). Citação que veremos com recorrência na campanha presidencial. No prefácio do livro, Flávio Bolsonaro se refere ao pai como

[...] a esperança de milhões de brasileiros, cansados de sucessivos governos que deixaram como legado a hipocrisia, o populismo, a exploração da pobreza, a roubalheira, o desemprego, a insegurança, **a promiscuidade política e moral**, a falta de amor à pátria e **a ausência de Deus no coração**. (BOLSONARO, F, 2016, p. 05)

Segundo o que conta seu filho no livro, Bolsonaro inicialmente se “chamaria apenas Messias Bolsonaro, caso viesse um homem, pois sua mãe era muito católica, vinha de uma gravidez bastante complicada e atribuíu a Deus o milagre dele ter nascido”. (BOLSONARO, F, 2017, p.07)

Após o episódio da facada, essa narrativa soteriológica será ainda mais fortalecida. Bolsonaro é apresentado como um redentor perseguido por seus opositores, ou melhor dizendo, inimigos políticos, sendo quase assassinado por eles.

Porém, Deus o salvou para completar sua missão e livrar o país da dupla corrupção (econômica e moral), como lembra Ângela Alonso (2019).

“Ética na política” e moralização dos costumes foram se emparelhando no debate público desde o início do governo Dilma. A comunidade moral bolsonarista entrelaçou as tópicas, sobrepondo corrupção administrativa e de costumes. Pôde, assim, equiparar a probidade nos negócios públicos à morigeração dos lares do brasileiro médio e operar com a oposição moralizado × corrompido. [...] Bolsonaro prometeu esmagar uma corrupção dupla, de valores monetários e morais. (ALONSO In VÁRIOS, 2019, pp. 41-42).

Moura e Corbellini, que se dedicam desde antes das eleições de 2018 a pesquisas sobre o eleitorado brasileiro, estão entre os poucos que previam uma tendência favorável a Bolsonaro.

Bolsonaro ocupou um espaço conservador que é expressivo no Brasil e que esteve órfão de uma liderança política nacional no curso de toda era de polarização PT X PSDB. Encaixou Deus no centro de sua mensagem (“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”), trouxe a defesa da família para dentro de seu programa e criou demônios para mobilizar o medo de seus ‘fiéis’: o “kit gay”, a ideologia de gênero”, o “gayzismo militante” e as “feministas defensoras do aborto”. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p.82)

Para os autores, a partir da pesquisa realizada pelo IDEA Big Data em junho de 2018, “nenhum dado parecia dar fundamento sólido para a crença disseminada entre analistas e elites partidárias de que Bolsonaro se dissolveria, ou perderia para qualquer adversário no segundo turno. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p.37).

Uma narrativa que estava tão impregnada na mentalidade de eleitores de Bolsonaro, que a campanha eleitoral dos demais candidatos não foi capaz de desconstruir o “sentimento social reinante” (MOURA; CORBELLINI, 2019).

Os autores falam do efeito “apito de cachorro” do discurso de Bolsonaro, enquanto a política tradicional e parte da grande mídia não dava qualquer credibilidade ao que falava,

[...] seus potenciais eleitores, na vida real, escutavam e reagiam com engajamento. Bolsonaro falava em outra frequência. A simplicidade, os erros de conjugação e a articulação aparentemente tosca das falas construíram diques de proteção onde mais interessava: nos ouvidos dos eleitores. O elemento **autenticidade se impunha**. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p.64, grifo nosso)

A pesquisa realizada (Idea Big Data) pós eleições presidenciais com eleitores evangélicos de Bolsonaro, demonstrou as ressonâncias do seu discurso a respeito da agenda moral religiosa conservadora na mentalidade e expectativas desses eleitores.

Moura e Corbellini (2019, p.81), citam algumas dessas falas onde isso se evidencia: “Que ele preze e olhe pelos anseios da família tradicional e não permita a aprovação de leis que sejam contra a moral e os valores cristãos” (Eleitor evangélico, porto Alegre, classe C, 28 anos). Outra eleitora cita a ideologia de gênero como ameaça e expressa suas expectativas de que Bolsonaro “acabe com essa história de ideologia de gênero nas escolas para os nossos filhos não terem que aprender que ser menino ou menina é uma escolha.” (Eleitora evangélica, São Paulo, classe C, 33 anos). Outra ainda cita o chamado “kit gay” como forma de sexualização precoce das crianças, ideia muito propagada por Bolsonaro: “O ‘kit gay’ não é correto, ainda mais

para crianças de 5, 6 anos. Há muita sexualidade nas escolas hoje, e a inocência das crianças deve ser preservada.” (Eleitora evangélica, classe C, 34 anos).

Em pesquisa realizada em novembro de 2018, encomendada pela Avaaz com eleitores do Bolsonaro, Maurício Moura constatou que um terço dos entrevistados acreditava na mamadeira erótica e 50% acreditavam que o “Kit gay” fazia parte das políticas de Haddad, caso fosse eleito.

Essas ressonâncias demonstram o quanto as *fake news* circundaram essa agenda moral-religiosa, difundidas por multiplataformas: as redes sociais digitais, aplicativos de mensagens e pelas mídias tradicionais. Seja por uma abordagem jornalística, seja pelo entretenimento, elas faziam ecoar uma atmosfera de medo, insegurança e ódio.

As redes sociais digitais e aplicativos de mensagem instantânea, em especial o WhatsApp, tiveram papel preponderante na produção e difusão de *fake news*, bem como na construção e destruição de campanhas eleitorais, sobretudo entre 2016 e 2018.

Em 2018, quando o escândalo da Cambridge Analytica revelava a utilização de mais 85 milhões de perfis do Facebook para a divulgação de *fake news* que apoiavam o *Brexit* e a Eleição de Donald Trump em 2016, o Brasil elegia Bolsonaro, seguindo a mesma estratégia de divulgação de mensagens falsas por redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea. Como assevera Di Fátima,

[...] A vitória de Jair Bolsonaro, nas urnas, por 55,1% dos votos, encerra um ciclo - em que as pessoas acreditavam que a tecnologia poderia derrubar tiranos - e abre outro - em que a manipulação de *fake news* põe a democracia liberal contra a parede. Contudo, essa história não começa em 2018, quando o capitão reformado do Exército transformou sua campanha numa cruzada: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. É um processo longo e atroz, em que as explicações nem sempre são evidentes e os seus resultados surpreendem. Começa na eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e no referendo do *Brexit*, pela saída do Reino Unido da União Europeia. (DI FÁTIMA, 2019, p. 07)

Moura e Corbellini, contudo, acreditam que há uma supervalorização do papel das *fake news* no resultado da eleição de 2018. Para os autores, esse papel não pode ser considerado como decisivo para a vitória de Bolsonaro.

Convém cuidado ao apontar uma correlação direta entre *fake news* e resultado de eleição. É operação extremamente complexa. Isolar o efeito de uma notícia falsa na decisão de voto é um exercício possível, mas de improvável conclusão. (MOURA, CORBELLINI, 2019, p. 128)

Ao olhar para a receptividade que tiveram as *fake News*, Moura, Corbellini, Solano, entre outros, percebem que sua proficuidade estava relacionada a uma construção anterior que foi capaz de conquistar mentes e corações e acionar dispositivos previamente posicionados.

independente do impacto que disparos profissionalizados de conteúdo na rede possam ter tido na eleição, o que nos parece é que foi menor do que aquele decorrente do engajamento espontâneo e voluntário e da grande quantidade de conteúdo gerado por eleitores de Jair Bolsonaro. (MOURA, CORBELLINI, 2019, p. 132)

Essas afirmações nos sugerem que além de olhar para os meios, os conteúdos mobilizados por essas mensagens e sua conexão com um capital moral constituído anteriormente ajudam a explicar a adesão e engajamento que foram capazes de atrair.

No mesmo sentido, afirma Esther Solano que enquanto a esquerda respondia a mamadeira erótica e “kit gay” com ridicularização, folclorização e caricaturização, estava se processando “um grande universo simbólico consensuado, convergente em torno desses elementos” (SOLANO, 2022).

Apesar de não serem o grupo majoritário do eleitorado de Bolsonaro, segundo Alonso, os chamados “bolsonaristas de coração”, constituem sua base de apoio fundamental. Sintonizados na mesma frequência de Bolsonaro, formam um exército fiel engajado na defesa e difusão de suas ideias.

Existem três grandes tendências dentro deste eleitorado. Uma são os bolsonaristas de coração, que realmente têm uma **adesão de natureza moral**, compartilham um conjunto de valores que o Bolsonaro representa. Para essas pessoas ele de fato é o *mito*, uma figura que representa tudo o que elas veem como positivo e que elas gostariam de corrigir. Para este universo, **amparado em uma ideia de família, discurso religioso moralizante**, nacionalista, de salvação da pátria e militarista, nenhuma notícia contrária ao Bolsonaro cola. **Porque é uma adesão de natureza emotiva ao líder**. Então tudo que vem contra o líder vem como se fosse o inimigo tentando deslegitimar. (ALONSO, 2019b, s/p. grifo nosso)

A relação entre Bolsonaro e os evangélicos e, como estes últimos se constituíram como sua base fiel a despeito de todos os escândalos de seus primeiros anos de governo, é abordada por Brenda Carranza. Em análises recentes sobre eventos evangélicos com Bolsonaro no contexto da pandemia de Covid-19, Carranza aponta os interesses dessa coligação, enfatizando a posição de messias que

Por meio de uma interpretação religiosa da situação atual, esses líderes buscam: a) fortalecer-se como porta-vozes de um campo religioso heterogêneo, b) consolidar a imagem do Brasil como nação cristã nas bases das igrejas e na sociedade em geral, e c) reforçar o caráter religioso nas determinações do presidente, **elevando-o a um messias que salvará o Brasil de qualquer catástrofe, a começar pelo comunismo, pelo feminismo e pela pandemia.** [CARRANZA, 2020, s/p, grifo nosso)

Também grupos e lideranças católicas conservadoras o elevavam a essa posição. Como já apresentamos no capítulo anterior, o campo católico conservador contribuiu imensamente com a divulgação de Bolsonaro como o candidato da família cristã, que salvaria o país da desordem moral preservando os valores cristãos.

Padre Paulo Ricardo, que citamos no capítulo anterior, é exemplo agudo desde a hierarquia Católica. O padre utilizou seu canal no Youtube, blog e redes sociais para apoiar e pedir apoio a Bolsonaro, defendendo inclusive sua política de armamento.



Figura 4. Foto reprodução de Congresso em foco em 07 de jan. de 2019.

Quanto a organizações católicas leigas, destacamos a atuação do Centro Dom Bosco de Fé e Cultura (CDB), fundado em 2016 e composto por jovens católicos com idade entre 20 e 30 anos, de maioria masculina e com os pilares fundamentais “rezar, estudar e defender a fé”. Segundo informações do site, formam “soldados de Cristo

por meio da via espiritual e intelectual para atuar na cultura, defendendo a fé verdadeira”.

Em sua curta existência, o CDB já ajuizou mais de 15 ações³², dentre elas a que pedia a retirada do Especial de Natal do Porta dos Fundos da Plataforma de *streaming* Netflix.

Nas palavras de seu presidente, o Centro se define como um “apostolado, que se propõe a reunir fiéis leigos que estejam em busca da verdadeira Tradição Católica”. Da sua estrutura rigidamente hierárquica estão excluídas as mulheres que constituem um apostolado especial destinado à “oração e penitência”.

Não escondem sua contradição com o Estado laico, ostentando seu desejo de “ver novamente de pé a Cruz de Cristo na sociedade brasileira, [tendo como missão] ajudar a Santa Igreja Católica na salvação das almas”.

Em suas redes sociais, o CDB declarou explicitamente seu apoio a Bolsonaro, por meio de várias postagens que o enalteciam como o candidato “dos cristãos”, contra o mal do comunismo e do feminismo, muitas vezes sintetizados na expressão “ideologia de gênero”

Essas postagens são interessantes pois revelam uma rede de articulação conservadora que fornecia uma narrativa de que os males do país tinham um fundo moral e indicava Bolsonaro como salvador de todos eles.

Em 26 de setembro, o Centro Dom Bosco de Fé e Cultura compartilhou em sua página do Facebook, uma foto dos padres Omar e Jorjão em visita ao presidencial no hospital após o atentado sofrido no dia seis daquele mês.

³² Conf em <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=Centro+Dom+Bosco+de+F%C3%A9+e+Cultura>



Figura 5. Print de postagem do dia 26/09/2018 na página do Facebook do CDB

Na legenda, declaravam seu apoio também a outros candidatos bolsonaristas para cargos legislativos: Flávio Bolsonaro ao Senado, Chris Tonietto para deputada federal e Márcio Gualberto para deputado estadual do Rio de Janeiro. Outro que figurava entre os candidatos do centro era Wilson Witzel, candidato a governador pelo Rio de Janeiro, do PSC e, eleito. Este último romperia com Bolsonaro já em 2019.

Por meio de uma postagem no dia 28 de setembro de 2018, convocavam um “Rosário santo contra o comunismo, talquei” (sic). O chamado afirmava a existência de uma espécie de conspiração da grande mídia contra Bolsonaro.

Com a proximidade das eleições, a ameaça comunista vai se tornando cada vez mais real. Há dois dias, Joice Hasselmann denunciou que 600 milhões de reais tinham sido destinados para a grande mídia calar o único candidato contra o comunismo com chances reais de vitória. Hoje múltiplas “denúncias” têm aparecido para destruir a candidatura dos cristãos, capitaneada por Jair Messias Bolsonaro.

Em outra postagem do CDB ainda, vemos um vídeo de Bolsonaro em visita a Dom Orani Tempesta no dia 17 de outubro, no qual o presidenciável que havia passado ao segundo turno diz ter firmado compromisso com o cardeal

[...] em defesa da família, em defesa da inocência da criança em sala de aula, em defesa da liberdade das religiões, contrário ao aborto, contrário a legalização das drogas. Ou seja, um compromisso que está no coração de todo Brasileiro de bem. (BOLSONARO, 2018 - facebook do CDB)

Na legenda da publicação o CDB anuncia que Jair Bolsonaro, “o futuro presidente”, assinou um “termo de compromisso com os valores da fé católica”.



Figura 6. Print de postagem de 17/10/2018 na página do Facebook do CDB

Diretamente relacionado com essas personalidades e grupos católicos e não menos importante, temos a figura de Olavo de Carvalho, considerado o guru do bolsonarismo. Ainda quando essas páginas estavam sendo escritas, Olavo de Carvalho faleceu, em 24 de janeiro de 2022, na casa onde vivia na Virgínia, EUA.

Em manifestação de pesar, Bolsonaro emitiu nota na qual o qualificava como “gigante na luta pela liberdade e um farol para milhões de brasileiros”. Apesar da relação entre eles já se encontrar estremecida, Bolsonaro também decretou luto oficial de um dia em homenagem ao seu ex-guru.

Olavo de Carvalho foi quem introduziu o bolsonarismo nas chamadas guerras culturais na mesma linha do Citizen Go e, desde sua perspectiva tradicionalista, forneceu a teoria antissistema necessária para munir o bolsonarismo em sua narrativa soteriológica.

[...] foi Olavo de Carvalho, diante de um público fiel e apaixonado, um dos primeiros a promover o deputado Jair Bolsonaro como possível candidato “contra o sistema”. **Nada como alguém, com milhares de seguidores o chamando de Salvador.** (MOURA, CORBELLINI, 2019, p. 122, grifo nosso).

A lua de mel entre os dois acabaria logo no início do mandato do presidente eleito com sua colaboração. Mas alguns olavistas chegaram a compor ministérios, dentre os quais figuram dois ex-ministros da Educação, Ricardo Vélez e Abraham Weintraub, o ex-chanceler Ernesto Araújo e o assessor para Assuntos Internacionais da Presidência, Filipe G. Martin, único a permanecer no cargo.

O também olavista, Roberto Alvim, ocupou o cargo de Secretário Especial da Cultura do Brasil por alguns meses, de novembro de 2019 a janeiro de 2020. Sua exoneração se deu a partir de pressão da comunidade judaica sobre o governo de Bolsonaro, após um vídeo institucional de Alvim cuja falas, postura e estética aludiam ao Ministro da Propaganda Nazista, Joseph Goebbels.

Mesmo entrando em atritos com a família Bolsonaro, as marcas deixadas pelas ideias e *modus operandi* de Olavo de Carvalho no bolsonarismo, são indelévels. Sua influência é considerada tamanha que o etnógrafo e jornalista Benjamin R. Teitelbaum dedicou a ele um dos capítulos de sua obra *“Guerra pela Eternidade. O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista”* onde aborda a atuação de expoentes do Tradicionalismo na política de seus países e sua rede de articulação mundial.

Ao longo do segundo semestre de 2018, consegui encontrar traços de uma rede de comunicação entre os Tradicionalistas com acesso a altos cargos de poder – Dugin, Bannon e Olavo. Eles tinham vários aspectos em comum: a chegada ao poder quase simultânea, sempre em associação com um líder do tipo “homem forte” antiliberal, todos eram tradicionalistas em algum grau e desenvolviam formas de ativismo parecidas. (TEITELBAUM, 2020, p. 157)

Para Teitelbaum, Olavo de Carvalho era um tradicionalista heterodoxo. “Ele se tornara um intelectual público, atuando mais como um comentarista divertido e articulado de política e filosofia do que como tradicionalista.” (TEITELBAUM, 2020, p. 159). De toda forma o equipara aos outros dois tradicionalistas, o russo Aleksandr Dugin e o estadunidense Stephen K. Bannon. Este último, mundialmente reconhecido pela estratégia da campanha presidencial de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2016.

Para o historiador Warley Alves Gomes, o Tradicionalismo (com T Maiúsculo), enquanto um conjunto de ideias sistematizada que também define como uma

ideologia, estaria à direita do fascismo e se constitui como um dos fundamentos do bolsonarismo, justamente pela influência de Olavo de Carvalho.

Para os Tradicionalistas, o mundo moderno é marcado não só pelo materialismo – que é preciso dizer, pode ser encontrado tanto no capitalismo como no comunismo –, mas também pela decadência dos costumes, observada nas liberdades sexuais; nas sexualidades que escapam à lógica heterossexual; na busca por equivalência nas relações entre homens e mulheres; pelo feminismo e por vários outros “ismos”. O que um Tradicionalista busca, quando chega ao poder – na maioria das vezes, ele não ocupa o poder, mas chega a ele através de um “executor”, como é o caso de Bannon, Putin ou Bolsonaro – é incentivar ao máximo a destruição das instituições. (GOMES, 2021, s/p)

Olavo de Carvalho, que já foi conhecido por sua atividade como astrólogo e pertencido a uma *tariqa* – confraria esotérica islâmica – se declarava católico. Em uma postagem em sua página do Facebook, afirmava ser católico há 68 anos, sua idade na época.

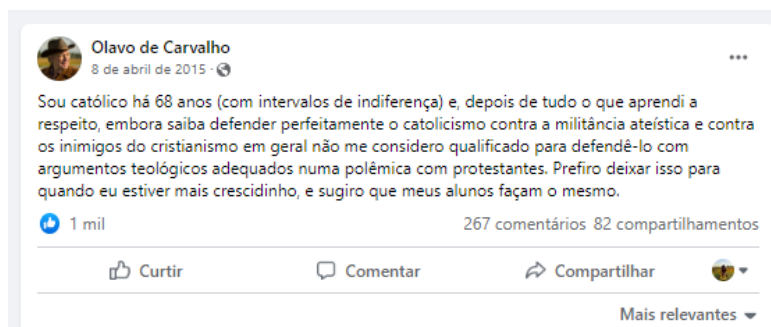


Figura 7. Print de publicação em 08/04/2015 na página do Facebook de Olavo de Carvalho

Desde seu catolicismo e tradicionalismo heterodoxos, Olavo de Carvalho articulou e influenciou personalidades e organizações católicas ultraconservadoras, como os já citados Padre Paulo Ricardo e Centro Dom Bosco.

Como apontam Rocha, Solano e Medeiros (2021), Carvalho teve papel fundamental no delineamento da identidade da nova direita, tendo sido ele quem “cunhou a categoria hegemonia cultural esquerdista que se tornou uma arma de combate da nova direita e deu uma identidade coletiva anti sistêmica”, além de ter sido ele a introduzir a “contrapublicidade de direita” no debate público brasileiro. Essa estratégia comunicacional será a grande marca da comunicação bolsonarista, como veremos adiante.

2.3 Bolsonarismo como entretenimento, a produção do “Mito” midiático

Como já exposto, a trajetória parlamentar de Bolsonaro não explica seu sucesso como canalizador das insatisfações e das esperanças de mudança. Antes de se tornarem seus eleitores, estes foram conquistados pela “persona”³³ de Bolsonaro e tudo o que ele representava.

Bolsonaro recebeu de seus apoiadores a alcunha de “mito”, não por seus feitos enquanto parlamentar, mas por seus posicionamentos nas redes sociais considerados como autênticos e incisivos. O apelido veio assim da linguagem da internet, para se referir a algo dito que causa grande impacto, uma “mitada”.

Em sua análise das notas taquigráficas do Congresso, Marina Basso Lacerda afirma que

[...] Marco Feliciano e Jair Bolsonaro são os deputados que preenchem, sem exceção, todos os requisitos da defesa de uma agenda neoconservadora seja nos temas de política interna, seja nas relações internacionais. São também os dois deputados neoconservadores que possivelmente tiveram mais visibilidade na mídia. O primeiro a partir da sua eleição para a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara em 2014. Jair Bolsonaro, eleito nada menos que presidente da República em 2018. (LACERDA, 2019, p.185)

Essa constatação de Lacerda sobre a visibilidade de Bolsonaro na mídia, nos coloca diante do fenômeno da midiatização que atravessa o objeto de forma que não podemos desconsiderar sua importância para o entendimento de como Bolsonaro conseguiu capilaridade suficiente para disputar a centralidade do discurso e da ação política, saindo inclusive vitorioso nas eleições de 2018.

A partir de estudos desenvolvidos pelo GREPO (Grupo de Pesquisa Gênero Política e Religião), a midiatização enquanto um fenômeno que compreende as diferentes mídias como estratégia e como arena, em sua interação com o político e com múltiplas plataformas midiáticas entre si, se mostra como mais uma das dimensões do neoconservadorismo além das cinco apontadas por Biroli, Machado e Vaggione (2020).

³³ Persona é um conceito proveniente da psicologia muito utilizado em Teoria da Comunicação para designar o aspecto público de alguém que pode ser observado por aquilo que ele apresenta por meio do discurso, diferente da pessoa que se encontra oculta em camadas de individualidade (HALLIDAY, 1996)

Um elemento importante a ser considerado a esse respeito são as mudanças nas últimas décadas no sistema de mídias, a partir da disseminação da internet e extensão das grandes plataformas digitais.

No atual modelo, lembra Olívia Bandeira, a economia é movimentada a partir dos dados pessoais pelos algoritmos das plataformas digitais, favorecendo a circulação de discursos de ódio e grandes performances sensacionalistas. (BANDEIRA, 2021).

Consideramos fundamental a compreensão dessas transformações no campo midiático e, como estas se interrelacionam com o contexto político e econômico vigente e, mais ainda, como se interrelacionam as diferentes mídias entre si.

Não temos condições, nos limites deste trabalho, de abordar o fenômeno da midiática em sua complexidade, o apontamos aqui como elemento constituinte e de destacada relevância para o objeto que nos interessa. A mídia televisiva da qual nos ocupamos se apresenta como arena para que Bolsonaro desenvolva seu discurso, mas também integra a estratégia mesma de construção e difusão de sua imagem.

As redes sociais são, sem dúvida, um meio emblemático de difusão de ideias bolsonaristas e conquista de mentes e corações. Em seu livro *Tormenta*, Thaís Oyama cita um encontro entre o General Augusto Heleno e Bolsonaro em 2016, onde fica evidente esse investimento da campanha bolsonarista.

Oyama relata que o ex-cadete consultou seu antigo professor e conselheiro sobre sua possível candidatura à presidência e lhe apresentou sua estratégia para fazer frente a seus oponentes: “90% da campanha pelas redes sociais”. No mesmo encontro, Heleno teria ainda aconselhado Bolsonaro a ficar longe do “pessoal da intervenção militar”. (OYAMA, 2020, p. 39).

A pesquisa realizada pelo IDEA Big Data indicava que “as redes sociais poderiam se tornar uma válvula de escape, uma alternativa para a escassez de tempo de Bolsonaro, um campo por meio do qual a sua narrativa pudesse fluir. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p.37)

Contudo, se não restringirmos o olhar ao período eleitoral propriamente dito, veremos que, embora tenha seu papel reconfigurado devido às transformações promovidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), a mídia televisiva continua exercendo sua parcela de influência na opinião pública e, mesmo

a predominância das redes sociais precisa ser compreendida de forma conectada com outras mídias tradicionais e de toda a articulação que se dá entre elas.

Como entendem Victor Piaia e Raul Nunes, que se dedicam a estudar o papel do entretenimento na construção de Bolsonaro enquanto fenômeno midiático, antes mesmo das eleições de outubro de 2018,

[...] o debate sobre a pluralização de meios comunicativos por parte de parlamentares não deve se resumir à utilização das redes sociais, sendo necessário se atentar para a criação de novas formas de marcar presença na velha programação da TV aberta, bem como de integrar diferentes meios de comunicação (como no compartilhamento de suas entrevistas televisivas em redes sociais e no YouTube). Há, claro, algo de excepcional na intensa participação de Bolsonaro nos programas de auditório, uma vez que é inimaginável que tal estratégia seja utilizada com sucesso por seus 512 colegas na Câmara dos Deputados. No entanto, seu exemplo serve como guia para pensarmos transformações na forma como políticos podem se comunicar com o eleitorado a partir de diferentes meios, formas e conteúdos. (PIAIA; NUNES, 2018, s/p)

Para os autores, assim “como ocorre no humor, o deputado acertava a audiência, ao disparar o gatilho entre o cotidiano e o inusitado” (idem).

Com as novas mídias sociais digitais sendo cada vez mais incorporadas no cotidiano da população brasileira, as mídias tradicionais não ficaram apartadas dessa nova realidade, elas passam a incorporar em sua agenda, estrutura e linguagem “clamores” das redes sociais que se traduziam por métricas de engajamento em visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos.

[...] nossa hipótese é a de que as formas de entretenimento vinculadas a informação muitas vezes deslocada da mídia dominante são o substrato dos textos midiáticos que circulam nas redes sociais e que, a seu modo, fomentaram grande parte do debate acerca das eleições brasileiras de 2018. Esses textos, ainda que possam dialogar com notícias da imprensa, acabaram por prevalecer sobre as formas jornalísticas tradicionais na informação de grande parte do eleitorado. São textos que demonstram o imperativo do entretenimento ou, como quer Dyer (2002), o esvaecimento dele como categoria cultural e seu enredamento na vida imediata. (SERELLE; SOARES, 2021, p.04)

Antes mesmo de sua campanha pelas redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea, já havia um reconhecimento e identificação com suas ideias, sem dúvida muito difundido por essas mesmas plataformas, mas que também conseguiram penetrar nos meios de comunicação tradicionais, como a TV, que por sua vez,

retornavam mais conteúdo para as redes. Uma espécie de circuito em um fluxo contínuo que contava com uma rede orgânica de difusão, acionada por valores e afetos consolidados anteriormente.

Aparentemente, a campanha de Bolsonaro combinou uma imensa rede orgânica e espontânea de apoiadores, formada de maneira consistente ao longo dos anos, com uma ação dirigida geradora de conteúdos que a alimentavam de acordo com uma lógica estratégica. Esses conteúdos pensados eram jogados nessa rede, que rapidamente os espalhava. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 119)

Se durante a campanha eleitoral, Bolsonaro não contava com tempo significativo de TV, quando regressamos nos anos anteriores, encontramos um número significativo de participações do então deputado, em programas de entretenimento televisivo.

A noção de entretenimento é de difícil definição, ainda que a ênfase nos sentidos e na emoção, e certo grau de ruptura com a vida prática e de instauração de um mundo duplicado têm sido, pelo menos até então, características compartilhadas por suas formas gerais. A palavra deriva do latim *inter* (entre) e *tenere* (ter), que, segundo Neal Gabler (1998), designa a condição em que estamos cativos e imersos em um artefato cultural e em nós mesmos. (SERELLE; SOARES, 2021, p.05)

Encontramos participações de Bolsonaro em programas de talk show, de variedades, voltado ao público feminino, jogos, entrevistas, reportagens especiais e, inclusive, como objeto de um documentário especial intitulado: *O fenômeno Bolsonaro*. O que denota que, antes mesmo de sua candidatura à presidência em 2018, Bolsonaro já despontava como uma celebridade não apenas das redes sociais, mas também televisiva.

Entre 2010 e 2018, Bolsonaro ocupou um espaço incomum para políticos na TV aberta brasileira. Coletando somente para programas de entretenimento na TV aberta em que o parlamentar foi o principal convidado, somam-se 33 participações. Para efeito de comparação, Jean Wyllys e Marco Feliciano, outros dois deputados com bastante exposição, participaram 9 e 12 vezes, respectivamente. As participações de Bolsonaro ocorreram em programas como *Agora é com Datena* (1), *Agora é Tarde* (3), *Casos de Família* (1), *CQC* (5), *Manhã Maior* (1), *Mega Senha* (2), *Mulheres* (1), *Okay Pessoal* (1), *Pânico na Band* (1), *Programa do Ratinho* (2), *Programa do Raul Gil* (1), *Quem convence ganha mais* (1), *Superpop* (11), *The Noite* (1) e *Você na TV* (1). (PIAIA; NUNES, 2018, s/p)

Nos interrogamos sobre as razões desse interesse de diferentes veículos de TV, para citar apenas este tipo, em Bolsonaro. O que estaria se passando fora desses meios tradicionais de comunicação em torno de sua figura que pudessem explicar essa popularidade para um político com uma trajetória, como vimos, tão inexpressiva.

Foi ouvindo o áudio documentário em formato de Podcast *Retrato Narrado*³⁴, que algumas pistas a esse respeito e novas questões surgiram. No episódio “4. A construção do mito”³⁵, é destacado o processo de construção e repercussão da imagem de Bolsonaro nas redes sociais digitais. De acordo com o que podemos ouvir do próprio Carlos Bolsonaro, em entrevista concedida à jornalista Leda Nagle³⁶, a incursão de Jair Bolsonaro na internet começou em 2010, quando Carlos, percebendo que a maioria das imagens associadas ao pai eram negativas, construiu um blog para divulgar imagens positivas de Jair Bolsonaro e percebeu que poderia “agregar conteúdo àquelas imagens.”³⁷

Na sequência da entrevista, Carlos afirma que o início dessa incursão se deu a contragosto do próprio pai, que não entendia o funcionamento da internet e via o filho se afastar da estratégia de comunicação das campanhas parlamentares utilizada pela família até então e, considerada exitosa - envio de correspondências três vezes ao ano para pessoas em seu cadastro – para se dedicar exclusivamente à internet.

Vale destacar que Carlos Bolsonaro, atualmente em seu 5º mandato como vereador da cidade do Rio de Janeiro, foi também responsável pela estratégia de comunicação da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018 e, como tal, é alvo de uma investigação que apura esquema de *fake news* e o chamado “gabinete do ódio”.

³⁴ O áudio documentário, uma produção original da Plataforma Spotify, produzido pela Rádio Novelo em parceria com a Revista Piauí, é fruto de uma densa investigação documental. Lançado em novembro de 2020 narra, ao longo de sete episódios, a trajetória de Jair Messias Bolsonaro até se tornar presidente da República a partir de eventos de sua vida pessoal desde a infância, confrontando a narrativa do próprio Bolsonaro com peças documentais de áudio e dados históricos. Um oitavo episódio ainda é dedicado a Olavo de Carvalho, considerado o mentor intelectual do bolsonarismo.

³⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2JrxUgnONvqS25yFbvjeVT?si=gHfPKpzwROOgtJwVfAiy9Q> acesso em 04 jun. 2021.

³⁶ A entrevista referida se intitula: “Carlos Bolsonaro: o Pit Bul não morde” e foi publicada no canal de Youtube da jornalista em 12 de março de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5vihBffYego>. Acesso em 15 maio de 2021.

³⁷ *Idem*.

Como aponta reportagem da Folha de São Paulo de abril de 2020, “Carlos é investigado sob a suspeita de ser um dos líderes do grupo que monta notícias falsas e age para intimidar e ameaçar autoridades públicas na internet.”³⁸

O número expressivo de participações de Bolsonaro em programas de entretenimento na TV começa a fazer sentido ao ser analisado de maneira interligada com o contexto histórico e com essa forte presença que passou a ter nas redes sociais. O sucesso nas redes sociais atraiu a atenção da imprensa e permitiu a Bolsonaro furar a bolha dos grandes meios de comunicação, principalmente de rádio e TV que amplificaram ainda mais sua imagem.

Bolsonaro passou a ser convidado para opinar sobre assuntos considerados “polêmicos”, estes em sua maioria envolviam questões relativas à sexualidade, mas também questões relativas à segurança pública, como a redução da maioridade penal e pena de morte. Se tornando assim, uma espécie de celebridade política. Suas declarações “bombásticas” rendiam audiência e engajamento de telespectadores e internautas, o que por sua vez, se traduzia em lucro para os grandes conglomerados midiáticos.

Foi por meio do entretenimento e menos pelo jornalismo que Bolsonaro entrou nas casas das famílias brasileiras, apresentado em suas telinhas como original, engraçado e contundente. O entretenimento contribuiu para que o discurso de Bolsonaro fosse amenizado e banalizado, tornando-se parte da “paisagem” cotidiana e política.

O problema maior, talvez, além da frequência exacerbada, seja o tom dos programas. Ao tratar casos gritantes de racismo, sexismo e homofobia na chave da polêmica e da opinião pessoal, Gimenez e companhia abriram espaço para que o discurso do deputado fosse normalizado, tornando-se mais palatável. (PIAIA; NUNES, 2018, s/p)

Independentemente da intencionalidade dos produtores desses programas de divulgar as ideias de Bolsonaro, não podemos desconsiderar a contribuição que tiveram na construção de uma persona política aceitável, ao possibilitarem que seu discurso ancorado no ódio, racismo, misoginia, LGBTfobia, intolerância religiosa, ganhassem visibilidade e simpatia entre seus telespectadores.

Mais uma vez concordamos com Piaia e Nunes ao afirmarem que

³⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/pf-identifica-carlos-bolsonaro-como-articulador-em-esquema-criminoso-de-fake-news.shtml> Acesso em 05 jun de 2021.

Não se trata de dizer que seus votos são consequência direta da participação nesses programas, mas de pensá-la como vetor fundamental para sua projeção nacional. Antes dessa incursão televisiva ele era apenas um deputado regional verborrágico e representante da classe dos militares. No processo descrito ele vira uma figura nacional, com pautas que extrapolam seu reduto eleitoral próximo. Um exemplo disso é a evolução de sua votação, que, desde o primeiro mandato como deputado federal até 2010, girava entre 90 e 120 mil votos e que, em 2014, chega a 464 mil votos, quatro vezes mais do que conseguira anteriormente. (PIAIA, NUNES, 2018, s/p)

Do mesmo modo para Moura e Corbellini, a mídia espontânea televisiva para Bolsonaro, foi um elemento chave em sua popularização. Os autores identificam como um dos momentos fulcrais dessa mídia espontânea, o quadro “Mitadas do Bolsonabo” do Programa *Pânico na TV*.

A sátira acontece em praça pública onde o personagem interage com uma plateia de transeuntes, respondendo às perguntas que lhe são feitas. O palco lembra um palanque de regime autoritário com flâmulas contendo a letra “B” e uma espécie de trono. *Bolsonabo* é acompanhado de uma banda militar, que puxa aplausos e gritos de “mito, mito, mito” após respostas impactantes do personagem.

O quadro possui ainda uma abertura com a imagem de Bolsonabo usando óculos em vetor pixel, um meme muito comum na internet. O meme consiste em aparecer lentamente óculos no rosto da pessoa após uma fala ou feito considerado espetacular, enquanto toca uma música, normalmente o refrão de “Smoke Weed Everyday” de Snoop Dogg.



Figura 8. Print de vídeo do canal do Youtube do Programa Pânico de 26.03.2017

Apesar do quadro não estar figurado em nossos objetos de análise, é importante destacar o espaço significativo de divulgação da imagem do Bolsonaro real e a interação de diferentes plataformas e linguagens promovidas por essa performance: o teatro em praça pública, a internet e a televisão.

Em entrevista à revista *Veja*³⁹ sobre o término do programa em 27 de outubro de 2017, Márvio Lúcio (Carioca) que interpretava Bolsonaro é perguntado se não teme que o quadro eleve a popularidade do político.

Não estou preocupado em saber se levanta ou não. Sou humorista e minha preocupação é tratar de personagens que são assunto. Sou atento aos fatos. Se eu disser que ele é um político irrelevante, estarei mentindo. O cara lota aeroportos quando chega, enquanto o Lula força uma caravana em que aparecem umas dez cabeças. O humor é uma crônica, e eu sou um cronista contemporâneo. (LÚCIO In Meier, 2017, s/p)

Quando o quadro estreou em 2017, o “personagem” real de Bolsonaro já estava constituído e amplamente divulgado por diversos programas de TV.

Bolsonaro, que se tornou um catalisador de insatisfações que vinham sendo inflamadas, foi ganhando visibilidade midiática e, com isso angariando mais e mais adeptos declarados que já não mais se envergonhavam de suas próprias posições “politicamente incorretas”, estas exploradas à exaustão por programas televisivos, shows de comédia estilo *stand-up*, entre outros.

A cada fala, a cada oposição às políticas sociais do governo Dilma, a cada posicionamento antidemocrático, sua imagem era construída mais e mais como autêntico, sem rodeios, uma alternativa ao “tudo que está aí”, tudo aquilo que é considerado imoral, errôneo, inadequado.

Bolsonaro não falava a partir de uma racionalidade argumentativa, mas de um capital moral vinculado a afetos reativos e exacerbados, como afirma Correia.

O irracionalismo decorrente de uma exacerbação dos afetos convive bem com o mundo das mensagens instantâneas, dos diretos televisivos, porém se era verdade há muito não podemos ignorar as suas consequências. Simultaneamente, formas pré-modernas anteriores à forma de autoridade legal-racional parecem ressurgir. (CORREIA, 2019, p. 182)

³⁹ Disponível em <https://veja.abril.com.br/revista-veja/marvio-lucio-cariocafomos-revolucionarios/>. Acesso em

Mesmo considerando absurdas as colocações de Bolsonaro e apresentando-o como caricato, os programas ofereciam a ele seus palcos e câmeras, por onde se promovia livremente dialogando com esse capital moral.

Muitos/as apresentadores/as dos programas que deram visibilidade a Bolsonaro, reconheceram a contribuição em chocar esse “ovo da serpente”. Mônica Iozzi, que atuou como repórter do Programa CQC (Custe o Custar) da Rede Bandeirantes, é a mais contundente nesse reconhecimento. Em entrevista ao seu colega, Rafael Cortez, também ex-CQC, em abril de 2018, antes mesmo de Bolsonaro ser eleito, Iozzi comenta um cenário hipotético de sua vitória e reconhece a contribuição do programa para sua promoção.

Ele era um cara tão ignorante, tão patético, sem nenhum tipo de competência e com valores morais tão deturpados que, pra gente, era um personagem tão bizarro, que era engraçado. A gente não tinha ideia que boa parte da população se identificaria com um ser humano tão vil assim. Acho que a gente, infelizmente, contribuiu. (IOZZI, 2018)

Com Bolsonaro já presidente, Iozzi voltou a afirmar essa responsabilidade e arrependimento de ter dado voz a Bolsonaro. Outro ex-colega no programa, Rafinha Bastos, também reconheceu a contribuição do CQC e de outros programas de entretenimento televisivo.

Em 2014, Bastos assumiu o programa Agora é Tarde, no lugar de seu colega e sócio, também ex CQC, Danilo Gentili. Tanto Gentili quando Bastos receberam Bolsonaro no programa. No vídeo: “O Bolsonaro é culpa do CQC”, publicado em seu canal do YouTube em 27 de maio de 2020, o humorista afirma:

Não tenha dúvida que o Bolsonaro hoje é uma figura conhecida nacionalmente por culpa do CQC. Mas não tenha dúvida disso, eu não vou me eximir dessa culpa. Porque, sim, é culpa do CQC e de todos os programas que se utilizaram dessa figura bizarra em busca de audiência, em busca de repercussão, em busca de barulho, em busca obviamente de dinheiro, porque tudo isso acaba gerando patrocínio, acaba gerando recurso financeiro para as emissoras de televisão. (BASTOS, 2020)

Para Bastos, contudo, a responsabilidade da eleição de Bolsonaro não pode recair sobre esses programas. No mesmo vídeo ele afirma: “Agora, a eleição desse

sujeito, aí não. Essa culpa eu não vou abraçar”. Para ele, os responsáveis, “culpados” em suas palavras, seriam: a própria esquerda que demorou a fazer autocrítica e uma “massa reacionária” que se identificou com seus pensamentos.

São dois os culpados: primeiro uma esquerda muito equivocada que demorou muito a assumir os seus erros, envolvida em diversos escândalos de corrupção. Sociedade olhou para tudo isso e falou “não quero mais isso e eu abraço qualquer merda, qualquer bosta (sic) que aparecer na minha frente”. Dito e feito, foi o que fizeram. Segundo culpado para a eleição do cara é o fato de que existe sim, e talvez na minha ignorância eu não desconfiasse que existisse, mas existe uma massa extremamente reacionária, conservadora, que se identifica com as ideias desse cara. [...] existe sim uma parcela da sociedade que pensa como esse sujeito pensa e no momento que ele verbalizou isso, esse povo se identificou. “Finalmente temos uma voz”. Aliado ao fato de odiarem completamente o PT, deram seus votos para esse sujeito. (BASTOS, 2020)

Obviamente não é possível mensurar o quanto essa visibilização de Bolsonaro promovida pelo entretenimento televisivo tem de responsabilidade sobre o resultado das urnas. Como evidenciado por diversas pesquisas e como procuramos demonstrar neste trabalho, fatores multidimensionais concorreram para isso.

Por outro lado, é inegável que a exibição repetida do discurso bolsonarista, mediado pela linguagem do entretenimento contribuiu para a sua aceitação, algo que, segundo Piaia e Nunes (2018), não foi concedido a nenhum outro político.

A entrada de Jair Bolsonaro na programação de entretenimento fez com que sua imagem alcançasse uma exposição totalmente fora do padrão de outros políticos. As idas da então ministra Dilma Rousseff, do então governador José Serra e do senador e ex-presidente Fernando Collor ao Superpop, por exemplo, tinham um tom mais sério, ainda que leve. O diálogo sobre seus feitos e suas trajetórias beirava a chatice. Aliando polêmica e audiência, as participações de Bolsonaro foram marcadas pelo tratamento extremado e irreverente de temas políticos, como num espetáculo grotesco, capaz de atrair a atenção do público a partir da mobilização de sentimentos como raiva, perplexidade e – estranhamente – algum tipo de relaxamento e distração. (PIAIA; NUNES, 2018, s/p)

A jornalista Cristina Serra, colunista do Jornal Folha de São Paulo, se referiu recentemente a Bolsonaro como “Ovo da Serpente⁴⁰”, ao afirmar o quanto o jornalismo

⁴⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/cristina-serra/2022/04/jornalistas-e-o-ovo-da-serpente.shtml>

também contribuiu para sua aceitação a partir do que chama de “fraude cognitiva dos dois ‘extremos’ de 2018” e, hoje amarga a sabotagem promovida pelo governo contra a imprensa.

Enquanto pelo jornalismo se trabalhava a destruição do PT, atribuindo a este único partido toda a corrupção e alimentando o sentimento de revolta, traição e desesperança em relação a ele, pelo entretenimento a figura de Bolsonaro ia sendo construída como “*outsider*”, alguém a quem toda a “lama” de corrupção não teria atingido.

A agenda antigênero é apresentada pelo entretenimento de forma lúdica, cômica, chegando a ser interpretada por setores da esquerda como uma cortina de fumaça para temas mais “sérios”. A desmoralização de pautas relativas ao gênero, acontecia assim também a partir do próprio campo democrático, que não assumia tal agenda como sua.

A forma do entretenimento é orientada para a diversão e para oferecer às audiências uma sensibilidade utópica por meio de um código afetivo e da inserção na realidade ficcional, em que é possível alcançar de forma plena qualidades que nos são negadas na vida imediata. (SERELLE; SOARES, 2021, p.06)

As performances de Bolsonaro nos programas de entretenimento, parecem atuar com essa ludicidade capaz de, por um lado, romper com o cotidiano concreto colocando-se em um campo fictício, e por outro, aproximar-se dele por meio da identificação e dos afetos que mobiliza.

Quando pensamos nas novas mídias digitais e no êxito que imprimiram a campanha de Bolsonaro, há que se considerar em conjunto o conteúdo dessas mensagens que circulavam por tais meios, assim como o terreno fértil para que prosperassem. Sem esses fatores, nem a melhor das estratégias seria capaz de vencer as eleições, assim como não foram capazes os melhores marqueteiros com os maiores recursos e tempo de TV.

Apenas as estratégias empreendidas, isoladamente, não explicam o sucesso de Bolsonaro e o fato dele ter sido o “azarão” das eleições de 2018. O meio é extremamente importante, contudo, há que se considerar a capilaridade do discurso bolsonarista, assim como a porosidade do terreno onde foram depositadas

[...]uma gestão eficiente, mesmo que acidental, do uso das mídias sociais. Segundo diversas fontes, tal utilização foi basicamente

liderada pelo seu filho Carlos Bolsonaro. Um processo que não teve início com a propaganda eleitoral, mas que foi desenvolvido ao longo dos anos. O conteúdo influente que circulou derivava, pelo menos em parte, dessa relação sinérgica entre pessoas identificadas com o candidato do PSL e sua forma autêntica de se comunicar. (MOURA, CORBELLINI, 2019, p. 118)

Essa autenticidade - ou pelo menos a percepção enquanto tal por parte dos eleitores - contribuiu para “vender” um político de longa trajetória como um outsider e antissistema. Se constrói em torno da figura de Bolsonaro uma espécie de jornada do herói. Apesar de integrante do sistema político há décadas, sua imagem de *outsider* foi bem-sucedida. Um forasteiro dentro da “sujeira” política, que tem como missão, predestinada por Deus, trazer a salvação à nação brasileira.

Na sociedade da comunicação, o carismático aparece transmutado no ser capaz de agradar aos seus seguidores por um conjunto de qualidades que se adaptam bem a narrativa mediática particularmente televisiva e /ou digital. Há um conjunto de técnicas que são ensinadas de forma competente. Evidentemente essas qualidades têm tanto de inato como têm de construído. (CORREIA, 2019, p. 182)

Essa imagem de um político despojado, informal, mais próximo do povo é importante de ser destacada à medida que contrasta com a figura de um “político profissional”, rechaçada pelos movimentos de rua mobilizados por grupos conservadores como MBL (Movimento Brasil Livre), que alimentaram uma certa “aversão” à política institucional e apoiaram atores considerados “*outsiders*” como Bolsonaro, apesar de sua longa trajetória como parlamentar.

Mais uma vez o entretenimento tornou essas ideias mais permeáveis, em um terreno já poroso pelas erosões democráticas.

Mas tampouco se deve cair na ilusão de que bastaria possuir bancos de dados aleatórios e despejar conteúdos em massa na rede, com instrumentos robotizados, para obter êxito. Na internet e no WhatsApp, só funciona o que se conecta com as pessoas, o que tem poder de aderência, o que gera engajamento; o que se associa aos temores e anseios dos eleitores, a sua visão de mundo, o que mobiliza o sentimento certo no público certo. (MOURA, CORBELLINI, 2019, p. 120)

Os autores falam da necessidade de uma “rede orgânica ampla”, para que essa aderência de fato aconteça. Essa rede orgânica chamada por Angela Alonso de “comunidade moral”, foi possível, por sua vez, graças a essa mobilização de medos e

anseios da população, frente a um cenário de crise e desordem nos planos econômico, político e social.

As moralidades conservadoras cumpriram grande parte desse papel de conector de afetos, gerando aderência. Os medos mobilizados pelos conservadorismos religiosos conectaram católicos e evangélicos a um anti-projeto contra a imoralidade, a destruição da família, a corrupção econômica e moral.

Os eleitores desejavam um nome que representasse o novo, uma ruptura [...] Sua vitória não foi a afirmação de um projeto, de uma biografia, ou de um conjunto de propostas. Mas de uma reação em cadeia, a explosão de uma bomba atômica. A propulsão foram os eleitores indignados. (MOURA; CORBELLINI, 2019, p.57)

Mais do que transmitir suas mensagens a um público meramente receptor, Bolsonaro estava ativando por meio delas, agentes que interagiam com essas mensagens e se engajavam em torno delas por diferentes formas e meios. A este processo se relacionam as grandes transformações no campo midiático, que vinham se processando desde o início do século, mas se intensificaram com o *boom* da internet na década de 2010 e a profusão das redes sociais.

Sem dúvida, as redes sociais tiveram papel preponderante na difusão da imagem de Bolsonaro, mas não podemos esquecer das mídias tradicionais que, a despeito de perderem parte considerável de sua audiência, continuam perfazendo um dos principais meios de informação e entretenimento. Como afirma Ronaldo de Almeida, estamos falando

[...] no brasileiro mais ordinário, que participa pouco da vida política do país e pouco se informa sobre os atores[...] os canais de comunicação abertos na tv compõem o cenário doméstico para boa parte dessa população, principalmente as camadas mais pobres. A TV aberta ainda é no Brasil uma forte fonte de informação e legitimação das narrativas políticas. (ALMEIDA, 2019, pp.189-190)

As mídias tradicionais desempenharam importante papel na divulgação e mesmo construção do discurso neoconservador de Bolsonaro como plausível na arena democrática. A aceitação de discursos antidemocráticos e disruptivos era apresentada como constituinte da democracia e não uma contraposição à mesma.

Esse processo de midiatização permite que o discurso bolsonarista se amplifique e extrapole os circuitos estritamente religiosos, onde as moralidades por ele mobilizadas encontram maior eco.

Bolsonaro no lugar de se intimidar com a imagem burlesca que parte da mídia e seus companheiros faziam a seu respeito, capitaliza em cima dela, explora conteúdos que interessam às mídias tradicionais em suas redes e entrevistas, provocando a atenção de veículos que lhe davam cada vez mais espaço para suas colocações.

As sinergias entre a apropriação do entretenimento pela comunicação política na Televisão e a participação “interativa” dos participantes no processo político (muitas das vezes confinados a grupos em redes sociais de pessoas que pensam de modo idêntico) parecem suscitar uma comunicação transmediática que se articula com estes fenômenos políticos e que merece ser dissecada. (CORREIA, 2019, p. 189)

Essa comunicação transmediática também se expressa offline, nos produtos gerados a partir da imagem e performance de Bolsonaro. Uma variedade de camisetas, adesivos e bandeiras com imagens vetorizadas e frases emblemáticas do candidato, eram cada vez mais presentes no cotidiano das ruas do Brasil, enquanto também se faziam presentes nas redes sociais digitais, uma profusão de memes, áudios, vídeos entre outros conteúdos.

Falas em sua atuação enquanto parlamentar também eram exploradas em conteúdo para as redes sociais, que facilmente se espalhavam por aplicativos de mensagens instantâneas.

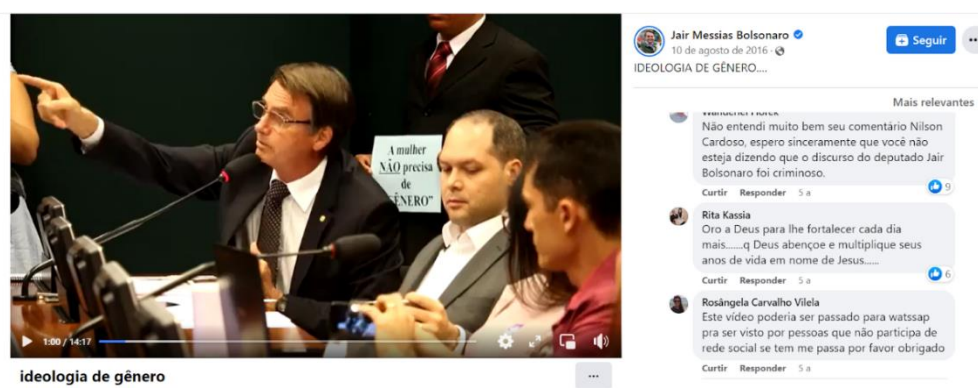


Figura 9. Print de publicação em 10/08/2016 na página do Facebook de Jair Bolsonaro

A própria atuação de Bolsonaro no Congresso possui caráter performático, felicitando sua transposição para múltiplas mídias. Na imagem acima, print de um vídeo publicado em suas redes sociais, vemos Bolsonaro em uma sessão da Câmara falando indignado com o dedo em riste contra a “ideologia de gênero”, enquanto um aliado segura um cartaz que diz: “A mulher NÃO precisa de ideologia de gênero”.

A participação em programas de TV foi construindo a figura de Bolsonaro como mais que um político, uma personalidade a quem se buscava para tratar de temas considerados “polêmicos”, referentes à sexualidade, à reprodução e as desigualdades de gênero. As polêmicas geram audiência e maior engajamento. Os programas de TV ajudaram a criar uma espécie de “bolsonarismo de entretenimento”.

Deu-se assim, o encontro perfeito do discurso moral religioso com a linguagem do entretenimento, nos enunciados de Bolsonaro. Enquanto a mensagem moral religiosa é dura, exigindo níveis mais profundos de crença e adesão, o entretenimento possibilita que ele seja apresentado de maneira mais descontraída, chegando por vezes a extrair risos em falas extremamente preconceituosas e violentas.

CAPÍTULO III. O bolsonarismo está no ar. Agenda antigênero no discurso de Bolsonaro no entretenimento televisivo

*A televisão mostra o que acontece?
Em nossos países, a televisão mostra o que
ela quer que aconteça; e nada acontece se a
televisão não mostrar.
A televisão, essa última luz que te salva da
solidão e da noite, é a realidade. Porque a vida
é um espetáculo: para os que se comportam
bem, o sistema promete uma boa poltrona.
Eduardo Galeano In: O livro dos abraços,
2005, p. 149.*

Desde que Galeano escreveu seu *Livro dos Abraços*, em 2005, essa assertiva sobre a televisão foi revestida de complexidades devido às transformações multifacetadas e, sobretudo, as novas tecnologias da informação e comunicação que alteraram significativamente não apenas os meios de comunicação, mas também todo o tecido social e as relações humanas.

Não obstante todas essas transformações, como já exposto, a televisão continua exercendo seu papel na informação e entretenimento, expressando por essa “caixa mágica” uma realidade construída que se apresenta como original, genuína, mantendo sua capacidade de influenciar a realidade por trás de suas telas.

Assim, as reflexões de Galeano sobre a televisão continuam fazendo sentido e nos inspiram a pensar essa construção da figura midiática de Bolsonaro por meio do entretenimento, demarcada por uma intencionalidade que, embora possa não ser sua eleição em si, deu vazão a sua mensagem e sua consequente popularização.

No desenrolar dos capítulos anteriores, percorremos o caminho pelo qual o bolsonarismo foi se desenvolvendo e tomando a forma que conhecemos, evidenciando nesse percurso que este não é um fenômeno isolado ou mesmo exclusivo do contexto brasileiro.

Como vimos, há todo um conjunto de elementos e uma comunidade moral que compõe o bolsonarismo. Não é possível localizar em um só evento ou elemento, um fenômeno cuja complexidade ultrapassa os limites do imediato e do particular e que promoveu uma mudança no mapa e dinâmica da política brasileira de forma tão significativa.

Nos dedicamos anteriormente a desvelar raízes mais profundas desse fenômeno, fincadas em longos processos que o antecederam e possibilitaram e, em estruturas que lhe deram forma e sustentáculo. Partimos do entendimento desses elementos não como mero reflexo no discurso de Bolsonaro das alianças que estabeleceu, mas como constituinte de seu léxico narrativo e de suas estratégias, dando forma e estrutura ao mesmo.

Por outro lado, e não menos importante, é em torno da figura de Bolsonaro e de seu próprio nome que tais elementos se combinaram de forma emblemática, garantindo não apenas sua vitória nas urnas em 2018, mas também a consolidação dessa vertente política na arena democrática.

Dentre eles, destacamos a agenda antigênero mobilizada por meio de cruzadas - estas entendidas como um conjunto de estratégias e arenas de disputa - que compõe de maneira intrínseca o bolsonarismo, o que pode ser observado por meio do próprio discurso de Bolsonaro nos anos precedentes a sua eleição.

Com Bolsonaro, as cruzadas antigênero se transformaram em um show televisivo neste terreno difuso entre ficção e realidade. A repetição de uma ameaça contra os valores e a família promovida pelos movimentos feministas e LGBTQIA+, para ficar apenas no campo que nos toca, conferiu uma certa concretude a ela, ativando o medo, a insegurança e o ódio de uma parcela significativa da população.

Tendo percorrido esse caminho de elucidar os antecedentes, o contexto e elementos estruturantes do bolsonarismo, nos voltamos agora para a análise dos discursos de Bolsonaro no entretenimento televisivo, a fim de identificar a ressonância dessa agenda moral religiosa antigênero em sua composição.

Buscamos neste capítulo identificar quais pautas e estratégias são mobilizadas pelo discurso de Bolsonaro e de que forma o são, destacando, ainda, conexões que estabelece com outras formulações discursivas e elementos que o compõem.

3.1. O mito das telinhas. Delimitação do corpus analítico

Ao buscar material empírico para a análise, partimos dos dois discursos proferidos por Bolsonaro em sua cerimônia de posse como presidente da República,

em primeiro de janeiro de 2019, entendendo tais discursos como uma síntese da articulação dos elementos da agenda moral neoconservadora.

Flávia Biroli, em prefácio do já citado livro de Marina Basso Lacerda, afirma que nas eleições de 2018, vemos de forma privilegiada a articulação desses diferentes elementos do neoconservadorismo, sendo possível perceber como foram catalisadas de maneira emblemática pelo discurso de Bolsonaro.

As eleições de 2018 nos mostrariam o potencial de um ativismo conservador que articula diferentes temáticas, numa relação convergente aos direitos sociais, aos direitos humanos e às transformações nas relações de gênero. E a “ideologia de gênero”, aquela noção que muita gente não levou a sério lá atrás, em 2014 ou 2015, seria estratégica na campanha, ganhando atenção no curto discurso de posse de um presidente que, não fosse real, poderia ser construído como tipo-ideal para a análise de como os diferentes elementos que compõem o novo conservadorismo se concatenam no Brasil. (BIROLI *In* LACERDA, 2019a, p. 12)

A partir desse entendimento, nos perguntamos sobre o percurso discursivo de Bolsonaro, de que maneira a agenda moral foi ganhando ênfase e se acomodando a outros elementos como o autoritarismo e o militarismo, reconhecidamente centrais em sua agenda anteriormente?

Percebemos que os discursos de posse, embora revelem essa aproximação com o neoconservadorismo, seriam insuficientes para demonstrar esse percurso e as articulações que foram sendo construídas até chegarem a essa formulação de tipo-ideal, apontada por Biroli.

Outras questões que nos foram surgindo a partir disso dizem respeito às razões pelas quais um parlamentar com tantos anos de vida pública, sem um papel relevante, conseguiu a força e adesão necessária para catalisar em torno de si, anseios em um campo que apenas tinha uma aproximação, sem até então ter sido seu ponto principal.

Conforme fomos avançando no levantamento de dados, percebemos o uso de estratégias comunicacionais ou discursivas diferentes, dependendo do público. Nos próprios discursos de posse isso fica evidente. No juramento feito diante do Congresso, por exemplo, o termo “ideologia de gênero” aparece de modo explícito enquanto em seu discurso no parlatório, a toda nação brasileira, o encontramos de maneira implícita em outros elementos. A partir dessas constatações direcionamos

nossa atenção para discursos que se destinavam a um público amplo e com linguagem menos formal.

Como já mencionamos na introdução, no decorrer da busca pelo material empírico, nos deparamos com uma profusão de participações de Bolsonaro em programas de entretenimento televisivo, o que nos levou a uma série de indagações.

O entretenimento como componente do cotidiano, nos permite captar como valores são expressos e reificados de modo velado, reforçando por vezes opressões encobertas pela roupagem recreativa. Ao participar desses programas, não é o Bolsonaro parlamentar que está se apresentando, mas uma personalidade divertida, engraçada, que reflete muito dos pensamentos do senso comum da sociedade, daquilo que se ouve nas filas, nos pontos de ônibus, nos cultos religiosos.

Os programas foram localizados inicialmente no canal de Bolsonaro no YouTube. Optamos por essa fonte por demonstrar o interesse do próprio Bolsonaro e sua equipe em divulgá-los, e assim sua concordância com a abordagem e o entendimento de que tais conteúdos contribuíssem para construção positiva de sua imagem.

Como no canal de Bolsonaro nem todos os vídeos são apresentados na íntegra, buscamos nos canais das emissoras correspondentes no YouTube os vídeos na íntegra para realizarmos as análises.

A partir das buscas pelos vídeos, outros nos foram sendo indicados pelo algoritmo do YouTube que reconheceu nosso interesse. Então alguns vídeos foram incorporados à análise, por trazerem elementos igualmente interessantes, ainda que não estivessem disponíveis no canal de Bolsonaro, nossa fonte inicial.

A seguir apresentamos um quadro com os programas selecionados, identificando a data em que foram exibidos, a emissora e o tipo. Essa classificação contou com apoio das descrições oficiais dos próprios programas veiculadas nos sites das emissoras.

Em muitos casos, contudo, devido aos programas não estarem mais em exibição, buscamos informações em sites de notícias especializados em TV. Uma melhor descrição de cada programa será feita na próxima seção. Apresentamos aqui apenas o quadro geral de nosso material empírico.

Quadro 04. Participação de Bolsonaro em programas de TV (de 2013 a 2018)

	Data	Programa/ Quadro	Emissora	Tipo
1.	24/05/2013	Mulheres/ Quebrando a louça	TV Gazeta	Variedades
2.	03/02/2014	SuperPop	RedeTV!	Variedades/ auditório
3.	08/04/2014	Agora é tarde com Rafinha Bastos	Bandeirantes	Talk Show
4.	03/06/2014	Programa do Ratinho./ Dois dedos de prosa	SBT	Variedades/ auditório
5.	02/03/2015	Você na TV	RedeTV!	Variedades/ auditório
6.	13/04/2015	SuperPop	RedeTV!	Variedades/ auditório
7.	25/04/2015	Raul Gil/ “Elas querem saber”	SBT	Variedades/ Auditório
8.	20/07/2015	CQC	Bandeirantes	Humor/ atualidades
9.	18/10/2015	Chega Mais / Na mira das divas	RedeTV!	Moda/ auditório
10.	15/02/2016	Superpop	RedeTV!	Variedades/ auditório
11.	18/06/2016	Mega Senha	RedeTV!	Jogo/ Auditório
12.	31/10/2016	SuperPop	RedeTV!	Variedades/ auditório
13.	20/03/2017	The Noite. Danilo Gentili	SBT	Talk Show
14.	29/10/2018	SuperPop	RedeTV!	Variedades/ auditório

Fonte: elaboração própria

Como pode ser verificado pelo quadro acima, a *RedeTV!* foi a emissora que mais recebeu Bolsonaro em seus programas, totalizando oito participações das 13 analisadas durante o período. Além do programa Superpop de 29/10/2018, que foi um compilado de participações de Bolsonaro no programa após o resultado das urnas naquele dia.

A princípio fizemos uma organização cronológica da análise, porém, como o que nos interessa mais nesse percurso discursivo são os elementos da moral religiosa antigênero, buscamos estabelecer categorias de análise que pudessem auxiliar na identificação de como eram mobilizados nos enunciados de Bolsonaro, em diferentes momentos, identificando suas repetições e alterações.

A partir do levantamento dos programas no recorte temporal estabelecido (2013-2018), iniciamos o processo de coleta de dados. Todo o processo foi feito manualmente. Consideramos, a princípio, trabalhar com ferramentas de transcrição, porém, apenas o texto “frio” da transcrição, não nos fornecia elementos da performance de Bolsonaro. A mensagem não verbal que transmite por seu gestual, entonação etc., é componente igualmente importante de discurso.

Assistimos a cada um e anotamos em uma planilha, os temas tratados. Nesse processo, destacando os temas referentes a questões morais como homossexualidade, família, desigualdade de gênero etc.

Utilizamos como referencial metodológico para nossa análise as formulações de Jorge Ruíz Ruíz sobre análise sociológica de discurso. Para Ruíz,

O interesse pelo discurso para o conhecimento da realidade social parte da consideração da orientação subjetiva da ação social: a ação social é orientada pelo sentido que o sujeito dá à sua própria ação, por isso é necessário atender a esse sentido para a compreensão e explicação do mesmo. Agora, esse significado não é apenas o produto de restrições e crenças individuais. Ao contrário, os sentidos pelos quais os sujeitos orientam sua ação são amplamente produzidos e compartilhados socialmente. (RUIZ, 2009, p. 03)

De maneira complementar à teoria de Ruíz sobre análise de discurso, nos apoiamos na obra de Laurence Bardin, *Análise de Conteúdo*, para a construção de categorias analíticas e a posterior interpretação. Sobre a análise de conteúdo Bardin afirma que:

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjectividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atracção pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem. (BARDIN, 1977, p. 09)

A dissertação de mestrado de João Vitor Pereira de Queiroz (2021), “OS BASTIÕES DA VERDADE: Um estudo de caso sobre o discurso conservador católico na internet”, na qual analisou discursos do Pe. Paulo Ricardo e do influenciador digital Bernardo Krüster, também nos ajudou nesse percurso.

Em seu trabalho, Queiroz se dedicou a elaborar categorias e códigos de análise capazes de caracterizar o discurso dos atores estudados. Essas categorias nos foram muito úteis para a construção das nossas próprias.

Queiroz identificou que o código definido por ele como “Sexualidade e família tradicionais”, referente a questões sobre moral sexual e familiar, direitos sexuais e reprodutivos, gênero e padrões comportamentais aparecem de forma central “nos valores revelados por esse discurso. Inclusive, [...] a proteção da família, e desse modelo específico de família, é o ponto no qual se gasta mais energia por parte dos atores desse discurso.” (QUEIROZ, 2021, p. 79).

O trabalho de Queiroz nos ajuda a perceber como o discurso conservador católico difundido na internet encontra ressonância no discurso de Bolsonaro e, por sua vez, a capilaridade do bolsonarismo entre católicos conservadores e não apenas nos setores evangélicos, como já se procurou demonstrar.

Outra característica importante identificada por Queiroz, foi o “papel fundamental da rejeição do outro para a constituição da identidade conservadora” (QUEIROZ, 2021, p. 87). Característica que também encontramos nos discursos de Bolsonaro.

A exemplo de Queiroz, também dispomos em quadros os descritores levantados, mas, diferente dele, classificamos como descritores de pauta e de estratégias. No caso dos discursos de Bolsonaro, entendemos os valores expressos na própria agenda que ele mobiliza.

Nos quadros a seguir, apresentamos o léxico que captamos de modo geral no discurso de Bolsonaro quanto às pautas e estratégias que mobiliza. Na análise, contudo, nos centraremos apenas nos elementos relativos à moral religiosa antigênero. Consideramos importante apresentar o quadro geral para demonstrar a organicidade desses elementos entre si.

No que se refere às estratégias, elas se encontram diluídas em diferentes pautas, chamamos atenção para algumas delas que se configuram como centrais.

Quadro 5. Descritores de pautas

Pautas	Descrição
“Ideologia de gênero”	É um grande guarda-chuva que, embora nem sempre apareça nominalmente nos discursos, constitui um elemento fundamental no qual estão subjacentes diferentes temáticas relativas à moral sexual
Familismo Família tradicional/ heteronormatividade	Constitui um elemento central no discurso de Bolsonaro, antes mesmo de sua aproximação com o neoconservadorismo propriamente dito. As duas pautas aparecem comumente associadas.
Desigualdade como natural	Neste descritor encontramos as justificativas para a desigualdade social e de gênero como naturais e necessárias para o bom funcionamento da sociedade. Não se nega a desigualdade, mas atribui a razão desta ora a uma condição natural, ora ao próprio sujeito desfavorecido.
Meritocracia vs direitos	Colocações contrárias à políticas compensatórias como cotas raciais e de gênero; e políticas de distribuição como o caso do programa Bolsa Família.
Misoginia	Ainda que afirmando o contrário em algumas falas, a misoginia aparece de modo sistêmico em seu discurso, desde a referência a sua filha até as avaliações que manifesta sobre personalidades públicas femininas
Racismo	O racismo também aparece de modo explícito em algumas falas, como de forma implícita em algumas formulações, contra as cotas raciais e de gênero, demarcações de terras indígenas e acolhida de refugiados.
Segurança pública Punitivismo/ militarismo	O corporativismo militar e a defesa da ditadura militar como um período idílico de ordem e moralidade se associam a uma visão de segurança pública austera e punitivista.
Inimigo; ameaça a uma ordem social e moral/	Elemento central do neoconservadorismo, a construção do inimigo aparece direcionado ao “esquerdismo”, PT e a “ideologia de gênero” entendida como o guarda-chuva
Soteriologia/ Messianismo	Aqui Bolsonaro se identifica como o salvador. Como se o Messias contido em seu nome fosse desde já sua “predestinação” a salvar o Brasil de um pretensão mal. Essa construção aparece tanto em seu discurso quando nas narrativas sobre o atentado sofrido e sua escalada à presidência.
Nacionalismo/ Patriotismo	A defesa da pátria e da nação vai aparecendo cada vez mais atrelada a ideia de nação cristã.
Neoliberalismo	A visão neoliberal que inclui a defesa da privatização, Reforma da Previdência, não interferência do Estado na Economia

Fonte: Elaboração própria

Quadro 6. Descritores de estratégia

Estratégia	Descrição
Brevidade e fórmulas prontas	Mensagens curtas e que se repetem pelos discursos. Não são realizadas grandes elaborações teóricas.
Belicosidade	Ataques caracterizando como inimigo tudo que diverge de seu pensamento,
Mobilização do medo/ "pânico moral"	Afirmação da existência de um projeto de poder centrado na destruição da família, sexualização precoce das crianças e incentivo a homossexualidade.
Inversão	Inversão de papéis na dinâmica de opressão. Grupos historicamente oprimidos são apresentados como ameaça enquanto grupos normativos são apresentados como alvo de ataques, perseguições ou sob qualquer tipo de ameaça.
Ordinariedade/	Assuntos relacionados a experiências cotidianas, ordinárias, como novelas ocupam lugar de destaque. Se opõe a celebridades artísticas como Xuxa Meneghel e Preta Gil. Essa estratégia permite um diálogo mais próximo com o público e se insere no universo das celebridades como um igual.
Simplicidade e informalidade -	Muito relacionada à estratégia anterior, a linguagem de Bolsonaro é simples e de fácil assimilação. Não apresenta um vocabulário rebuscado, mas muito próximo a uma linguagem ordinária, por vezes coloquial. Essa estratégia, como se viu nas pesquisas do IDEA Big Data, são percebidas como "originalidade" ou "autenticidade" pelos seus eleitores.
Disjunção	O discurso seja verbal ou não, procura demonstrar uma disjunção entre o que se anuncia e a prática que ele representa. Como se fosse possível uma cisão entre sujeito e ação tanto naquilo que está sendo anunciado/ praticado, quanto no que está sendo verbalmente "condenado".
Desinformação	Faz afirmações sem qualquer embasamento em dados, menciona porcentagens, faz acusações de pretensas ilegalidades ou "imoralidades" sem evidências para tal, além das distorções de falas e conceitos.
Banalização da violência	A banalização da violência contra populações vulnerabilizadas como mulheres, indígenas, negras e LGBTQI+ encontra-se de modo transversal no discurso de Bolsonaro como um todo. Promove essa banalização à medida que naturaliza desigualdades e minimiza ou desconsidera as violências sofridas, além de seu próprio discurso constituir-se como violento.

Fonte: Elaboração própria

Os elementos aparecem em quase todos os vídeos, com menor ou maior peso, a depender da dinâmica do quadro/programa, ou das questões que lhe são postas. É verdade que muitas vezes Bolsonaro é provocado a falar de certos temas, contudo eles parecem se articular quase que naturalmente em sua fala. Não há esforço para encaixar uma questão na outra. A questão da segurança, por exemplo, aparece perfeitamente interrelacionada com a defesa da família natural em seu pensamento, formando um todo orgânico.

Tão importante quanto captar o conteúdo de seu discurso e as diferentes relações que estabelece, é compreender a quem esse discurso se destina, com quem e com quais valores dialoga.

O público-alvo dos programas de entretenimento televisivo, de modo geral, não necessariamente acompanha os noticiários, lê jornais, ou faz uso intensivo de redes sociais digitais. O que não quer dizer que essas diferentes plataformas estejam desconectadas.

Pelo contrário, o fenômeno da midiatização, como se viu, está diretamente relacionado a popularização da figura de Bolsonaro pelas redes sociais, pautando inclusive grandes veículos televisivos. A participação de Bolsonaro nos programas por sua vez, ajudou a formatar e difundir sua imagem entre este público mais amplo.

Se dá assim, um ciclo de interação, onde as redes sociais fornecem conteúdo para a televisão, que por sua vez fornece conteúdo para outras mídias, como plataformas de notícias e ambas retroalimentam as redes sociais.

É a partir dessa interação entre diferentes plataformas midiáticas que devemos olhar a participação de Bolsonaro nos programas de entretenimento televisivo, por isso dedicarmos a ela um dos pontos de nossa análise. Ainda que não configure uma pauta da agenda mobilizada por Bolsonaro especificamente, é um elemento que compõe, por ser uma das dimensões do neoconservadorismo no qual o bolsonarismo se insere.

Um programa não se encerra ou mesmo se inicia em sua exibição, antes dele acontecer, assuntos “polêmicos” que povoam as redes sociais fornecem suas pautas; após a exibição do programa e, em muitos casos, durante ela, as redes sociais são movimentadas pelos conteúdos que lhes são devolvidos..

3.2 Palcos para o bolsonarismo. Programas de entretenimento televisivo que receberam Bolsonaro entre 2013 e 2018.

Antes de adentrarmos nos programas propriamente ditos, cabe uma breve nota sobre o contexto em que trabalhamos anteriormente. Nos cinco anos anteriores à sua eleição, Bolsonaro começa a despontar como uma personalidade política conhecida e aclamada até se consolidar, como ele mesmo anuncia no programa Mega Senha em 2016, “uma opção à direita” (BOLSONARO, 2016 a) para disputar as eleições presidenciais em 2018.

Lembremos que neste momento, o processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff ainda não havia sido finalizado e Michel Temer ocupava interinamente a cadeira presidencial. Faltavam ainda dois anos para o pleito, contudo, seu anúncio como pré-candidato pelo PSC, marca o início de sua campanha eleitoral informal, uma vez que já se entende enquanto candidato e passa a atuar como tal, em suas aparições públicas e em suas redes sociais.

Como já colocado, em abril deste ano, ele havia inaugurado seu slogan de Campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, durante a plenária de votação do impeachment.

Lembremos também que este é um período de grande efervescência política e econômica, marcado pelas jornadas de junho em 2013, as campanhas contra a inserção da igualdade de gênero como meta no Plano Nacional em 2014 e, o processo de Impeachment da Presidenta Dilma em 2016, mesmo ano em que Bolsonaro havia sido batizado nas águas do Rio Jordão.

Como vimos no capítulo anterior, em 2014 aumenta vertiginosamente o número de votos para a sua sexta legislatura e compõe a bancada mais conservadora do Congresso desde a Ditadura Civil Militar (1964-1985).

Encontramos 20 programas neste período, contudo, como já mencionado, nossa análise engloba apenas aqueles caracterizados como de entretenimento, um total de 12 programas, além do Programa Mulheres no ano anterior.

Em 2018, o único programa de entretenimento que encontramos com participação de Bolsonaro foi o SuperPop, em 29 de outubro de 2018, logo após ser declarada sua vitória no segundo turno da eleição presidencial. O programa faz uma retrospectiva das participações do presidente eleito.

Apresentamos agora os programas nos quais Bolsonaro participou ao longo desses cinco anos.

Os dados sobre os programas foram captados nos próprios sites das emissoras, no caso de programas ainda existentes. Privilegiamos essas fontes oficiais quando possíveis de serem encontradas. Alguns programas não estão mais no ar e consequentemente a página destinada a eles foi removida do site da emissora correspondente. Nesses casos procuramos informações em sites especializados em entretenimento televisivo.

Para registro das informações e posterior tratamento, elaboramos um terceiro instrumento de coleta de dados, uma ficha descritiva dos programas com informações sobre o tipo de programa, a emissora, quem apresenta, periodicidade e horário de exibição, público-alvo (quando possível identificar) e observações gerais a respeito do programa.

No caso do SuperPop, onde há mais de uma participação de Bolsonaro, faremos apenas uma caracterização, mencionando as demais datas em que participou. O conteúdo de todas as participações será tratado na sessão de análise das pautas e estratégias mobilizadas por Bolsonaro.

Programa Mulheres - TV Gazeta



Figura 10. Print de vídeo do programa Mulheres exibido em 24/05/2013 disponível no canal do programa no YouTube

Mulheres é um programa diário vespertino e possui diversos quadros, desde receitas até brincadeiras com participações de celebridades. De acordo com a descrição do site, é destinado ao público feminino. Pelo horário em que é exibido (14h às 18hs), entendemos que o público-alvo do programa, em sua maioria, se ocupa de trabalhos domésticos, seja na própria casa, “donas de casa”, seja em outras residências, como empregadas, assim como pessoas aposentadas.

O “Mulheres” é o programa feminino de maior longevidade da televisão brasileira. Estreou na grade da TV Gazeta como “Mulheres em Desfile”, em 22 de setembro de 1980, sob o comando de Ângela Rodrigues Alves e Ione Borges [...] Em março de 2002, foi a vez de Cátia Fonseca assumir o “Mulheres”. A apresentadora deu um novo estilo ao programa, tornando-o mais alegre e descontraído. A apresentadora esteve à frente da atração até 2017.

O quadro “Quebrando a louça”, do qual participou Bolsonaro, recebe personalidades de diferentes áreas (artistas, esportistas, políticos etc.) para expressar sua opinião sobre outras personalidades públicas. A dinâmica se dá por meio de louças (pratos) reais dispostas com o fundo voltado para a personalidade convidada e numeradas de 01 a 10. No interior de cada uma se encontra a fotografia de uma personalidade pública.

A pessoa convidada escolhe os pratos pelo número e, ao descobrir a personalidade tece comentários aprovando ou desaprovando a pessoa em questão. Quando os comentários são em desacordo à pessoa representada no prato, este é literalmente atirado ao chão para ser quebrado. Uma cena tão pitoresca quanto apreensiva. A apresentadora por vezes se encolhe para não ser acertada pelos estilhaços da louça.

Os temas abordados estão diretamente relacionados às personalidades que são oferecidas nos pratos. Assim temos uma pauta direcionada que vai sendo desvelada a cada peça de louça.

As personalidades escolhidas representam elementos da agenda de Bolsonaro, sobre as quais o deputado já havia se posicionado anteriormente e, algumas delas, tido sérios entrevistos.

Dentre os pratos disponíveis para Bolsonaro, encontramos Fidel Castro, cuja pauta obviamente foi o comunismo que, na visão de Bolsonaro estaria sendo implementado de modo furtivo pelo PT; Xuxa Meneghel e Maria do Rosário, sobre as

quais os comentários tecidos por Bolsonaro nos fornecem importante material de análise.

SuperPop – RedeTV!



Figura 11. Print de vídeo do canal da RedeTV! no YouTube publicado em 30/10/2018

Programa da Emissora RedeTV! apresentado por Luciana Gimenez e exibido às segundas e quartas, às 22:45, o programa é conhecido por abordar temas “polêmicos” da atualidade. Na página do programa encontramos a seguinte descrição:

Apresentado por Luciana Gimenez, o SuperPop é o melhor programa para as suas noites. Cheio de bom humor, polêmica e curiosidades, o SuperPop traz a cada dia um assunto diferente que vai fazer você ficar grudado na televisão. Surpreendente, dinâmico e com muito alto-astrol é um programa que agrada toda sua família. Simplesmente imperdível!!!

É neste programa que vamos encontrar o maior número de participações de Bolsonaro. Apenas no período abordado encontramos cinco, sendo uma em 2014, uma em 2015, duas em 2016 e uma em 2018. Como lembra a apresentadora Luciana Gimenez no programa após o resultado das eleições em 2018, ele é um assíduo frequentador deste palco desde 2010, sempre para reagir a algum fato ou questão entendida como polêmica.

O programa se anuncia como sendo para “toda família”, mas seu horário de exibição sendo tarde da noite, às 22:45, indica que o público principal é adulto e que acompanha novelas. Tanto a RedeTV! quanto outras emissoras, costumam organizar sua programação de modo a evitar a concorrência de seus programas-chave com a “novela das nove” da Rede Globo de Televisão.

Outro dado que reforça a hipótese de ser esse o público objetivo, é o fato que muitos dos temas tratados nas novelas globais são repercutidos pelo programa. A participação de Bolsonaro neste primeiro programa analisado, inclusive, foi para debater o primeiro “beijo gay” masculino na dramaturgia brasileira.

Agora é Tarde com Rafinha Bastos – Rede Bandeirantes



Figura 12. Print de vídeo de 08/04/2014 do canal do programa Agora é Tarde no YouTube

O programa foi inicialmente apresentado por Danilo Gentili, que também foi quem adaptou o formato do The Late Show, dos Estados Unidos. O talk show consiste em um programa de auditório e entrevistas, carregado de humor. Também conta com uma banda e alguns quadros humorísticos.

O ex-CQC Danilo Gentili, criou a versão brasileira do programa e esteve em seu comando por três anos (2011 a 2013). Em 2013 deixou a Rede Bandeirantes levando o mesmo formato para o SBT, mudando apenas o nome, o qual a antiga emissora possuía os direitos.

Em fevereiro de 2014, Rafinha Bastos, que havia deixado o CQC devido a falas impróprias sobre a gravidez da cantora Wanessa Camargo pela qual sofreu um processo, passa a substituir o ex-colega na condução do The Noite da mesma emissora.

Sob a condução de Bastos, o programa ficou apenas um ano em exibição. A emissora alegou que a decisão de encerramento do programa se devia a uma “estratégia de programação”. Com a alteração, a emissora muda o gênero no fim de noite, em busca de melhor adequação de conteúdo à faixa horária.⁴¹

Programa do Ratinho



Figura 13. Print de vídeo de 06/03/2014 no canal do SBT no YouTube

O programa que carrega o nome de seu apresentador, Ratinho, é um programa diário exibido nas noites de segunda, terça, quinta e sexta-feira a partir das 22:15 e às quartas, dia de futebol, um pouco mais tarde, às 22:45. Conhecido pelas brigas familiares e testes de DNA,

O Programa do Ratinho traz ao público o melhor de Carlos Massa. Sempre de bom humor, Ratinho volta a fazer a alegria do telespectador em um programa dinâmico, animado e cheio de atrações que só são vistas aqui.

No ar de segunda a sexta, o programa mistura games, comédia, participação do público e quadros únicos, como o Jornal Rational,

⁴¹ Disponível em <https://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2015/03/23/band-acaba-com-agora-e-tarde-de-rafinha-bastos.htm?cmpid=copiaecola>

Teste de DNA, Dez Ou Mil, Boteco Do Ratinho, entre outros. A atração recebe ainda **convidados famosos, que vão ao palco se divertir com o apresentador.**

Sempre com o forte lado humorístico, Ratinho conta com o fiel companheiro Xaropinho, além de sua banda no estúdio, a secretária italiana Valentina, Murilo, Lucimara Parisi, Faxinildo e Milene Pavorô.⁴²

No quadro “Dois dedos de prosa” o apresentador recebe personalidades públicas para responder perguntas elaboradas por ele ou enviadas pelos telespectadores por meio das redes sociais.

Você na TV – Rede TV!



Figura 14. Print de vídeo do canal de Carlos Bolsonaro no Youtube de 02/03/2015

O Programa Você na TV era exibido pela Rede TV, a princípio de segunda a sexta-feira, às 10:50. Pegando o final da manhã e se estendendo até o início da tarde.

De forma bem-humorada, leve e descontraída, o programa apresenta casos reais de pessoas que enfrentam conflitos de relacionamento e outras dificuldades cotidianas.

No quadro “De Frente com a Verdade”, personalidades públicas convidadas, são sabatinadas pela jornalista Flávia Feola e o jornalista Vladimir Alves. De acordo com matéria do portal Terra que abordava a estreia do quadro em janeiro de 2015, o

⁴² Disponível. <https://www.sbt.com.br/auditorio/ratinho#apresentador>

quadro foi proposto para evitar a perda de espaço para “um novo programa feminino”⁴³.

No De Frente com a Verdade, personalidades populares de mídia enfrentam perguntas de dois jornalistas.

Flavia Feola e Vladimir Alves têm a árdua missão de tirar novas revelações bombásticas dos entrevistados, cujas vidas já foram amplamente devassadas pela imprensa.

Inicialmente previsto para ir ao ar apenas às segundas e quartas, o quadro aumentou a audiência do programa e acabou sendo exibido quatro vezes nesta semana.

O vídeo que encontramos no canal do YouTube, de Carlos Bolsonaro, contém apenas o recorte da participação de Bolsonaro. Mas o início de sua participação revela o caráter do programa que aborda conflitos familiares, revelações de DNA, em um formato semelhante ao Programa do Ratinho e outros.

Em um banco ao lado de onde Bolsonaro se senta, estão duas mulheres as quais o apresentador se refere ao anunciar o convidado: “Antes dela revelar o segredo pra filha, vamos receber ele, o deputado federal Jair Bolsonaro.”

Programa Raul Gil – SBT



Figura 15. Print de prévia de vídeo do canal do SBT no YouTube em 25/04/2015

⁴³ Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/joao-kleber-testa-formato-para-evitar-perda-de-espaco-na-tv,44a51dd76a825639f7110ab68b4f3fdbkods4jak.html> Acesso em 15 de jun. 2022.

O programa que leva o nome de seu apresentador, Raul Gil, estreou em 1973 na TV Record e passou pelas emissoras Bandeirantes, Tupi, TV Rio, Manchete, RedeTV!, onde contou com cinco intervalos de exibição e SBT, onde teve um primeiro intervalo de exibição entre 1981 e 1984, retornando em 2010 para permanecer até o momento presente. O site oficial do programa⁴⁴ o apresenta da seguinte maneira:

Depois de anos longe da emissora, Raul Gil está de volta ao SBT desde 26 de junho de 2010. O paulista, nascido no Ipiranga, inova com quadros, muita irreverência e seu tradicional bom-humor. Todo sábado, o apresentador recebe convidados especiais para deixar a tarde ainda mais alegre. Musicais com novos talentos e cantores consagrados já são marcas registradas do programa. Apesar do programa apresentar novidades semanalmente, o telespectador sabe que sempre poderá encontrar atrações para a família toda no palco do Programa Raul Gil, um dos mais tradicionais da TV brasileira. (SBT)

Ao longo dos anos e dos canais por onde passou, muitos quadros fizeram parte do programa, que se destaca pelas apresentações artísticas de calouros infantis. Com exibição aos sábados, a partir das 14:15.

Bolsonaro participou do quadro “Elas querem saber”, composto por quatro personalidades fixas que fazem uma espécie de sabatina com a personalidade convidada que se alterna a cada programa. O elenco fixo da temporada que recebeu Bolsonaro era composto por:

- *Val Marchiori*: ex-modelo, socialite e empresária, dona da Valmar Transportes, uma das maiores transportadoras de produtos frigoríficos do Mercosul. Marchiori ficou conhecida na televisão por sua participação no reality show “Mulheres Ricas”, exibido pela TV Bandeirantes. Também atuou como apresentadora de um quadro do Programa Amaury Jr sobre o mundo do luxo.
- *Lidya Sayeg*: empresária do ramo de joias, também apresentada como socialite, herdeira e presidente de uma das joalherias mais tradicionais do Brasil, a Casa Leão Joalheria.
- *Penélope Nova*: apresentadora e produtora musical. Ficou conhecida pelo trabalho como VJ⁴⁵, em diversos programas da extinta MTV e participou do reality show “A Fazenda” da TV Record.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.sbt.com.br/auditorio/raul-gil>

⁴⁵ VJ (Video Jockey) são artistas que trabalham com projeção, edição e combinação de imagens com músicas em eventos. O termo era utilizado para designar os apresentadores da MTV que exibiam e comentavam clipes musicais.

- *Thammy Miranda*: cantor e ator, filho de Gretchen, ficou conhecido antes de sua transição, pelos filmes e ensaios sensuais e atuação no corpo de baile da mãe. Também atuou como repórter do programa “Famoso Quem?” do SBT em 2013, exibido por apenas dois meses. Em 2020, foi eleito o primeiro vereador transexual da cidade de São Paulo pelo PL. No final de 2021, ele anunciou que deixaria a legenda, a 6ª de sua carreira política, depois da oficialização da filiação de Bolsonaro ao partido.

A composição do quadro chama a atenção pelo fato de carregar o pronome feminino “elas” em seu nome, sendo integrado por um homem trans, o que denota o não reconhecimento de sua identidade de gênero. A confusão é explorada com comicidade pelo apresentador que antes de chamá-lo ao palco brinca com os pronomes de tratamento que deve utilizar: “ela, ou melhor, ele, ou melhor, ela” e dirigindo-se a plateia: “É ela ou ele?”, ao que é respondido por vozes divididas entre o pronome feminino e masculino.

Vale mencionar que Thammy Miranda passou por transição de gênero em 2014, realizando, inclusive, cirurgia de redesignação sexual em dezembro do mesmo ano e a posterior mudança de nome e gênero em seus documentos.

Antes de convidar Bolsonaro para o palco, Raul Gil fala das manifestações ocorridas na Avenida Paulista, nas quais o teriam chamado de presidente. Por fim, convida Bolsonaro apresentando-o como seu amigo, “deputado federal polêmico, polêmico e polêmico”.

O cenário é composto por quatro cadeiras dispostas em semicírculo, onde senta-se o elenco fixo e o apresentador. Ao convidado é destinada uma poltrona vermelha mais suntuosa disposta no topo central do semicírculo. Atrás dela, um painel digital com imagem de fogo, reforça visualmente a ideia de um quadro que trata de assuntos “quentes” e polêmicos, como gosta de repetir o apresentador.

Custe o Que Custar (CQC) – Rede Bandeirantes



Figura 16. Imagem reprodução do site Observatório da qualidade do audiovisual de 05/07/2017

O programa “Custe o Que Custar”, mais conhecido pela sigla “CQC”, foi um programa humorístico exibido pela TV Bandeirantes entre os anos de 2008 e 2015. Seu formato, baseado no original produzido pela Eyework, consistia em três apresentadores de bancada e um grupo de humoristas que atuavam como repórteres em matérias externas. Todos os integrantes trajavam ternos e gravatas pretas com camisa branca. O figurino, segundo o criador, foi inspirado no filme “Cães de Aluguel” de Quentin Tarantino, mas era comumente associado ao filme MIB (Men In Black). Também contava com um auditório e diversos quadros como: Top Five, As piores notícias da Semana, CQTeste.

Antes do período analisado, Bolsonaro havia sido entrevistado diversas vezes no programa. A participação que analisamos se deu no programa de 20/07/2015, a partir de uma carta enviada pela assessoria do deputado questionando uma matéria exibida pelo programa em 13 de julho de 2015 sobre escolas militares.

O programa convidou então o deputado, para expressar sua opinião a respeito do assunto. Bolsonaro recebeu o repórter na calçada em frente ao condomínio onde residia. A curta participação de Bolsonaro neste programa se deu em torno da militarização das escolas.

Chega Mais – RedeTV!



Figura 17. Print de vídeo do programa Chega Mais de 18/10/2015 no canal do YouTube Resistentes da Direita

Voltado para o público jovem, com foco no universo da moda, o programa *Chega Mais* era uma produção da RedeTV!, em parceria com a agência de modelos Mega Models, exibido aos domingos das 18h às 19h30. Estreou em primeiro de março de 2015, sendo cancelado pouco mais de um ano depois.

Diferentemente dos demais programas que analisamos, não encontramos o vídeo no canal de Bolsonaro, mas dentre os vídeos recomendados pelos algoritmos da própria plataforma, a partir das buscas que realizamos. Também não o localizamos no canal do YouTube da RedeTV!.

Como já não está mais em exibição, buscamos informações em sites especializados em atrações televisivas. Em matéria do site Área Vip, que abordava o lançamento do programa, encontramos a seguinte descrição:

Na tarde de segunda (23), a RedeTV! reuniu a imprensa, na sede do canal em Osasco, para o lançamento do ‘Chega Mais’, um programa repleto de diversão, adrenalina, histórias de vida, música e entrevistas. A atração estreia dia 1º de março e é uma parceria da RedeTV! com a Mega Model, uma das maiores agências de modelos do país, com um casting de mais de 400 profissionais, incluindo as tops de maior prestígio do Brasil.

Buscando **inspiração na tecnologia, no mundo jovem e no universo da moda**, Chega Mais promete criar um domingo diferente de tudo o que já foi visto na TV. Renata Kuerten, Matheus Mazzafera e Adriano Dória comandam a atração, que também contará com

participações especiais das tops internacionais Isabeli Fontana, Ana Beatriz Barros e Raica Oliveira e o DJ Boss in Drama.⁴⁶ (grifo nosso)

O quadro “Na mira das divas”, do qual participou Bolsonaro, possui dinâmica semelhante ao “quebrando a louça” do programa Mulheres. Em um varal são pendurados alguns cartões numerados. Ao ser revelada a personalidade, alguns/mas modelos fazem perguntas a respeito da temática relacionada àquela personalidade e depois de responder às perguntas, o convidado decide se “picota” o cartão ou o leva para casa.

Mega Senha



Figura 18. Print de vídeo da prévia do programa Mega Senha divulgado no canal de Eduardo Bolsonaro em 18/06/2016

Mega Senha é caracterizado como um programa estilo “game show”, comandado pelo sócio e vice-presidente da Rede TV!, Marcelo de Carvalho, e exibido aos sábados, às 23hs. Segundo a descrição que consta na página do programa do site da emissora:

⁴⁶ Disponível em <https://www.areavip.com.br/televisao/rede-tv-promove-lancamento-do-programa-chega-mais/#:~:text=Wayne%20Camargo%20%2F%20Divulga%C3%A7%C3%A3o%20RedeTV!,de%20vida%2C%20m%C3%BAlica%20e%20entrevistas>. Acesso em 05 jun de 2022.

Mega Senha é um teste de conhecimento, raciocínio rápido e trabalho em equipe. Dois times, cada um formado por uma celebridade e um participante, numa divertida e emocionante disputa para mostrar quem tem o melhor vocabulário. Esse é o **Mega Senha**, *game show* da RedeTV!

Na primeira etapa do jogo – composta de quatro rodadas eliminatórias – um dos membros da dupla dá dicas para que o outro descubra qual é a palavra secreta (a Mega Senha) daquela rodada. O participante que acertar o maior número de palavras ao final das Rodadas Eliminatórias passa para a etapa seguinte.⁴⁷

A dinâmica do programa consiste em “dois times, cada um formado por uma celebridade e um participante competidor. [...] Sendo que de maneira alternada “um dos membros da dupla dá dicas para que o outro descubra qual é a palavra secreta (a Mega Senha) daquela rodada.” O participante que conseguir o maior número de acertos, passa para a próxima etapa.

Neste dia, ao invés de uma única celebridade tiveram duplas, de um lado Bolsonaro e seu filho Flávio Bolsonaro (zero um), de outro Léo Áquilla, uma transexual, com seu marido. O apresentador, por vezes, posiciona os convidados de maneira que possam se aproximar fisicamente. Eles, contudo, seguem cada qual seu próprio “script”, sem nenhuma interação verbal. Não há, durante o programa, qualquer menção a temas relativos à moral sexual.

Ainda que seguindo roteiros diferentes durante o programa, o simples fato de compartilharem o palco - sem qualquer atitude hostil que se pudesse esperar de Bolsonaro, dado seu notório posicionamento transfóbico - parece querer demonstrar uma convivência harmoniosa com quem condena e combate em suas falas. Vemos aqui a estratégia de tentativa de “disjunção” de sua fala, daquilo que ela representa.

⁴⁷ Disponível em <https://www.redetv.uol.com.br/megasenha/institucional/o-programa> Acesso em 02 mai. de 2021.

The noite com Danilo Gentili - SBT



Figura 19. Print de vídeo do canal do The Noite com Danilo Gentili de 20/03/2017

De mesmo estilo do “Agora é Tarde”, que Danilo Gentili havia comandado antes de Rafinha Bastos, o talk show The Noite é inspirado no programa “The Late Show”

O **The Noite Com Danilo Gentili** traz muitos entrevistados interessantes e alto índice de piadas por minuto, abordando os fatos mais (e menos) relevantes do dia. A atração também conta com **Léo Lins**, **Murilo Couto**, a assistente de palco **Juliana**, além do irreverente locutor **Diguinho Coruja**. A trilha sonora fica por conta da banda **Ultraje a Rigor** e os comentários inteligentes são cortesia do vocalista **Roger Moreira**⁴⁸.

No “**Rodada da Noite**”, um pub é o cenário perfeito para receber humoristas, conhecidos ou estrepantes para baterem um animado papo e contarem piadas. Um outro quadro da atração é comandado por crianças: o “**Leite Show**”. Em um palco, é montada uma réplica do cenário em miniatura onde os pequenos vão apresentar um mini “talk show” com a participação de Danilo Gentili.

Quando participou do programa em 20 de março de 2017, Bolsonaro figurava em segundo lugar nas pesquisas de intenção de votos para o pleito que ocorreria dali a um ano e meio. O programa girou em torno de sua possível candidatura e de suas

⁴⁸ Disponível em <https://www.sbt.com.br/talkshow/the-noite#figue-por-dentro>

propostas de governo, caso fosse eleito. Foi anunciado pelo apresentador da seguinte maneira

[GENTILI] Ele está no The Noite para falar dos seus planos para 2018, das polêmicas e também do processo que corre contra ele no STF O convidado você pode amar, você pode odiar, mas você não pode negar que é um fenômeno eleitoral e popular...

Bolsonaro acena sorridente para a plateia e, depois de cumprimentar o apresentador, comenta que estava com saudade e que pensava que o apresentador o tinha abandonado. Durante todo o programa se mostra muito à vontade no sofá de Danilo Gentili, como se estivesse na casa de um amigo, bem diferente da postura em relação ao então repórter do CQC.

3.3 Agenda antigênero na performance de entretenimento de Bolsonaro.

Para Ângela Alonso, a comunidade moral bolsonarista “prescinde de teorias, não persuade por argumentação, mas por repetição.” (ALONSO in VÁRIOS, 2018, p. 50).

Em entrevista ao El País em fevereiro de 2019⁴⁹, logo no início do governo Bolsonaro, Alonso fala que além das mídias utilizadas, a forma como se comunica é igualmente considerável. A pesquisadora aponta ainda a semelhança entre Trump e Bolsonaro nesse quesito

Todo mundo fala que a vitória do Bolsonaro e do Trump se deu graças à maneira eficiente como eles utilizaram novas tecnologias de comunicação. Mas não se trata só do WhatsApp, e sim uma nova maneira de falar com as pessoas. Eles entenderam que agora se fala muito por imagem e falas curtas, não longos discursos explicativos. A lógica é rápida. (ALONSO, 2019)

A repetição constante da misoginia, machismo, LGBTfobia, racismo, em um formato de entretenimento, contribui para acostumar a audiência com esse repertório opressivo e conseqüentemente, a sua naturalização. Se tornam aceitáveis, integrantes da paisagem sonora cotidiana.

⁴⁹ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/01/politica/1549050356_520619.html. Acesso em 16 abr. 2022.

Apesar de termos analisado os 13 programas, em virtude de tanto as pautas quanto as estratégias da agenda antigênero se repetirem, não trazemos falas de todos os programas, mas apenas daqueles que consideramos mais emblemáticas.

As pautas também são interconectadas, mas optamos pela organização temática da análise, a fim de melhor evidenciar algumas pautas-chave e sua mobilização mais característica em determinados momentos.

Multimídias da performance bolsonarista

Nos programas televisivos que analisamos, frequentemente há uma interação com mídias sociais digitais, como é o caso do Twitter. Em 2014, no Programa do Ratinho, por exemplo, algumas das perguntas feitas a Bolsonaro, segundo informa o apresentador, foram feitas pelo Twitter. Antes de anunciar a primeira pergunta, Ratinho⁵⁰ menciona a agitação que estaria ocorrendo na rede social

[RATINHO]: Muito bem. É... Ana Maria está chegando no nosso Twitter, aliás nosso Twitter já tá agitado, já pode... Ana Maria está dizendo: “Você faz muita crítica, mas não mostra soluções. Qual caminho a ser seguido?” (PROGRAMA DO RATINHO, 2014).

Mais adiante, defendendo a livre expressão de Bolsonaro e justificando sua participação no programa, o apresentador comenta sobre a posição de audiência que o programa teria alcançado com a participação do deputado:

[RATINHO] Jair Bolsonaro está dando a opinião dele sobre o que ele pensa e eu estou perguntando algumas perguntas da produção e algumas perguntas minhas, e a maioria de gente que manda através do Twitter. E nós estamos em segundo lugar de audiência no Brasil. (PROGRAMA DO RATINHO, 2014).

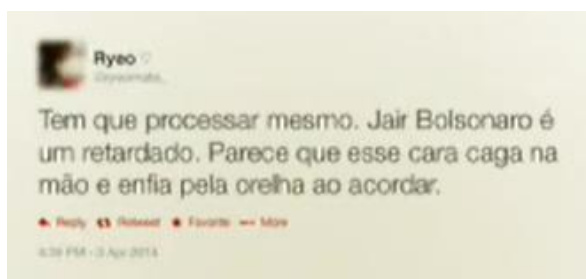
A “temperatura” das redes sociais junto com os pontos de audiência parecia demonstrar, assim, a repercussão positiva de suas falas. Evidentemente há uma seleção prévia por parte da produção, a fim de fomentar os temas mais interessantes em termos de audiência. Mas não deixa de ser interessante essa interrelação multi-

⁵⁰ Por se tratar de nome artístico e a forma como é reconhecido publicamente, utilizamos a alcunha do apresentador no lugar de seu sobrenome.

mediática e a interação do telespectador, que interfere diretamente na agenda dos programas ou, ao menos, dessa maneira é declarado.

No programa de Rafinha Bastos, o *Agora é Tarde*, o Twitter também ganha destaque. No quadro “Cinco Tweets de Ódio”⁵¹, o entrevistado reage a comentários de internautas na rede, contra ele. De forma descontraída, o apresentador anuncia o quadro seguido de uma vinheta tocada ao vivo pela banda em ritmo de *hard core*: “cinco tweets de ódio, cinco tweets de ódio”. Os tweets são projetados em uma tela e lidos pelo apresentador ao convidado que deve comentá-los.

Aparentemente indiferente ao conteúdo fortemente depreciativo dos tweets, Bolsonaro se mostra muito à vontade, reagindo com risos e gargalhadas e com comentários curtos, como a linguagem da própria rede social que na época permitia apenas 140⁵² caracteres, por isso a economia de pontuação e a linguagem mais direta por parte de seus usuários.



Figuras 20 e 21. Prints de vídeo do canal do Youtube do programa *Agora é Tarde*



Figura 22. Print de vídeo do canal do Youtube do programa *Agora é Tarde*

⁵¹ Apesar do quadro ser “cinco tweets de ódio”, quando da participação de Bolsonaro foram lidos apenas quatro tweets.

⁵² A partir de 2017 a rede ampliou o número de caracteres para 280.



Figuras 23 e 24. Prints de vídeo do canal do Youtube do programa Agora é Tarde

É interessante observar também a interação que se dá com a imprensa tradicional. A participação de Bolsonaro no quadro foi repercutida pelo portal de notícias Uol, que reproduziu o vídeo com a seguinte *lide*: “O deputado aceitou o desafio e participou do quadro em que teve a chance de se vingar dos internautas”⁵³. Vemos a interação do portal com outras duas plataformas midiáticas: as redes sociais e a Televisão.

Outra importante interação é com a plataforma de vídeos Youtube. Como já mencionamos, todas as participações nos programas que analisamos foram encontradas no canal de Bolsonaro e nos canais oficiais dos programas ou emissoras correspondentes na plataforma, nos casos em que ainda estão no ar ou a emissora o manteve em seu acervo.

A plataforma possui um público específico e por meio dele é possível compartilhar facilmente os vídeos em algumas redes sociais, como o facebook e aplicativos de mensagens, como o WhatsApp.

O programa The Noite com Danilo Gentili é o que mais impressiona em relação ao número de visualizações. De acordo com a informação que consta logo abaixo do título do vídeo, o programa com Jair Bolsonaro foi visualizado 17.684.855 vezes na plataforma.

Apesar dos números não se referirem a usuários únicos, não deixa de ser impressionante que apenas nessa plataforma o vídeo de Bolsonaro tenha sido visto mais de 17 milhões de vezes. Mesmo para os padrões do programa, que chegou a ser o quarto talk show mais visto no mundo, é um número extraordinário.

⁵³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/videos/videos.htm?id=deputado-jair-bolsonaro-responde-aos-cinco-tuites-de-odio-no-palco-0402CD183270E0C94326>. Acesso em 02 jun. 2022.

O The Noite com Danilo Gentili, do SBT, é um sucesso indiscutível de audiência e também nas redes sociais. Nesta semana, o programa se tornou o quarto talk show com o maior número de inscritos no YouTube do mundo e o quarto na faixa noturna, ficando atrás apenas de produções dos Estados Unidos. De acordo com levantamento feito pelo NaTelinha, a atração do humorista tem 8,02 milhões de inscritos na plataforma digital. A produção superou Team Coco, comandado por Cona O'Brien, que tem 7,63 milhões de pessoas inscritas no canal do talk show no YouTube.⁵⁴

Vídeos de outros programas no mesmo ano, dificilmente ultrapassam a marca de 500 mil visualizações. A segunda maior marca ficou por conta do vídeo com entrevista de Silas Malafaia com mais de 12 milhões de visualizações exibido em 31/03/2014, pouco tempo depois, portanto, da participação de Bolsonaro.

Durante a exibição de alguns programas, são promovidas enquetes pelas redes sociais, a respeito dos temas tratados. No programa Chega Mais, por exemplo, quando foi abordada a posição de Bolsonaro sobre a pena de morte, uma enquete a respeito do tema foi aberta nas redes do programa.



Figura 25. Print de vídeo do programa Chega Mais de 18/10/2015 no canal do YouTube Resistentes da Direita

Tais enquetes evidenciam, uma vez mais, a interrelação entre as mídias e a intenção dos programas de demonstrar a possibilidade de interação dos telespectadores, transmitindo uma ideia de participação real não apenas no entretenimento, mas nos assuntos políticos relevantes.

⁵⁴ Disponível em <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/01/29/the-noite-vira-o-quarto-maior-talk-show-noturno-do-mundo-na-web-140028.php>

Ideologia de gênero

“O que o povo pede nas ruas é a volta dos valores né, daquela época, onde o policial era policial, a família era respeitada... a educação existia”⁵⁵.

O constructo “ideologia de gênero” é uma agenda guarda-chuva para diversas pautas, que nem sempre aparece de forma nominal. A ausência do termo não significa, contudo, que não estejam presentes os conteúdos que lhes são subjacentes, dentro do espectro de significados que o compõem.

Como observa a pesquisadora Isabela Kalil, “a ‘ideologia de gênero’ tem sido mobilizada para expressar um amplo espectro de acusações que vão desde pedofilia, transfobia, até críticas ao ensino de sexualidade nas escolas. (KALIL, 2018, p. 12).

Nos programas que analisamos, são raras as menções explícitas ao termo. A opção de Bolsonaro por utilizar termos mais vagos como “valores”, “família”, e “politicamente correto”, nos sugere a utilização de outra estratégia discursiva destinada à um público mais amplo que, não necessariamente estava familiarizado com esses termos, como também a mobilização de um maior número de perfis bolsonaristas, levantados por Kalil em seu estudo etnográfico: “Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro”.

No programa *The Noite com Danilo Gentili*, o termo aparece relacionado a um livro que Bolsonaro leva para o apresentador e que motiva o início da entrevista.

[GENTILI] vamos começar a conversar? Mas antes, o que é isso aqui que você deixou na minha mesa?

[BOLSONARO] É a questão porque o ensino no Brasil vai tão mal. São cartilhas que se adotam por aí. [tirando o livro da mão do apresentador] que a molecada... [folheando o livro] inclusive, olha só, o número de partos de meninas abaixo de 17 anos é um dos maiores que tem no mundo percentualmente falando. Na ordem dos 400 mil partos por ano de meninas de 16, 17 anos de idade ou 15 anos de idade. Isso é um absurdo.

Agora os livros estimulam isso aqui, olha só: Esses livros aqui não são do MEC porque qual a malandragem que o governo faz, né? (THE NOITE, 2017)

Bolsonaro mostra uma página do livro, frente as risadas da plateia e do apresentador, deixa o tom de seriedade para se mostrar mais descontraído, rindo junto

⁵⁵ Fala no programa “Chega Mais” em 18/10/2015.

com a plateia e, em seguida, colocando seu dedo mindinho no buraco indicado para simular o pênis.



Figuras 26 e 27. Print de vídeo do canal do The Noite com Danilo Gentili de 20/03/2017

A plateia gargalha eufórica com a ação do deputado, que segue falando, retomando o ar sério, enquanto mantém seu dedo como pênis da ilustração.

[BOLSONARO] Quando ele [o governo] encomenda junto das editoras livros, isso aqui entra como brinde, isso entra como brinde. O governo exige brinde. Dá pra você ler o que está escrito aqui em cima aqui.
[GENTILI] Deixa eu ler. “Enfie o dedo no buraco da folha”, claro, para fazer o pinto do homem.
[BOLSONARO] Agora pro lado de cá.
[GENTILI] [lendo] “Aproxime a página e coloque o dedo no buraco da menina”. (THE NOITE, 2017)

Bolsonaro que havia recolocado seu dedo mindinho no buraco, toma o livro das mãos do apresentador novamente para simular uma penetração. E exclama:

[BOLSONARO] Olha! Pra criancinha, Danilo, isso daí, cê tá ensinando o quê? Além de você estimular o sexo precocemente...
[GENTILI] Eu preciso confessar uma coisa. Gráficamente é bem bolado [rindo], mas pra que idade té sendo distribuído isso?
[BOLSONARO] Isso daí é pra bibliotecas escolares, Ensino Fundamental. Criancinhas a partir de seis anos de idade. (THE NOITE, 2017)

O apresentador questiona se, dado o seu elogio ao período do Regime Militar, caso seja eleito não ficaria tentado a copiar modelos e autoritarismos do regime. Bolsonaro afirma que seus ministérios serão de generais. Além do Ministério da Defesa, utiliza como exemplo a Educação.

[BOLSONARO] A questão⁵⁶ da Educação ou vai ser convidado um general que já tenha um comando de colégio militar ou civil que queira realmente botar ordem na casa. **Botar um ponto final na ideologia de gênero, a questão da doutrinação em escolas...**

[GENTILI] Mas você acha que ideologia de gênero é um assunto que o presidente deve se preocupar?

[BOLSONARO] Olha só foi votado no parlamento, Danilo.

[GENTILI] Eu tô perguntando porque a mesma coisa, por exemplo, no Rio, o Marcelo Freixo se preocupa com ideologia de gênero, Crivela... Isso é um assunto pra prefeito se preocupar?

[BOLSONARO] É lógico. O futuro do nosso Brasil são as crianças, poxa. A molecada ela tem que aprender física, química, matemática, biologia...

[GENTILI] Mas no sentido prático esse não é um assunto pra outras partes da sociedade, pro legislativo?

[BOLSONARO] A sociedade não participa. Você pode ver, nós negamos a ideologia de gênero no Plano Nacional de Educação, o que que o governo Dilma fez, via MEC? Oficiou as prefeituras para reincluir nos planos decenais municipais de Educação.

Por que essa sanha de ensinar para criancinhas de seis anos de idade cena de sexo ou de casais mais variados possível? Repito, criancinhas de seis anos de idade. Pra quê? (THE NOITE, 2017, grifo nosso)

Em outro trecho na sequência, relaciona “ideóloga de gênero” com incentivo ao sexo precoce e a naturalização da pedofilia. Afirma que materiais do tipo do livro, naturalizam o sexo de modo que se uma criança for molestada, entenderá como normal e não contará a seus familiares.

[BOLSONARO] Aquela velha história né? Você tá estimulando inclusive o sexo precocemente. Olha o que acontece, Danilo: hoje em dia se um marmanjo na escola começa a mexer nas partes íntimas da criança, é normal, natural ela contar pro papai e pra mamãe. Se isso daí [apontando para o livro] começa a ser massificado, ela vê que é normal, logo não conto pro papai e pra mamãe. (THE NOITE, 2017)

Bolsonaro estabelece essa falsa relação entre educação sexual e naturalização da pedofilia, o que deixaria crianças em maior vulnerabilidade quanto a esse crime. Quando o intuito de trabalhar temas referentes a sexualidade nas escolas, adequados a cada faixa etária, é justamente o oposto. Promove assim desinformação e mobiliza o pânico moral. Também difunde a ideia de que a educação sexual nas escolas, associada ao dispositivo “ideologia de gênero”, é uma grave ameaça às crianças, a família e aos valores morais como um todo.

⁵⁶ Optamos por reproduzir a maneira como Bolsonaro pronuncia a palavra em detrimento de sua grafia correta com “qu”, por ser uma característica marcante de sua fala.

Misoginia

Estimula as mulheres cada vez mais a terem mais filhos e cada filho ela mais ganha um...Bolsa Carinhoso, mais 70 reais por mês.

Como afirma Lilia Mortiz Shwarcz em sua obra “Sobre o autoritarismo brasileiro” (2019), a misoginia é parte constituinte da própria formação histórica brasileira, na qual acrescentamos o papel da religião católica, que se constitui em uma das bases do colonialismo.

A misoginia se manifesta de muitas formas, que vão desde a exclusão social até a violência de gênero. Ela aparece retratada igualmente na antiga formação patriarcal de nossa sociedade, a qual carrega, até atualidade, a certeza do privilégio masculino, a banalização da violência contra a mulher e a tentativa de sua objetificação sexual. (SHWARCZ, 2019, p. 186)

Veremos que essas construções são recorrentemente mobilizadas nos discursos de Bolsonaro.

Em sua participação no programa “Mulheres”, o terceiro prato escolhido por Bolsonaro é da apresentadora Xuxa Meneghel, da qual Bolsonaro afirma não gostar por conta da “lei das palmadas”. O assunto é levado pela apresentadora para a questão da maioria penal e Bolsonaro chega na ausência das mães que hoje trabalham, e os filhos ficam abandonados, “muitas vezes cuidados por empregadas”

Também afirma que o programa de distribuição de renda funciona como incentivo para que mulheres e meninas tenham mais filhos e possam receber auxílio do governo. A pobreza aparece em sua fala como decorrente da ausência de planejamento familiar.

[BOLSONARO]: Sim. Você pode ver. Fala-se muito em pobre, né? Tem muito pobre no Brasil, sim. Agora, como você tira da pobreza? O primeiro passo é estimulando o planejamento familiar, a paternidade responsável. O que o governo faz? O contrário. E é verdade, né? Nós crescemos três milhões de habitantes por ano, quase dois milhões vão ser beneficiados no Bolsa Família, por quê? Porque não tem educação, até porque não interessa. Até porque educação não é apenas sala de aula e professor. O aluno tem que tá com a barriguinha cheia, não pode tá com piolho na cabeça, tem que ter uma estrutura familiar atrás dele, senão não aprende nada, tá ok, e vai nessas circunstâncias de Bolsa Família, etc. a pessoa não vai aprender nada... no Nordeste você não vê mais roça... de mandioca, acabou. Você não vai ver mais jegue, você vê agora é motocicleta 125, onde aquele pessoal deixa o cartão na concessionária, tá ok?

[FONSECA]: Aí já vai estimulando...

[BOLSONARO]: Aí estimula uma menina de 16 anos de idade a parir uma criança, por quê? Quando parir, já tem ali um auxílio natalidade, onde a pessoa vai trocar a televisão, vai trocar uma geladeira, seja lá o que for, e vai ter mais 70 reais por mês. Então cê não trabalha mais, ninguém trabalha mais e nem quer estudar. (MULHERES, 2013)

Na sequência escolhe o prato de Maria do Rosário, ao se deparar com a foto da deputada exclama: “Ai meu Deus do céu, outra [...]” para afirmar em seguida que não é misógino, por gostar de mulheres e amar a esposa e filha.



Figura 28. Print de vídeo do programa Mulheres exibido em 24/05/2013 disponível no canal do programa no YouTube

Bolsonaro havia protagonizado com a deputada petista uma discussão na Sala Verde do Congresso, na qual Bolsonaro afirmou: “olha, jamais eu ia (sic) estuprar você, porque você não merece” em seguida chamou a deputada de “vagabunda”⁵⁷. A discussão foi filmada pela RedeTV!.

Ao comentar sobre Maria do Rosário, Bolsonaro citou o episódio e afirmou que apenas se defendeu, já que a deputada, em sua interpretação, o havia chamado de estuprador. O episódio voltou a chamar a atenção da imprensa quando o próprio Bolsonaro repetiu o que havia dito na tribuna do Congresso em dezembro de 2014, o

⁵⁷ Diálogo completo disponível nas notas taquigráficas da Câmara dos Deputados, DETAQ: <https://www.camara.leg.br/internet/SitagWeb/TextoHTML.asp?etapa=11&nmComissao=Outros%20Eventos&tpReuniaoEvento=&dtReuniao=11/11/2003&hrInicio=14:00:00&hrFim=14:10:00&origemDiscursao=&nmLocal=Plen%C3%A1rio%20Principal%20-%20CD&nuSessao=2102/03&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=14:00&sgFaseSessao=&Data=11/11/2003&txApelido=&txFaseSessao=&txTipoSessao=&dtHoraQuarto=14:00&txEtapa=> Acesso em 06 jun. 2021.

que rendeu um processo pelo qual foi condenado a pagar uma indenização à deputada em 2019.

Chama a atenção ser o próprio Bolsonaro a retomar o episódio e trazer o vídeo à tona, em um esforço por se posicionar como a vítima que teria apenas reagido a uma fala, essa sim violenta, da deputada. A deputada e o episódio foram trazidos por Bolsonaro em outros programas, mesmo sem qualquer direcionamento a esse respeito.

Mas o episódio da discussão aparece de modo secundário. Bolsonaro chama atenção para aquilo que o coloca em oposição à deputada, a defesa da igualdade de gênero no Plano Nacional de Educação, que é apresentado como um perigo a crianças e jovens: a “temática de famílias LGBT” (PROGRAMA MULHERES, 2013).

Na estratégia de inversão de papéis na dinâmica de opressão, utilizada por Bolsonaro, Maria do Rosário, que havia sido ofendida e humilhada publicamente por ele de modo misógino, passa a ser uma perigosa ameaça às crianças e adolescentes de escolas públicas.

Em outros programas, a deputada também é trazida associada ao kit anti homofobia, chamado por ele de “kit gay”. Veremos que a utilização da deputada para desviar o assunto ou reverter uma acusação contra ele, é uma estratégia utilizada com frequência em vários programas. Como a deputada aparece associada ao material escolar, traremos essas falas na pauta da heteronormatividade/ família. Outro conteúdo misógino é mobilizado no programa Agora é Tarde de Rafinha Bastos em 2014.

[BASTOS] Capitão, o que eu quero falar com o senhor nesse momento é o seguinte: pra crescer na profissão e pra crescer como político, talvez até ser presidente, tem alguns protocolos que a gente tem que seguir, o senhor quebrou um deles essa semana entrando num boca a boca, numa discussão ali com uma repórter. (AGORA É TARDE, 2014)

A pedido do apresentador, é exibido o vídeo em que Bolsonaro aparece exaltado agredindo verbalmente Manuela Borges, então repórter da *RedeTV!* em meio a uma entrevista no saguão do Congresso:

[BOLSONARO] Você é uma idiota, você aprendeu onde isso daí? Eu tô falando que está no Diário do Congresso, como é que eu tô

mentindo? Você é uma analfabeta. [aos gritos] TÁ AQUI NO DIÁRIO DO CONGRESSO! (AGORA É TARDE, 2014)

Na sequência, Bolsonaro segue discutindo com a repórter, chamando-a novamente de “idiota, analfabeta e ignorante”. O deputado não permite que a repórter se manifeste, cortando-a aos gritos: “estou cagando e andando pra você, cagando e andando [sic]”, finalizando com “Você já desceu na biblioteca da Câmara? Então você é uma analfabeta. A repórter afirmava de maneira repetida: “estamos trabalhando”, ao que Bolsonaro responde: “Vai trabalhar para a Dilma Rousseff”.

De volta ao programa, o apresentador pergunta se, ao ver o vídeo, Bolsonaro não sente “um pouquinho de vergonha”, o que é negado prontamente:

[BOLSONARO] Negativo, é o fragoroso em disputa. Você pode ver, a terceira vez que eu falei pra ela que quem cassou João Goulart foi o Congresso no dia 02 de abril de meia quatro e estava isso documentado no Diário do Congresso na biblioteca que eu chamo de Porões da Democracia, a terceira vez ela me chama de mentiroso, eu só podia responder dessa maneira. Dei uma de João Figueiredo, né? Ou de Nilton Cruz, só podia respondê-la dessa forma. (AGORA É TARDE, 2014)

O apresentador tenta questionar Bolsonaro sobre sua postura como deputado, ao que é interrompido por ele, que afirma que foi uma “consequência” e que a repórter estaria se fazendo de vítima ao afirmar que o processaria pelos insultos proferidos contra ela, para finalizar afirmando: “deu uma de Maria do Rosário.”

Mesmo que o próprio Bolsonaro não tivesse fornecido explicitamente a comparação com a discussão que protagonizou com a deputada petista, é notório o paralelo que se pode estabelecer entre os dois episódios.

Assim como fez com Maria do Rosário, Bolsonaro se utiliza da depreciação e diminuição da inteligência de uma mulher no exercício de seu trabalho. A misoginia e a banalização da violência contra mulheres são evidentes em ambos os casos.

Novamente a estratégia de inversão aparece. Ambas teriam provocado uma reação sua que “não poderia ser outra”. Suas atitudes são assim “minimizadas” ao colocá-las na ordem da reação à provocação, deslocando a responsabilidade da agressão para quem a sofre.

O medo dessa culpabilização e a falta de apoio, levou Manuela Borges a desistir de processar o deputado. Em 2017 quando o vídeo voltou a “viralizar” nas

redes sociais, a repórter afirmou ao portal de notícias Uol, ter desistido de processar o deputado por falta de respaldo da emissora na qual trabalhava, a *RedeTV!*, da qual saiu pouco tempo depois. Também teria sido desincentivada por amigos a enfrentar um processo no qual poderia ser culpabilizada e condenada a pagar multa indenizatória.

No final da participação de Bolsonaro no programa, o apresentador Ihe faz um apelo para que reconheça que se excedeu com a jornalista. Bolsonaro, contudo, se recusa a reconhecer seu “excesso” se colocando como quem foi agredido e não como agressor.

[BOLSONARO] Se ela quiser dar um abraço em mim eu tô à disposição.

[BASTOS] A câmera tá ali então e eu gostaria que o senhor falasse diretamente com ela.

[BOLSONARO] Se ela quiser dar um abraço em mim, refazer, eu tô pronto pra conversar com ela. Não tenho mágoa nenhuma.

[BASTOS] [sussurrando no ouvido de Bolsonaro] Pede desculpas

[BOLSONARO] Não, não. Agora ela foi... ela começou, ela foi indelicada ao duvidar da minha palavra, minha palavra não, do Diário do Congresso Nacional, não é da minha palavra, tá ok? Esse não é o papel de uma boa jornalista, né? Eu logicamente não falaria aquilo pra ela.

[BASTOS] Não se arrepende, não pede desculpas?

[BOLSONARO] Eu não peço desculpas não, não, não peço. (AGORA É TARDE, 2014)

Na outra parte do vídeo exibida, enquanto a jornalista afirma que o deputado irá responder pelos seus atos, Bolsonaro aparece sorridente se dirigindo à repórter em tom debochado:

[BOLSONARO] te ofender jamais. Você é bonita. Você é bonita por sinal.

[BORGES] O senhor me ofendeu e o senhor vai responder por isso.

[BOLSONARO] [em tom de deboche] Criminalmente?! Óooooh

[BORGES] O senhor não pode chegar agredindo as pessoas, chamando de idiota.

[BOLSONARO] [volta a ficar alterado] Mas você é uma idiota. Você é uma idiota. Você é uma ignorante. Você é uma ignorante. (AGORA É TARDE, 2014)

O motivo da discussão com a repórter foi uma pergunta a respeito da Ditadura Civil Militar, o que irritou o ex-capitão. Rafinha Bastos o questiona igualmente sobre

sua afirmação de que não houve ditadura nem tortura, mas em nenhum momento é chamado de ignorante ou idiota por Bolsonaro.

Ao ser perguntada sua opinião sobre a tortura, afirma que esta é uma arma de guerra que sempre existiu e que embora não seja desejável uma guerra, muito pior é a guerra de guerrilha que “esse pessoal implementou, buscando a tomada de poder pela força para implementar uma ditadura semelhante a cubana”. Afirma ainda que todo mundo diz que foi torturado. O apresentador questiona se ele acha que a presidenta Dilma Rousseff está mentindo, ao que responde: “escandalosamente”.

Como vimos anteriormente, a tortura sofrida pela ex-presidenta foi utilizada posteriormente por Bolsonaro com escárnio na sessão de votação que aprovou o processo de impeachment contra ela, ao invocar homenagem ao coronel e torturador Brilhante Ustra. Dilma se encontrava neste momento em sua casa sem chance alguma de se defender, da mesma maneira que no programa em que foi acusada de mentir que havia sofrido tortura.

Dilma Rousseff é trazida novamente à pauta do programa, dessa vez não por Bolsonaro diretamente, mas, por meio da performance de imitação do ator e comediante Gustavo Mendes, que aparecia em vídeo caracterizado como a presidenta em um cenário que remetia ao gabinete presidencial. A “Dilma”⁵⁸ de Gustavo Mendes encena um telefonema ao programa para falar com Bolsonaro que responde a brincadeira, interagindo com a personagem de modo natural e descontraído.



Figura 29. Print de vídeo do canal Agora é Tarde no Youtube em 09/04/2014

⁵⁸ Por se tratar de personagem, ao nos referirmos a suas falas no programa, utilizamos o nome desta maneira, distinguindo assim da personalidade real de Dilma Rousseff.

Bolsonaro “atende” o telefone para conversar com a personagem. Aos risos, a cumprimenta: “Sim minha presidan..anta, presi...anta”, arrancando gargalhadas da plateia. A personagem brinca com o fato de Bolsonaro ser da base aliada e com sua obsessão em perseguir homossexuais. Durante toda sua fala, por vezes esbrachadas sobre o deputado, ele gargalha e apenas balbucia algumas poucas palavras, sem, contudo, interromper a performance do artista.

[“DILMA”] Porque eu amo você, eu gosto de você. Você não é envolvido com mensalão, cê não é envolvido com escândalos, você é um cara honesto, só devia parar de falar merda, cê é uma pessoa boa, entendeu? Qualquer dia eu vou passar no seu gabinete e dar uma lambida no seu rabo pra ver se então mudo esse [inaudível]. (AGORA É TARDE, 2014)

Apesar de ridicularizar o parlamentar em sua performance, os elogios a Bolsonaro pelo seu não envolvimento no esquema de corrupção conhecido como “Mensalão”, favorece a imagem de pessoa honesta, ilibada, cuja homofobia e misoginia são tratadas como males menores, que o parlamentar pode corrigir.

À Dilma Rousseff real não foi dado o direito de responder aos insultos e ridicularizações promovidas por Bolsonaro no programa e da acusação de mentir sobre a tortura que sofreu. O decoro do parlamentar para se referir à autoridade máxima do Estado não foi em nenhum momento questionado, ao contrário, as falas de Bolsonaro eram sutilmente incentivadas em perguntas provocativas do apresentador, que por vezes exclamava: “Mas deputado!” ou “O senhor acha que a presidenta mentiu então?”, para arrancar acusações ainda mais contundentes do entrevistado.

A misoginia também está em pauta no programa de Raul Gil, quando Lidya Sayeg pergunta ao deputado se é verdade que ele é contra a Lei da Maria da Penha, o que é negado por ele e mais uma vez direcionado para uma outra entrevista onde afirma que suas palavras foram distorcidas na manchete da reportagem.

[BOLSONARO]: Olha só, falam aí que eu sou a favor que mulher ganhe menos do que homem. Por quê? Eu dei uma entrevista no Jornal Zero Hora, Porto Alegre, onde eu falei sobre salário de homens e mulheres baseado em estatística do IBGE. E no IBGE é claramente lá que a mulher ganha menos... um dos motivos, a jovem por causa da licença gestante. E eu falei isso, e o jornal Zero Hora fez a matéria

chamada: Jair Bolsonaro, dois pontos, defende que mulher ganhe menos do que homem

[VAL MARCHIORI]: Absurdo isso, absurdo isso!

[BOLSONARO]: A matéria saiu correta!

LIDYA SAYEG]: É jornalista escreve [inaudível]

[BOLSONARO]: Mas **eu sou um alvo compensador**. Você falou no início do programa [se dirigindo a Raul Gil] que estou sendo cogitado a ser presidente, é uma honra. Vamos elevar o nível do debate, né, não vamos debater apenas PRONATEC e Bolsa Família.

RAUL GIL: Você tem direito de se candidatar a presidente, claro. (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

Mesmo sem afirmar textualmente o paralelo entre as duas situações, ao trazer o caso da distorção em resposta a outra entrevista, deixa implícito que não se trata da sua opinião, mas de caso semelhante de distorção por parte de jornalistas. Conseguindo com isso desviar o foco do questionamento sobre o que havia sido perguntado, ou seja, seu posicionamento em relação à Lei Maria da Penha.

Novamente no programa Raul Gil, outro exemplo de misoginia, agora em relação à sua própria filha. Bolsonaro, que já tem outros quatro filhos homens, afirma ter torcido para que fosse mais um.

Ao ser questionado pelas integrantes do quadro, afirma que homens geralmente torcem para terem filhos homens, como um dado natural. Em 2017 em uma palestra na Hebraica, no Rio de Janeiro, quando já se apresentava como pré-candidato à presidência, Bolsonaro voltou a se referir à sua filha de forma depreciativa. Na ocasião afirmou: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher⁵⁹.”

Na sequência do diálogo, Bolsonaro segue expressando de maneira conjugada misoginia e homofobia, direcionadas à então Ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Eleonora Menicucci.

VAL MARCHIORI: E você chamou a ministra de sapatona foi isso?

BOLSONARO: Bem, vamos lá. Ministra Eleonora Menicucci, pra que não haja dúvida. Não chamei. Eleonora Menicucci, ela quando foi escolhida pela presidente para ocupar a secretaria de políticas para as mulheres, ela deu uma declaração ao jornal O Correio Brasiliense do dia 12 de março de 2012, abre aspas: “Não é porque eu tenho mais de 60 anos de idade que não continuo fazendo sexo com homens e mulheres e meu grande orgulho é minha filha que é gay”. Fecha aspas. Ela pode ter a vida que ela bem entender, quero que ela seja felicíssima, mas uma mulher pública ao ser representante da...

⁵⁹ Disponível em <https://revistaforum.com.br/politica/2017/4/5/bolsonaro-eu-tenho-filhos-foram-homens-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-veio-uma-mulher-19902.html>

teoricamente [fazendo gestos de aspas] da minha mãe, da minha esposa, das senhoras, das mulheres, etc...

[VAL MARCHIORI]: Dos brasileiros em geral.

[BOLSONARO]: Ela falar isso daí, ela perdeu toda credibilidade e abriu a guarda para que o Jair Bolsonaro entrasse rachando. E daí eu peguei, eu tinha levado no meu pronunciamento uma cópia do Houaiss, do dicionário e li a definição de sapatão como está lá, é isso... daí é o que ela é.

[VAL MARCHIORI]: Aí você a chamou de sapata...

[BOLSONARO]: Não, chamei não, tá no dicionário brasileiro...

[PENÉLOPE NOVA]: [em tom irônico] você citou o dicionário.

[BOLSONARO]: Eu citei o dicionário para não ter dúvida. Que eu sou um elemento, viu Thammy [olhando e sorrindo em direção a Thammy Miranda], que você vai falar agora, que qualquer palavra errada eu respondo dezenas de processo. (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

A fala de Bolsonaro trazendo detalhes da declaração da ministra em sua posse, incluindo a data exata em que foi feita, demonstra uma preparação prévia para falar a respeito.

É possível perceber também o caráter performático por meio das gesticulações, risos e o tom elevado da voz de Bolsonaro ao se referir a ministra. O recurso de “abre aspas, fecha aspas” demonstrando que se trata de uma citação literal, traz uma dramaticidade ainda maior à sua fala e a ênfase de que a própria ministra é quem estaria depondo contra si mesma.

No seu entendimento, a declaração da ministra sobre sua sexualidade e a da filha, a descredibiliza enquanto representante das “mulheres” e lhe concede permissão para que a ofenda e desqualifique.

A citação do dicionário, apresentada como uma forma de se proteger de possíveis processos, é também um modo de conferir um ar de objetividade e “cientificidade” a suas próprias declarações, como se fossem desprovidas de qualquer subjetividade e intencionalidade.

Maria do Rosário vem novamente à tona, trazida pelo apresentador Danilo Gentili, em entrevista com Bolsonaro em 20/03/2017. Em resposta a Gentili, Bolsonaro utiliza o julgamento para se dizer perseguido e invocar o artigo 53 da Constituição que, segundo ele, lhe permite enquanto deputado emitir “quaisquer palavras, opiniões e vozes

[GENTILI] vou começar falando do assunto mais quente aí que você tá envolvido. O STF não aceitou os recursos da sua defesa daquele caso da Maria do Rosário.

[BOLSONARO] Eu tô tentando é postergar o julgamento. Cê pode ver, assim como querem abater a Le Penn na França, de direita, querem me abater aqui também por questão das eleições de 2018.

[GENTILI] você acha que você está sendo perseguido por causa da eleição?

[BOLSONARO] Não há a menor dúvida. Olha só, lamentavelmente o relator, ministro Fux, rasgou a Constituição, que lá tá escrito o artigo 53: “os deputados e senadores são invioláveis por quaisquer palavras, opiniões e vozes”. E criou uma jurisprudência que dentro da Câmara vale qualquer coisa no tocante a qualquer palavra, tá escrito na Constituição. Inclusive, jurisprudência do próprio ministro [Luiz] Fux. Mas, o que aconteceu naquele episódio que eu acho que todo mundo tá careca de saber, né?

[GENTILI] A gente tem aqui, foi em 2013, não é? (THE NOITE, 2017)

No vídeo exibido pelo programa, é possível ver a deputada se aproximando de Bolsonaro depois dele dizer que não a estupraria porque ela não merece e sendo empurrada por ele. Com o dedo em riste, Bolsonaro ainda xinga a deputada de “vagabunda”. Absolutamente perplexa, Maria do Rosário pergunta a sua volta se estavam ouvindo o que ele estava dizendo.

O programa retoma para a entrevista sob aplausos da plateia, como se o que acabava de ser exibido fosse algo absolutamente normal, plausível, corriqueiro, ou melhor ainda, parte do show.

[GENTILI] Só pra deixar claro pra todo mundo, esse aí foi o início do processo que tá hoje no STF. Se não tá claro pra alguém, qual é o crime que você está respondendo?

[BOLSONARO] Olha só, Danilo. Ela tava defendendo o estuprador Xanbinha, dizendo que ele tinha que ser punido a luz do ECA, o ECA não pune ninguém. Xanbinha foi aquele que com mais quatro por cinco dias, né. Em rodízio estupraram uma menina, depois executaram, degolaram a menina, tá ok? Esse assunto eu recordei em 2014, e na semana seguinte a subprocuradora, Ela Wiecko, resolveu pegar uma matéria de jornal, pessoalmente aproveitando uma saída do Janot e foi ao Supremo me denunciar.

[GENTILI] Só pra gente lembrar, em 2014 foi isso aqui? (THE NOITE, 2017)

Após a exibição do vídeo, onde aparece na tribuna repetindo as ofensas que proferiu à deputada na ocasião, Bolsonaro dá sequência em tom de deboche:

[BOLSONARO] Agora entrou depois nesse dia a palavra feia também. Então em cima da palavra feia (rindo) o ministro Fux deduziu que as bonitas podem ser estupradas, quer dizer, é o fim da picada.

Adjetivos relativos à aparência são comumente utilizados para se referir de maneira depreciativa às mulheres. Essa é mais uma expressão do machismo e da misoginia, uma vez que não encontramos equivalente para se referir a homens.

[GENTILI] agora você tá, segundo o STF, ou segundo o pessoal que está te acusando, você está te denunciando, qual seria o crime que segundo eles...

[BOLSONARO] Incitação ao estupro. Logo eu, incitação ao estupro. Quando ela estava defendendo estuprador.

[GENTILI] Agora, desculpa te interromper, vou fazer uma pergunta: hoje você está sendo processado por ter falado isso para a Maria do Rosário: “você não merece ser estuprada”, mas ela te chamou de estuprador e você não pensou em processá-la?

[BOLSONARO] Olha só, se eu processar qualquer parlamentar, por qualquer palavra dentro da Câmara eu tô dizendo pra eles que eles podem me processar também. [...]

Tá errada a turma do Supremo Tribunal Federal, porque eu me escudo na imunidade parlamentar. (THE NOITE, 2017)

Vejam que o diálogo segue na lógica de que tudo que foi exposto de Bolsonaro é aceitável e que ele seria inclusive, no mínimo, tão vítima quanto, podendo, se quisesse, processar Maria do Rosário. O fato de ter chamado a deputada que exercia sua função como parlamentar de feia e vagabunda, é explorado pela veia cômica.

Bolsonaro segue trazendo para o campo da liberdade de expressão e da imunidade parlamentar as ofensas. Não questiona o conteúdo ético de suas afirmações, mas o direito que teria de fazê-lo, sendo parlamentar.

Há uma lógica implícita de que prerrogativas como político lhe autorizariam a atuar de forma ofensiva, desrespeitosa, preconceituosa, porque a lei assim lhe garante. Depois para justificar as “besteiras” (sic) que havia dito para a deputada, foi para o argumento de que ela havia começado, fechando com a frase: “É aquela história do futebol, você me dá uma cotovelada, eu dou um chute em você.”

A depreciação de mulheres, em especial em espaços de poder e decisão como é o caso da ex presidenta Dilma Rousseff, ex-ministra Eleonora Minicucci e a deputada Maria do Rosário e, a deslegitimação de sua capacidade intelectual, constituem um elemento tácito das colocações públicas de Bolsonaro.

O questionamento da veracidade das afirmações e culpabilização da própria vítima pela violência sofrida, seja ela de qualquer tipo, é parte constituinte da misoginia, que por sua vez, encontra suas raízes no ideário judaico cristão. A

compreensão judaico cristã de natureza, entende a desigualdade entre mulheres e homens como um dado naturalmente construído pela vontade e ação divina.

Mulheres que se destacam intelectual e politicamente são encaradas como uma ameaça a uma ordem social. Mais uma vez, Schwarz nos ajuda a compreender que:

Na prática, o mundo da política corrobora o que a realidade do dia a dia demonstra: ele é feito de uma atitude, antiga e consolidada entre nós, de buscar tornar inexpressiva, quando não quase inexistente, a presença de mulheres nas principais instituições do país. E quando isso não ocorre, o sentimento de perda de privilégios pode dar vazão não só a violência física, mas também à violência simbólica e moral. (SHWARCZ, 2019, p. 187)

Nessa lógica opressiva, a violência praticada contra mulheres é naturalizada. A exposição constante dessa violência como espetáculo grotesco, contribui para sua banalização e cisão na mentalidade social da violência, enquanto uma realidade concretamente constituída, seja pela violação de corpos ou em suas formas discursivas.

Pela linguagem do entretenimento, se promove uma cisão entre o discurso e o ato da violência, tornando esta banal e ao mesmo tempo, uma espécie de ficção. Assim, dizer reiteradas vezes que “não a estupraria, porque não merece”; se referir a uma mulher como “idiota e ignorante”, por questionar sua opinião particular e distorcida sobre um evento histórico ou dizer que “mulheres devem ganhar menos porque engravidam”, se apresenta como apenas “opiniões” descoladas das violências que de fato são, promovendo sua banalização.

Familismo/ heteronormatividade

“Se ser homofóbico é defender a família e as crianças pode me chamar de homofóbico.”⁶⁰

O familismo, como vimos, é um dos alicerces do ideário judaico cristão e das moralidades conservadoras. A proteção da família “natural” é comumente associada, no discurso conservador - onde se insere o bolsonarismo - à homossexualidade, que,

⁶⁰ Fala de Bolsonaro durante o programa “Você na TV” da RedeTV! no dia 02/03/2015

por sua vez, é apontada como uma ameaça à primeira. Por isso trazemos a análise conjunta dessas duas pautas.

Em suas participações nos programas de entretenimento televisivo durante o período analisado, Bolsonaro mobiliza essa pauta de modo central. Muitas vezes é trazida por ele sem que tenha sido feito qualquer direcionamento a respeito.

No programa Mulheres, em dois momentos essa pauta é mobilizada, o primeiro ao falar de Joaquim Barbosa, no qual se utiliza de argumentos legais para justificar sua posição moral atrelada ao ideário judaico cristão, de família heteronormativa. Ao selecionar o prato que contém a imagem do ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, Bolsonaro comenta:

[BOLSONARO]: Ah esse é o cara. Que inclusive, por ocasião da leitura do relatório do mensalão, ele citou meu nome. Alguém pode pensar: poxa corrupto, mensaleiro? Não. Ele citou meu nome, tá no YouTube, né? Dizendo que entre os parlamentares que receberam agrados para votar as propostas do governo e votaram, né? Menos um, só um não votou: deputado Jair Bolsonaro. Então Joaquim Barbosa passou a ser meu ídolo. Se bem que ele deu uma escorregadinha, pequena pisadinha na bola, esses dias, foi quando reconheceu o casamento gay. Ministro, quem sou eu pra falar em Constituição pra vossa excelência, mas tá lá na nossa Constituição que o casamento é entre um homem e uma mulher. E vossa excelência na frente do CNJ avançou um pouco mais das suas atribuições. (PROGRAMA MULHERES, 2013)

Um segundo momento de mobilização dessa pauta familista e heteronormativa se dá, trazendo a figura da Deputada Maria do Rosário, logo após afirmar que não é misógino.

[BOLSONARO] Mas essa senhora aqui, a Maria do Rosário, ela tem o plano nacional de cidadania LGBT... eu não tenho nada contra ou a favor de homossexuais, nada. O que não posso admitir com este plano é ela querer impor agora, nas escolas de ensino fundamental, a temática e diversidade sexual. Por exemplo, entre seus planos, por assim dizer, a distribuição para bibliotecas de escola pública da temática famílias LGBT para o público infante juvenil. (PROGRAMA MULHERES, 2013)

Interrogado pela apresentadora Kátia Fonseca se isso não é uma realidade no nosso país hoje, responde:

[BOLSONARO] olha eu entendo que o garoto ele tem como ídolo seu pai e sua mãe e professor. A partir do momento que você começa a passar filmes na escola como estava previsto, e agora voltou à carga de novo, duas meninas se beijando, dois meninos trocando carícias,

ele começa a ver aquilo como normal. Uma criança de seis, sete anos de idade, isso é um crime.

Fala semelhante veremos no programa do Ratinho ao responder à pergunta de um telespectador/ internauta pelo Tweeter:

[RATINHO]: Jean Carlos Gomes: Você tem ódio dos gays?

[BOLSONARO]: Não, a minha briga sempre foi contra o material escolar. [Acenando com o dedo]

[RATINHO]: o chamado kit...

[BOLSONARO]: O tal do kit gay. Nós não podemos admitir que crianças a partir de seis, sete anos de idade recebam filmetes, cartazes e livros dizendo que ser gay é legal e normal. Não podemos admitir isso aí. (PROGRAMA DO RATINHO, 2014)

No programa SuperPop, exibido em 03/02/2014, o assunto era o final da telenovela *Amor à Vida*, escrita por Walcyr Carrasco e exibida pela Rede Globo de televisão, que trazia pela primeira vez à TV um beijo entre dois homens.

Luciana Gimenez inicia o programa comentando o que caracteriza como objeto de comoção nacional: o primeiro beijo gay masculino em uma telenovela brasileira. Gimenez se diz espantada pelo fato de o beijo ter provocado desconfortos e das pessoas ainda ficarem chocadas com essa cena. Comenta ainda que se para algumas pessoas foi uma quebra de tabu tardia, para muitas outras foi um “atentado contra a ética, a moral da família”. E interroga: “*será que esse beijo causou tanto que foi capaz de mudar o pensamento das pessoas sobre os relacionamentos gays?*” (SUPERPOP, 2014)

Após a introdução, é exibida a cena, seguida de opiniões de transeuntes, dados sobre a violência contra homossexuais e comentários de personalidades políticas como Jean Wyllys e, artísticas como o apresentador Luciano Huck, o ator Bruno Gagliasso e a diretora Glória Peres.

Enquanto as opiniões dos populares eram divididas entre aprovação e desaprovação, todas as personalidades saudavam o escritor Walcyr Carrasco, pela ousadia da cena. De volta ao palco, uma das assistentes anuncia a enquete: você acha que o beijo gay na novela vai diminuir o preconceito contra os homossexuais?

Em tom de brincadeira, Gimenez provoca seu outro assistente sobre a possibilidade de dar um beijo em Bolsonaro. O primeiro responde que, assim como os atores que interpretaram a cena do beijo, Mateus Solano e Thiago Fragoso, não são gays, não teria problema em dar um beijo em Bolsonaro. Bolsonaro responde que já teve “um momento, vamos dizer de amor, com Mateus Solano” (SUPERPOP, 2014)

Essa fala de Bolsonaro exemplifica o aspecto performático de sua participação. Ele busca atuar de forma ativa propondo elementos cômicos e não apenas respondendo ao que é demandado pelo programa.

Isso também é perceptível no programa de Rafinha Bastos, Agora é Tarde. Ao ser recebido pelo apresentador, Bolsonaro o presenteia com uma minigarrafa de cachaça que Bastos exhibe para o auditório e para as câmeras. O rótulo personalizado contém uma imagem de veado e os escritos: “Aguardente de cana delicada. Cura Veado. Envelhecida em chifre de veado”. No verso há uma foto do apresentador com a frase: “Eu tomei”.



Figuras 30 e 31. Prints do vídeo do programa Agora é Tarde de 08/04/2014 no canal do YouTube do programa

Em meio a risos de Bolsonaro, Bastos questiona o fascínio do entrevistado com “o rabo do ser humano” [sic]. Em tom bem-humorado, Bolsonaro responde: “É que o programa começou com a questão do Feliciano, né? Daí eu fiquei preocupado e resolvi sacar essa arma secreta em cima de você aqui”(AGORA É TARDE, 2014).

Se percebe uma explícita preocupação de Bolsonaro, em imprimir ao seu próprio discurso uma estética recreativa e uma certa dramaticidade, o que está diretamente relacionado com a estratégia de cisão, pois ao lançar mão de recursos cênicos como a mini cachaça, reveste seu discurso com uma aura cômica ficcional.

Mais adiante no mesmo programa, quando comentava os tweets de ódio, vemos Bolsonaro tentando controlar o direcionamento da comicidade, saindo do lugar de objeto da piada para o de interlocutor. O terceiro tweet de ódio contra Bolsonaro dizia que “Se bosta fosse boa não começava com B de Bolsonaro, Bono Vox e Barbra Streisand...”, sem adentrar no conteúdo negativo do tweet, Bolsonaro recorre mais uma vez a uma piada homofóbica, tentando colocar o apresentador como alvo dela.

[BOLSONARO] Tem algumas coisas que começam com B que eu gosto muito, eu não sei se você gosta, talvez você vai gostar depois de tomar aquela cachaça ali.
[BASTOS] Se eu gosto de... bunda. [Bolsonaro gargalha]. Lá vem o Bolsonaro ...
[BOLSONARO] Toma lá quem sabe você começa a gostar de outras coisas que começam com B.
[BASTOS] Eu acho que o senhor está muito viciado na bunda. Esse negócio da bunda... Olha eu sei, sei que essa... (AGORA É TARDE, 2014)

Quando o apresentador retoma o direcionamento da piada, o deputado Jean Wyllys é então trazido à conversa por Bolsonaro, na tentativa de direcionar a ele sua chacota.

[BOLSONARO] Tem um deputado em Brasília, não vou falar o nome dele para não ser processado, que pra mim ele não é gay.
[BASTOS] por que você acha isso?
[BOLSONARO] Porque ele não tem bunda.
[BASTOS] Quem não tem?
[BOLSONARO] Um deputado em Brasília que tem fama de ser gay, mas pra mim acho que ele não é gay. Porque ele não tem bunda.
[BASTOS] Tá, duas coisas, primeiro é claro que é o Jean Wyllys, segundo o senhor fica no Congresso olhando a bunda dos seus colegas, é isso?
[risos da plateia]
[BOLSONARO] [rindo] eu tenho que olhar pra não bater né, as vezes encosta. Evitar encostar, né
[BASTOS] Eu nunca vi um homofóbico tão preocupado com a bunda das pessoas. (AGORA É TARDE, 2014)

Jean Wyllys foi assunto principal do Programa Superpop de 13/04/2015. O deputado havia sido gravado por Bolsonaro em um vôo, no qual se levanta para não ficar ao lado de Bolsonaro. Ao anunciar o assunto do programa e a presença do deputado enquanto esperava que este chegasse ao estúdio, a apresentadora Luciana Gimenez comenta:

[GIMENEZ] Bolsonaro faz aqui hoje uma denúncia. Enquanto muitos lutam contra a homofobia, Bolsonaro diz que foi vítima de heterofobia. Ele disse, a gente tem que ouvir. Por parte do também deputado Jean Wyllys dentro de um avião, pois é, o vídeo está dando o que falar na internet. Heterofobia?! Tem gente que tá reclamando disso agora, mas ele falou que vem aqui, que não é brincadeira e que vai contar a verdade, toda, sobre essas polêmicas e mais essa agora heterofobia. Ele tá sempre se envolvendo, gente. Ele já foi chamado de (contando

com os dedos) machista, estuprador [rindo], preconceituoso, racista, homofóbico. [...] (SUPERPOP, 2015)

Após o VT, Gimenez comenta novamente o envolvimento de Bolsonaro em “polêmicas”, chegando a afirmar a possibilidade de existir “heterofobia” como equivalente a homofobia.

[GIMENEZ] Gente Bolsonaro tá sempre se envolvendo em polêmica, agora ele se diz vítima de heterofobia. Pode ser também, né? Porque se tem homofobia tem heterofobia. Pode! O que você faria, por exemplo, se você sentasse do lado do Bolsonaro? Eu também não sei. Talvez não é heterofobia, fosse bolsonarofobia. Não sei, tá confuso esse negócio. (SUPERPOP, 2015)

Já com Bolsonaro no palco, que conta também com Sônia Abrão, Agnaldo Timóteo e o jornalista Felipeh Campos, é exibido o vídeo gravado por Bolsonaro e publicado em suas redes sociais. Bolsonaro registra o momento em que Jean Wyllys se levanta e senta-se em outra poltrona. Enquanto Wyllys continua sua leitura sem dirigir sequer seu olhar a Bolsonaro, este segue filmando e comenta que está se sentindo discriminado.

[GIMENEZ] Agora é o seguinte, vocês assistiram aqui o nosso querido Jair Bolsonaro está sempre metido em alguma... em algum problema, ele tá sempre... você, olha é Jair Problema Bolsonaro. Eu não entendo, você atrai. A minha pergunta é a seguinte, pra começar: você tava ali com seu telefoninho, você já chegou gravando! Por que você já chegou gravando?

[BOLSONARO] Positivo. Eu vi que ele havia sentado mais ou menos na minha fileira, né, a minha era 12B e quando cheguei ele tava sentado na 12C.

[GIMENEZ] Já viu lá embaixo...

[BOLSONARO] Eu vi. Eu tô sempre armado, né (rindo) então eu saquei o meu telefone. Não foi o Jean Wyllys, qualquer. geralmente eu tô com o telefone pronto pra filmar, porque muita coisa acontece comigo e pegamos no flagrante aqui, aquele que mais defende o fim do preconceito etc., mostrou ser um preconceituoso. Imagina se fosse o contrário. (SUPERPOP, 2015)

A assistente questiona se não se trata, na realidade, de um desafeto e não de preconceito, uma vez que os dois já se haviam se desentendido e que Bolsonaro já havia sido preconceituoso com ele, então, o deputado teria preferido evitar confusão. Contudo, Bolsonaro insiste em enquadrar o corrido como preconceito.

[BOLSONARO] Há dois dias nós estivemos no programa do Cabrini onde foi perguntado pra mim se eualaria com ele, eu falei sim! Daí

quando perguntado pra ele, ele falou que não! Então algo que tá em jogo não é questão de desafeto, É preconceito, é discriminação.
[GIMENEZ] Mas você acha que é preconceito porque você é heterossexual ou preconceito porque ele não gosta de você?
[BOLSONARO] Não sei se ele é apaixonado por mim. [risos de convidados e plateia] mas ele vai... se depender de mim ele vai morrer frustrado... [risos] (SUPERPOP, 2015)

Ao ser perguntado pela apresentadora se a gente divide as pessoas no mundo entre homossexual e heterossexual, Bolsonaro direciona sua resposta para o governo [de Dilma Rousseff], afirmando:

[BOLSONARO] Olha, Luciana, é um projeto de governo, [Agnaldo] Timóteo talvez possa me ajudar nisso aí, dividir classe. É branco contra negro, é homossexual contra heterossexual.
[GIMENEZ] Que triste.
[BOLSONARO] É nortista contra sulista, é rico contra pobre, é pai contra filho na lei das palmadas. Parece que é um governo propositadamente [sic] mexe nesses assuntos. (SUPERPOP, 2015)

No programa do Raul Gil de 25/04/2015, que teve como tema principal “a polêmica do ‘kit gay’”, logo de início, Bolsonaro traz o episódio com Wyllys para se dizer vitimizado.



Figura 32. Print de vídeo do Programa Raul Gil no Canal do YouTube do SBT do dia 25/04/2015

Depois de outras piadas referentes a homossexualidade, Bolsonaro brinca com a cor da poltrona para a qual foi convidado a sentar: “Não podia ser uma cadeira

azul pra mim, não? [risos]”. O convidado prossegue, se afirmando textualmente como vítima quanto ao assunto da homossexualidade.

[BOLSONARO]: Eu sou uma pessoa vitimizada quase o tempo todo, mas eu levo as minhas ideias pra frente. [...].

[NOVA]: Esse episódio da heterofobia você tá falando do Jean Wyllys ter levantado do seu lado no avião, pra não sentar do seu lado?

[BOLSONARO]: Vamos na questão do avião. Dois dias antes estava no programa do Cabrini e aconteceu muita coisa, inclusive o Cabrini perguntou pra mim se eu falaria com ele. Sim, conversaria, e quando ele foi ser entrevistado ele falou que jamais conversaria comigo. Eu já sei do comportamento do Jean Wyllys, ele se vitimiza o tempo todo. Quando eu entrei no avião eu percebi que ele se sentou mais ou menos no 12C e o meu era 12B, o que que eu fiz? Botei a câmera pra funcionar e o vídeo saiu. O que acontece Thammy no meu entender, se eu não gravo isso, ele ia se levantar também, ia contar aqui fora uma historinha completamente diferente do que na prática aconteceu no avião. (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

A inversão fica mais uma vez evidente neste relato de Bolsonaro, que qualifica o episódio do avião como uma intolerância completamente gratuita por parte de Jean Wyllys. O preconceituoso passa a ser Wyllys, que se recusa a conversar com ele ou fazer uma viagem ao seu lado. A essa atitude, Bolsonaro dá o nome de “heterofobia” da qual ele seria a vítima, um neologismo que afirma ter sido criador.

[BOLSONARO]: Esse neologismo fui eu que introduzi, começou antes numa briga com a deputada... a senadora Marinor Brito.

[MIRANDA]: Que foi a que você falou que não merecia ser estuprada?

[BOLSONARO]: Não, essa é a Maria do Rosário. Eu tenho o maior prazer de falar isso contigo [se dirigindo a Thammy Miranda] porque tenho certeza que o pessoal vai me apoiar no que eu falaria sobre o caso Maria do Rosário. (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

Antes de se remeter ao episódio do avião, Bolsonaro trouxe o termo logo quando de sua entrada no palco do programa. Ele chega sorridente, acena para a plateia e depois para Thammy Miranda, que ameaça se levantar. O gesto de Miranda motiva um diálogo entre os três:

[RAUL GIL]: Ôh, ô, onde cê vai? Peraí, fica aí! [risos]

[BOLSONARO]: Nós não gostamos da mesma coisa?

[MIRANDA]: Gostamos.

[BOLSONARO]: Vai sair por quê?

[MIRANDA]: Essa coisa a gente concorda.

[BOLSONARO]: Seria heterofobia. [risos]

[MIRANDA]: Essa coisa a gente concorda, em relação às mulheres...

[RAUL GIL]: Você viu né? (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

O breve diálogo já nos apresenta a estratégia de disjunção que se tenta apresentar entre o que Bolsonaro diz e representa: homofobia, transfobia etc. e sua relação pessoal com pessoas LGBTQIA+, como se não houvesse conexão entre elas.

O pseudo conceito parte de uma lógica distorcida de que haveria um preconceito, ódio ou aversão a pessoas heterossexuais, o que não corresponde à realidade, uma vez que que preconceito se dá pela não aceitação de algo considerado fora da norma e a heterossexualidade se impõe como a normatividade das relações afetivas e sexuais.

Mesmo sem qualquer plausibilidade quanto ao que está apresentando, em nenhum momento é questionado sobre isso, pelo contrário, os diálogos seguem dentro da própria lógica proposta por Bolsonaro.

Da mesma maneira que no programa de Gimenez, Super Pop, a fala de Bolsonaro se apresenta como uma “opinião”, que não agride ou fere ninguém e, sua postura como de democrata, capaz de conviver e dialogar com pessoas que diferem de suas posições ou mesmo contra as quais suas opiniões se dirigem.

Aqui vale mais uma vez lembrar a fala de Bob Fernandes sobre a obsessão de Bolsonaro com a tema da homossexualidade e, as falas e performances pejorativas que colecionou em sua trajetória parlamentar sobre o assunto, bem distantes de uma postura tolerante, menos ainda respeitosa.

Também é interessante a referência a Maria do Rosário; Bolsonaro afirma ter certeza de que receberia apoio ao falar sobre o caso. Percebe-se, por essa fala e pela recorrência de sua utilização, que a deputada se tornou uma espécie “bode expiatório” de Bolsonaro, toda vez que ele se encontra em situação espinhosa, sendo questionado por sua postura ou posicionamento.

A associação da deputada com o, assim chamado, “kit gay”, serve como mecanismo de inversão de sua posição de contestado, para o lugar de vítima e ao mesmo tempo herói. Maria do Rosário aparece como mentora de um projeto para acabar com a família cristã, invisibilizando a violência política e misógina sofrida por ela.

Penélope Nova lembra o deputado sobre sua declaração há alguns anos, de que caso descobrisse que um vizinho era gay, venderia a casa e questiona se não seria a mesma coisa. Ao que Bolsonaro responde que

[BOLSONARO] Qualquer comportamento de pessoa anormal, é... vizinho meu, é direito meu eu vender o apartamento e comprar outro. E comportamento anormal seria, para que não haja dúvida aqui, é um comportamento onde aquela pessoa no caso homossexual tivesse baladas, festas, que atrapalhassem etc etc etc, em cima desse contexto é que foi... (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

Bolsonaro não se detém por muito tempo nas justificativas de que não é homofóbico, logo desvia o assunto para tratar do kit anti homofobia. Mais uma vez o desvio estratégico, deslocando-o de acusado de ser homofóbico, para o de defensor da família e da inocência das crianças, temas que atraem mais empatia e adesão à sua fala. Vemos cada vez mais o foco de seu discurso na questão da educação e nos materiais. Se dirigindo a Thammy Miranda, prossegue:

[BOLSONARO] A minha luta, Thammy, sempre foi e será contra o material escolar para a garotada do ensino fundamental, ou seja, a partir de cinco anos de idade. Eu vejo aqui o Raul quanto programa de criança que ele faz e lança de uma maneira muito saudável e salutar. O que hoje o material que chegaria em 2011 nas escolas, foi suspenso por um...kit gay, exatamente, pra crianças a partir de cinco anos de idade. Eu tenho vídeos etc etc tudo sobre isso aí, material do próprio MEC comigo, certos tipos de brincadeira que não são compatíveis para uma criança naquele momento... então minha briga foi contra esse material. O governo na época mandou recolher esse material e agora está soltando a conta gotas, **porque parece que é um projeto de poder, né, mexer com a família e mexer com a cabeça das criancinhas a partir dessa idade.** (PROGRAMA RAUL GIL, 2015, grifo nosso)

Aqui vemos nitidamente a associação feita da luta pela igualdade de gênero e a liberdade sexual, com uma ameaça à ordem moral e social, caracterizada como “projeto de poder”, que teria a finalidade deliberada de destruir as famílias e prejudicar a formação moral das crianças. Esse projeto de poder é associado ao Partido dos Trabalhadores, do qual faz parte a deputada Maria do Rosário citada no diálogo.

Ao terminar sua fala, é questionado novamente por Penélope Nova sobre a homofobia e, mais uma vez, Bolsonaro responde desviando o assunto para o “kit gay”, afirmando que é chamado de homofóbico pela falta de argumentos dos grupos que defendiam o kit.

[BOLSONARO] Não, não tem nada a ver, me descobriram homofóbico no final de 2010. Olha só, de onde vem o mito? Desde 2010. Praticamente tinha acabado eleições, metade da câmara fora que não foi reeleita, outra metade cansada e tava havendo um lançamento na

Comissão de Direitos Humanos conhecido como kit gay, eu passei, tomei conhecimento do material, fiquei espantado, fui a tribuna que é meu local e bati pesado. Bem, como aqueles, não são todos não, aquela comunidade LGBT não tinha argumentos pra me convencer do contrário, eles vão pro lado da homofobia. (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

Lidya Sayeg entra na conversa dando razão à opinião de Bolsonaro contra o “kit gay”, fazendo apenas a ressalva de que a forma como o deputado se coloca não é a mais adequada, o que transmitiria um outro recado à população. A empresária não só valida as falas de Bolsonaro de que o material seria inadequado para crianças, como reforça a ideia subjacente às suas falas, de que haveria coisas mais importantes para se destinar as verbas públicas remetidas à Educação, minimizando a importância do projeto.

Ainda que não explicitamente, há um reforço da associação que Bolsonaro faz recorrentemente entre a corrupção moral, caracterizada pelo ataque à família e à inocência das crianças, à corrupção econômica que se caracteriza aqui como a destinação de verbas para finalidade que não atende aos interesses públicos.

[LIDYA SAYEG]: Mas deputado, por que que o senhor não buscou psicólogos, ludo terapeutas pra te ajudar como explicar que isso era muito cedo para uma criança? E não entrar numa guerra. Assim, porque eu concordo com você em várias coisas. Mas eu acho que o jeito que o senhor se posiciona, transmite outro recado para a população. Então não era melhor o senhor falar assim: “olha antes de fazer essa cartilha, não é mais importante ver a merenda escolar, ver como estão as mesas, como estão os professores se eles estão ganhando bem, tem tanta coisa mais importante pra se gastar o dinheiro”. Então talvez se o senhor tivesse assim uma equipe pra te ajudar a colocar.

BOLSONARO: Tinha uma psicóloga presente, eu não quero citar o nome dela para evitar processo, onde ela fala textualmente de dois meninos que começam a brincar com o órgão sexual de outro menino, deixe-os brincar à vontade... Serão homens mais seguros e mais inteligentes. Quer dizer, com uma psicóloga presente falando isso, teve a minha reação a minha explosão. Como pai, eu tenho... sou pai de uma menina de quatro anos de idade, como muitos, né pais... (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

Thammy interrompe o diálogo, dizendo que tem duas dúvidas e que gostaria de “voltar um pouco atrás” e, brinca dizendo que Bolsonaro não precisa ficar com medo, ele ri e faz piada: “Vai voltar aonde, um pouco aonde?” As insinuações de caráter homofóbico demonstram sua ignorância quanto a diferença entre sexualidade

e identidade de gênero. Thammy Miranda, que é um homem trans heterossexual, na época do programa, já namorava a modelo Andressa Ferreira, com quem veio a se casar em 2018 e teve um filho.

As piadas de Bolsonaro sobre Miranda, que o apresentam, ora como gay, ora como mulher, ocultam sua identidade de gênero e sua orientação sexual, contribuindo não apenas para o constrangimento do sujeito particular a quem se refere, mas para a desinformação e o ocultamento das existências não hetero e cis normativas.

Thammy retorna ao assunto da ministra Eleonora Menicucci, questionando se ainda que a ministra fosse sapatão, qual seria o problema de ela representar a mãe, esposa de Bolsonaro, como ele afirmou. Outra questão que apresenta é em relação ao “kit gay”, perguntando se Bolsonaro já conversou com crianças homossexuais e se já procurou conhecer adolescentes homossexuais e saber o que elas realmente passam.

[BOLSONARO]: Olha só a partir do momento que a senhora Eleonora Menicucci ela tá numa situação tal como o ex-ministro da Cultura, né, o Gil, dando bitoquinha em homem. Não representa o Brasil isso aí.

[THAMMY MIRANDA]: Nós vimos ele na condição de ministro dando bitoquinhas em homens, pelo amor de Deus.

[BOLSONARO]: Olha só nós temos uma sociedade, nós temos uma cultura

[THAMMY MIRANDA]: Mas não é melhor dar um bitoquinha no homem do que, por exemplo, roubar, matar, desviar dinheiro pra caramba?

[BOLSONARO]: Vamos voltar a Eleonora Menicucci. Você pode ser Thammy, o que cê bem entender na sua intimidade, sua vida particular, quero que você seja felicíssima.

[THAMMY MIRANDA]: Tem que esconder isso?

[BOLSONARO]: Você não vai falar com um juiz, por exemplo, de bermudas. Tem um ritual. Uma pessoa que tá numa situação de ministro, representante no caso, da senhora Dilma Rousseff, dá uma declaração dessa à imprensa, como é que ficam as senhoras? (PROGRAMA RAUL GIL, 2015)

No Agora é Tarde, ao finalizar a performance de Gustavo Mendes imitando Dilma Rousseff, Bolsonaro comenta de maneira descontraída: “Eu só espero que quando ele for ao meu gabinete não me abrace por trás, só isso, mais nada”. Na sequência, Rafinha Bastos apresenta uma situação hipotética de sua filha ser lésbica, dando início a um diálogo onde a agenda familista heteronormativa mais uma vez se evidencia:

[BASTOS] Deputado, vamos para uma pergunta mais familiar. 17 anos de idade chega em casa com assim com a, com uma Erundina [gestos de força] ou como uma Marlene Matos assim fortuna [sic] e você descobre que sua filha é lésbica

[BOLSONARO] Eu não gostaria de ter um filho homossexual.

[BASTOS] Não gostaria?

[BOLSONARO] Eu e creio que a ... Eu e creio que [apontando para a plateia] todos os pais também não gostariam. Você já viu uma mãe esperar uma criança... hoje em dia...no nosso tempo não sabia se era homem ou mulher... “não, não vou pintar o quarto nem de cor de rosa nem azul porque quem sabe seja um gayzinho [sic].” Você vê um pai falando isso aí? Uma mãe falando isso aí? (AGORA É TARDE, 2014)

Para a pesquisadora Isabela Kalil (2019, s/p) uma das características do bolsonarismo é justamente “não ser anti direitos, e sim apresentar uma noção seletiva de direitos.” Podemos acrescentar que, além de seletiva, a noção de direitos apresentada pelo bolsonarismo é distorcida. Promove a desinformação, citando dados e estimativas sem qualquer referência. Apresentando suas opiniões como dados generalizantes.

Ocorre assim a dissociação do preconceito, a misoginia e a transfobia do lugar de violações de direitos para se transfigurar em sentido diametralmente oposto, como se tais violações fossem, na realidade, expressão de uma defesa de valores que interessam a toda sociedade, em outras palavras, universais.

Em 2014 no Programa do Ratinho, Bolsonaro chega a defender uma política de planejamento familiar que incluía a maior flexibilização dos critérios para vasectomia e laqueadura. Para o então deputado federal, a taxa de natalidade, que vinha aumentando o contingente populacional do Brasil, era um problema crucial a ser enfrentado. Tal defesa contrasta com a posição conservadora de procriação como destino biológico, não permitindo qualquer intervenção artificial em seu contrário.

Demonstra de outra parte, a afinidade com o controle da reprodução por parte do Estado, muito mais alinhada à perspectivas eugenistas de controle da população pobre. Lembrando que o próprio Bolsonaro já era pai de cinco.

No mesmo programa, criticou duramente a proposta da Reforma da Previdência do Governo Dilma, sobre a qual se orgulhava de ter sido citado por Joaquim Barbosa, como o único parlamentar que não teria se vendido no mensalão para votar favorável.

No “Você na TV” de João Kleber, o primeiro assunto tratado foi a pena de morte, devido a execução recente de um brasileiro na Indonésia por tráfico de drogas. Bolsonaro diz ter ficado satisfeito com a execução. Na sequência, emenda na questão da segurança pública e anuncia que a comissão de segurança pública que integra, apresentou projeto de castração química em caso de estupro, para requerer a progressão da pena.

O assunto adentra nos Direitos Humanos e Bolsonaro fala da articulação das bancadas de segurança pública e religiosa, para “tomar de assalto” a comissão de Direitos Humanos na Câmara.

[JOÃO KLEBER] O que o senhor tem a dizer sobre a postura dos Direitos Humanos no Brasil.

[BOLSONARO] Nós esperamos em Brasília agora tomar de assalto né, democraticamente falando, a Comissão de Direitos Humanos. Seria a nossa bancada de segurança pública juntamente com a bancada evangélica para exatamente impormos novo ritmo àquela comissão. Vamos defender e procurar fazer políticas que atenda a família da vítima e não do bandido. (VOCÊ NA TV, 2014)

Bolsonaro emenda mencionando um seminário que teria ocorrido na Comissão de Direitos Humanos na Câmara em 2011.

[BOLSONARO] Você pode ver, uma questão que talvez entre no teu programa aqui, em 2011 se realizou em Brasília o novo Seminário LGBT infantil na Comissão de Direitos Humanos. Esses absurdos... não houve com Feliciano quando ele assumiu a comissão e não haverá conosco lá, caso nós consigamos assumi-la também não haverá mais isso daí. Nós devemos pregar pela moral, pelos bons costumes e realmente buscar uma maneira de confortar as vítimas, ou melhor, os familiares das vítimas. (VOCÊ NA TV, 2014)

O apresentador convida dois jornalistas que farão perguntas a Bolsonaro, Flávia Feola e Vladimir Alves, ressaltando que todas as perguntas são de total responsabilidade dos jornalistas.

É apresentado um tablet a Bolsonaro, com números de 1 a 3, que representam temas para as perguntas a serem feitas pelos jornalistas e uma pergunta “bomba” representada por um ponto de interrogação.

Ao receber o tablet, vemos nas mãos de Bolsonaro o material: “Plano Nacional de Promoção da Cidadania LGBT”.



Figura 33. Print de vídeo do programa Você na TV no canal do YouTube da RedeTV! de 02/03/2014

Bolsonaro aperta o número três, cujo tema correspondente é preconceito. O jornalista Vladimir Alves pergunta sobre o problema do deputado com a comunidade LGBT. A pergunta serve de deixa para Bolsonaro falar uma vez mais a respeito do material escolar, como sendo o foco de sua “briga” e não as pessoas LGBT.

[ALVES] Em uma sessão da Câmara o senhor chamou alguns ativistas homossexuais de bando de vagabundos, além de outras expressões que não vou reproduzir agora por conta do horário do programa. O seu problema é contra os gays ou contra a comunidade LGBT?

[BOLSONARO] Nenhum dos dois e a sua própria pergunta já responde: ativistas LGBT! A minha briga sempre foi e será contra o material escolar para o público infantil em escolas do Ensino Fundamental, para combater né, a possível entrada que o governo quer colocar na escola daquele conhecido como kit gay. É um conjunto de livros, cartazes, filmetes. Diz o governo que é pra combater a homofobia, mas na verdade, no meu entendimento e na maioria dos pais, maioria não, **quase todos, todos os pais que eu conversei até hoje** é um material que **estimula precocemente a criança** entrar na... se interessar por sexo, e o que é pior no meu entender, o sexo entre as pessoas [sorri] do mesmo sexo. (VOCÊ NA TV, 2014)

Bolsonaro menciona ainda que foi justamente essa agenda, o “kit gay”, que lhe conferiu notoriedade no final de 2010. História que, como vimos, é repetida constantemente por ele.

[BOLSONARO] Então não sou preconceituoso, nunca tive problema com gays nem com a comunidade. Tanto é que eu só apareci a partir de novembro de 2010, quando eu descobri na Câmara na Comissão de Direitos Humanos, estava de passagem, estavam fazendo o lançamento daquilo que ficou conhecido como kit gay. Eu poderia discorrer muito sobre isso [rindo] coisas absurdas, né? Quem fez o kit gay em grande parte foi a ABGLT, [fazendo careta] coisa esquisita, né? Eles pesquisaram em 11 capitais as crianças no Ensino

Fundamental e chegaram à conclusão que existe mais meninos gays que meninas lésbicas. Tudo que eu te digo está escrito, está em notas taquigráficas e tá em filmes também. E eu gostaria né, como perguntei na época, até hoje eu não sei, qual foi a metodologia. Eles atacaram também duramente as religiões. Nós aqui... você pode ser ateu pra mim não interessa. Eles chegaram também à conclusão que os símbolos religiosos deveriam ser retirados das escolas porque aquilo era obstáculo para sua... para consecução do material escolar do Ensino Fundamental conhecido como kit gay. Nós não podemos admitir isso aí. Então nos momentos que eu apareci xingando, sim, palavras pesadas sim, tá ok? Acho até que foram suaves perto do que **estavam programando contra as crianças** a partir de seis anos de idade que valeu a pena. Inclusive homofóbico, né que cola em mim há muito tempo, eu falo o seguinte: **se ser homofóbico é defender a família e as crianças pode me chamar de homofóbico.** (VOCÊ NA TV, 2014, grifo nosso)

Mais uma vez a estratégia de inversão se revela de forma explícita. Bolsonaro desloca a compreensão de homofobia para um lugar positivo, associada à defesa da família. Promove uma torção (BULGARELLI, 2010) em um conceito que é negativo e anti direitos, para se tornar algo positivo como a própria defesa de um pretenso direito ameaçado.

Desigualdade como natural

*Eles querem leis especiais para eles.*⁶¹

A ideia de natureza que trabalhamos no primeiro capítulo é estruturante da teologia católica, sendo transferida para o campo social, legitimando e reificando desigualdades.

Esse axioma católico, também incorporado pelos setores evangélicos, como vimos, é a base de negação do gênero enquanto elemento que questiona e desestabiliza essa ordem natural.

Em seus discursos, Bolsonaro traz esse elemento presente ao colocar a reivindicação de direitos e políticas compensatórias de desigualdades históricas como demandas por direitos especiais, afirmando uma igualdade formal que não se verifica na prática.

Políticas de reparação de desigualdades históricas, como cotas raciais e de gênero e demarcações de terras indígenas, são anunciadas como privilégios de uma

⁶¹ Fala durante o programa “Agora é Tarde” de Rafinha Bastos em 08/04/2014.

minoria em relação à maioria da população, favorecendo um sentimento de rejeição a elas.

Ao ser questionado pela apresentadora Luciana Gimenez (Super Pop, exibido em 13/04/2015), sobre sua declaração em entrevista concedida ao Jornal Zero Hora em 2014, de que “mulheres deveriam ganhar menos porque engravidam”, Bolsonaro afirma que quando foi entrevistado se referia ao pensamento dos empregadores sobre a questão e não ao seu próprio. Argumenta que

[BOLSONARO] Como **a mulher tem um direito trabalhista a mais**, no caso, a licença gestante, o empregador prefere contratar homem. O empregador, não é o Jair Bolsonaro. E muitas vezes prefere, ao ser mulher, dar emprego ganhando menos. Isso é que está na cabeça do empregador e o jornalista botou na minha conta isso aí. (SUPERPOP, 2015)

A afirmação de que “mulheres têm um direito trabalhista a mais”, insere a licença maternidade no âmbito do privilégio e não no do direito propriamente dito. Um dispositivo retórico frequentemente utilizado para se contrapor à luta por direitos de grupos sociais oprimidos.

Gimenez insiste, questionando se considera certo ou errado ao que responde Bolsonaro:

[BOLSONARO] Olha, no serviço público, você não tem distinção. Se nós fizemos um concurso pra ser sargento do exército, a gente vai ganhar a mesma coisa, para sermos aqui médicos num hospital público, federal, é a mesma coisa. Agora, na questão privada nós não temos como interferir, fica no livre arbítrio do empregador. (SUPERPOP, 2015)

Mais uma vez insiste Gimenez: “Eu perguntei o que você acha”, para Bolsonaro finalmente declarar: “Eu não empregaria com o mesmo salário. Tem muita mulher que é competente...” e imediatamente é interrompido pela assistente de palco que repete de forma indignada a afirmação e o qualifica como machista. Bolsonaro tenta corrigir: “tem muita mulher que é mais competente que o homem[...]”. Porém os gritos da plateia o interrompem.

Em abril de 2018, já como pré-candidato do PSL, Bolsonaro concedeu entrevista ao apresentador José Luiz Datena, da TV Bandeirantes, onde afirmou jamais ter dito que mulheres deveriam ganhar menos que homens. O programa não

integra nosso corpus de análise pelo seu caráter jornalístico, porém é interessante observar essa negação, apesar dos registros confirmarem o contrário.

A afirmação de que direitos são como privilégios, também aparece em relação a homossexuais no programa Agora é Tarde, de Rafinha Bastos em 08/04/2014.

[BOLSONARO] Eles querem leis especiais para eles. A tal da lei que criminaliza aí a lei da homofobia. Você pode ver se eu chamo você de veado aqui...

[BASTOS] A lei que criminaliza...

[BOLSONARO] Não pera aí, você vai levar... você vai querer me processar?

[BASTOS] Eu acho que é um pouco de exagero também de outra parte, concordo, nesse sentido eu concordo. Mas também dizer que um pai não vai querer ter um filho homossexual, não é...eu tô pra te dizer o seguinte: não é nem uma desinformação, é uma ignorância isso, deputado [aplausos da plateia]. (AGORA É TARDE, 2014)

Em sua fala, o apresentador corrobora com Bolsonaro, ao afirmar que há um “exagero” em leis como a que criminaliza a homofobia. Essa afirmação reifica a ideia de que há uma reivindicação de status especial, ou privilégio, em leis reparatórias de desigualdades. Como se a desigualdade de fato não existisse, mas fosse criada a partir dessas leis.

Não nos detivemos na questão racial neste trabalho, por compreender que exigiria um percurso mais longo e profundo do que temos condições na presente pesquisa. Mas este racismo estrutural é outro componente fundamental do bolsonarismo e, de outra parte, se relaciona também com a agenda moral, compartilhando com essa, muitos argumentos e estratégias. Da mesma forma que reifica o machismo, a LGBTfobia e a misoginia, também o faz em relação ao racismo.

No programa do Ratinho, ao ser perguntado sobre a necessidade de políticas voltadas a uma minoria social, Bolsonaro responde.

[BOLSONARO]: Não... negativo. A minoria que eu entendo é o deficiente físico, é o índio. Ali tudo bem... agora, quando fala em cota racial, fala-se em negro. Quê que o negro tem de inferior a mim? Você pode ver, tá o projeto da Dilma Rousseff lá agora reservando 20% de vagas em concurso público para negros...

[RATINHO]: Mas você não acha que durante a história do Brasil o negro vem sendo pisaaadooo... você não acha isso?

[BOLSONARO]: Não... olha... Ratinho, pergunta se na minha família alguém quer voltar pra Itália? Pergunta se algum negro quer voltar pra Angola. Todos nós estamos muito melhor do que estávamos no nosso

país de origem, todos nós! E nós temos que partir do princípio de que todos nós somos iguais perante a lei. Não podemos criar privilégios. Porque que dois porteiros, por exemplo, um cearense e um negro, o filho do cearense tira oito não entra na faculdade, o filho de negro tira meia dúzia e entra. Ambos não são sofridos também?

[RATINHO]: Você é contra cota?

[BOLSONARO]: Sou contra qualquer tipo de cota. Nós somos iguais perante a lei e acabou. (PROGRAMA DO RATINHO, 2014)

A ideia de “leis especiais” demonstra mais uma vez a compreensão de direitos reparatórios como privilégios. As violências de gênero contra homossexuais e transexuais – ainda que esta última não estivesse em pauta- e contra as mulheres, assim como o racismo, possuem aspectos particulares. Elas possuem uma motivação em um preconceito e/ou discriminação contra grupos vulnerabilizados, no que se refere à garantia de direitos fundamentais. A criminalização da homofobia e a Lei Maria da Penha, ainda que possam ser debatidas no âmbito da judicialização de demandas sociais, tem um caráter de reparação de uma desigualdade praticada e que a lei geral não responde, e não de privilégio.

Rumo ao planalto – o uso seletivo das mídias na construção do presidencial.

Era por impulso, eu comecei a me preparar para não ser mais “bateu levou”⁶²

Um outro elemento que não se trata exatamente de uma pauta da agenda antigênero, mas que é interessante observar em conjunto com o que analisamos até aqui, é a relação de Bolsonaro com a própria mídia televisiva e demais mídias, como um todo.

Em um dos últimos programas que analisamos, The Noite com Danilo Gentili, exibido em 20 de março de 2017, Bolsonaro revela uma mudança na relação com a imprensa e o reconhecimento do interesse da mídia televisiva em suas falas, bem como da importância desse espaço para sua visibilidade.

[GENTILI] Você se julga perseguido pela imprensa de certa maneira?

[BOLSONARO] Olha, eu dou matéria né? Então o pessoal vai atrás. Já tivemos passagem no CQC, Luciana Gimenez, um montão de...

⁶² Fala durante o programa “The Noite” com Danilo Gentili em 20/03/2017.

[GENTILI] Aliás eu quero agradecer a TV Câmara por ter liberado o Jair Bolsonaro pra tá aqui hoje. [risos de Bolsonaro e aplausos da plateia]

[GENTILI] É aqui que eu quero chegar, deputado. Se você tem a intenção de concorrer à presidência em 2018 e você sabe que você tá na mira da imprensa, você fala algumas coisas... imagino que você já sabe, você é inteligente o suficiente pra saber que dependendo da coisa que você falar vão fazer um escarcéu em cima e vão distorcer. Você fala por impulso ou você fala pra aparecer mesmo porque você acha que isso no fim das contas te ajuda?

[BOLSONARO] Não, tem um ano que eu mudei um pouquinho essa estratégia, né? Era por impulso, eu comecei a me preparar para não ser mais “bateu levou”. Tanto é que você pode ver, de um ano pra cá eu não tenho problema nenhum com a mídia. Continuo sendo contundente, você continua me procurando, eu fico muito feliz com isso, talvez dê um pouco mais de audiência pra vocês, tá ok? Mas estou... estamos num outro propósito, eu tenho viajado o Brasil todo. Inclusive tive uma viagem pra Israel pra me preparar para o pleito de 2018, caso meu partido que porventura estiver lá ache que eu sou merecedor da legenda. (THE NOITE, 2017)

Essa mudança na relação com a mídia é coincidente com a declaração pública de sua intenção de concorrer à presidência da República. A viagem a Israel, na qual diz ter se preparado para a disputa do pleito, ocorreu em 2016, mesma ocasião em que se batizou no Rio Jordão pelas mãos do pastor e presidente de seu partido na época, como já abordamos no capítulo anterior.

No programa Você na TV, de João Kleber, por outro lado, revela a importância das redes sociais para sua eleição como o deputado federal mais votado pelo Rio de Janeiro e de seu filho Eduardo Bolsonaro, pelo estado de São Paulo. Um detalhe importante é que o filho Zero Três de Bolsonaro nem sequer reside em terras paulistas.

Em sua fala, Bolsonaro destaca ainda que o conteúdo de seu discurso, considerado como polêmico pela mídia, não afasta as pessoas, mas aproxima, se considerando uma pessoa sincera, original e firme em suas opiniões.

[JOÃO KLEBER] Deputado, no Rio de Janeiro o senhor foi um dos deputados mais votados, não foi?

[BOLSONARO] Sim

[JOÃO KLEBER] O senhor teve quantos votos no estado do Rio de Janeiro

[BOLSONARO] Quase meio milhão de votos, né? E por tabela **elegi meu filho no facebook aqui em São Paulo, deputado Federal**. [...] Fiz uma campanha no Rio de Janeiro e em São Paulo numa Van com não mais que 20 pessoas. E aonde eu chego, Kleber, eu geralmente sou bem recebido, raramente tem problema, porque eu tenho lado, eu não sou aquele que durante a campanha acho que tua roupa tá bonita,

acabou a campanha falo que você tá cafona. Eu sou a mesma pessoa, tá ok. E isso marca. E eu não fujo de debates em Brasília. **Eu não sou polêmico, eu sou apenas sincero.** (VOCÊ NA TV, 2014)

Mais adiante no programa The Noite, mais uma vez, a partir da provocação do apresentador, Bolsonaro deixa evidente a construção de seu discurso de acordo com a mídia e público ao qual se dirige, demonstrando uma preparação e seleção das mídias e não uma reação espontânea ao que lhe é perguntado.

[GENTILI] tudo bem, falando da legenda ainda, você como tá aqui verbalizando que tem intenção de se candidatar a presidente em 2018. Você não acha que um presidente ele tem que ter pautas maiores e mais importantes do que, por exemplo, casamento gay ou, por exemplo isso que você trouxe aqui [apontando para o livro]. Sim é um assunto de discussão, um assunto de preocupação. Mas você acha que um candidato a presidente é o tipo de pauta que ele tem que fazer propaganda em cima disso? [...] Porque tem outros assuntos do tipo: a gente está numa das maiores crises de todos os tempos uma das maiores o pessoal tá preocupado com emprego, tá preocupado com a economia. Você acha, por exemplo, você vir na TV e apontar isso, você já é muito taxado como alguém que só fala disso, tanto pro bem quanto pro mal.

É uma das bandeiras que você levanta. Mas você acha que como presidente, o seu repertório ele tem que aumentar, porque tem que falar de economia, tem que falar de outras coisas, ou esses assuntos [apontando para o livro] já é o suficiente para manter sua popularidade em alta.

[BOLSONARO] A revista Veja me acompanhou há poucas semanas na minha ida na Paraíba, tive lá em Campina Grande, Cajazeiras e João Pessoa. Na semana seguinte fez seis páginas comigo e apareceu vários assuntos. Lá, por exemplo, o debate não é esse. Entra esse livro aqui, sim. Mas não entra a questão de kit gay, muito pouco, as pautas são mais importantes. Eu falo de economia lá. Como talvez a gente possa falar aqui sobre nióbio, sobre grafeno. As riquezas do Vale do Ribeira. (THE NOITE, 2014)

A primeira coisa que chama a atenção neste último diálogo é o apresentador se referir a pautas “maiores” com as quais Bolsonaro deveria lidar em contraposição à sua fixação no “kit gay”, o que é reforçado por Bolsonaro ao afirmar que as pautas que tratou na reportagem feita pela revista Veja “são mais importantes”, em referência às pautas de ordem econômica.

Cabe uma nota sobre a revista semanal da Editora abril. Lançada em 1968 pelo Jornalista Victor Civita, a Veja ocupa desde seu lançamento as primeiras posições no mercado editorial do ramo, além de se manter na liderança em publicidade impressa.

O público da revista é formado pelas classes médias e alta e que possui hábito de leitura. De acordo com o verbete Veja no CPDOC⁶³ da Fundação Getúlio Vargas,

Estudos sobre sua seção de livros, por exemplo, indicam que a publicação, desde 1973, de uma lista dos “mais vendidos”, incorporada por quase todos os suplementos e seções literárias da grande imprensa, teve papel fundamental na formação de um “leitor médio” brasileiro, visto como consumidor de um produto editorial de valor comercial. (VELAZQUEZ,; KUSHNIR In CPDOC s/p)

Nota-se, portanto, uma diferença gritante entre o público da revista para o dos programas de TV que analisamos, o que evidencia que os conteúdos e estratégias mobilizados por Bolsonaro tem “nomes e endereços” diferentes.

A agenda antigênero, muitas vezes representada na oposição ao “kit gay”, destina-se ao grande público consumidor do entretenimento televisivo, enquanto aos cultos leitores da revista Veja, são destinadas pautas ligadas à área econômica. Ao se dirigir ao primeiro, Bolsonaro se permite uma linguagem cômica, descontraída e informal, enquanto ao segundo, sua linguagem é revestida de seriedade e formalidade. Isso também demonstra uma construção minuciosa de sua estratégia discursiva. Não se trata, portanto, de discursos espontâneos na lógica do “bateu levou”, como ele mesmo se refere à forma como respondia ao que era interpelado anteriormente.

Visando a cadeira presidencial desde muito antes do pleito de 2018, foi construindo pouco a pouco sua escalada ao planalto, tendo o enquadramento de seu discurso aos conteúdos e estratégias das cruzadas antigênero, se constituído como um passo fundamental nesse caminho.

Ainda que não explicita dessa maneira e se refira à agenda antigênero como uma pauta menor, por todo o exposto, temos segurança em afirmar que este capital moral religioso antigênero foi de valia fundamental para acionar uma ampla camada da população, que destarte sua diversidade se localiza moral e ideologicamente no conservadorismo cristão e economicamente na classe trabalhadora.

⁶³ Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/veja>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de uma conclusão, encerramos este trabalho com algumas reflexões que nos atravessaram no desenvolvimento da pesquisa, com o intuito de que possam ampliar questões sobre as quais nos debruçamos.

O bolsonarismo, como se viu, é fenômeno complexo que segue em desenvolvimento, ultrapassando as vias eleitorais e se consolidando como uma vertente potente nas disputas políticas, constituindo-se ainda, como polo oposto do campo dos direitos. Como tal, não há como separar cirurgicamente as dimensões que nos compõem, de um lado como pesquisadoras, de outro como seres viventes desse tempo histórico. No decurso desses dois anos que nos dedicamos a investigar a ressonância da agenda moral religiosa contra o gênero no discurso de Bolsonaro, o fizemos sob seu governo, resultado em parte dessa construção.

Mesmo com recorte temporal minimamente distanciado do tempo presente, seus efeitos nos impactam desde as políticas relativas à produção científica, os retrocessos impostos no campo especialmente dos direitos sexuais e reprodutivos, até a gritante crise econômica, social e política em que vivemos ao passo que pesquisamos.

A complexidade desse fenômeno reforça a necessidade de se aprofundar nos fatores determinantes para que o Bolsonarismo pudesse se desenvolver no momento e da forma que se desenvolveu e a adesão que conquistou. Nossos esforços, como assinalamos, foi por lançar luzes sobre alguns deles, entendendo as moralidades religiosas antigênero como um desses fatores centrais.

Como já mencionamos, a pesquisa foi adquirindo outros contornos a partir da busca pelo material empírico. Ao nos depararmos com significativo número de participações de Bolsonaro em programas de entretenimento televisivo no período estipulado, voltamos nossa atenção a eles, buscando entender as conexões entre conteúdo, contexto e forma de seu discurso nesse meio.

Ao analisar os discursos de Bolsonaro no entretenimento televisivo, pudemos constatar que de fato estão presentes pautas e estratégias da agenda antigênero, demonstrando uma aproximação com o campo neoconservador, não apenas em termos táticos para a campanha eleitoral, mas em termos programáticos, perfazendo um elemento estruturante de seu discurso e plataforma política.

A característica reativa ao gênero é observável pelo posicionamento de Bolsonaro contra situações concretas de avanço de direitos, ou de fatos do cotidiano que a contraria. Dessa maneira, nossa hipótese inicial de que a aproximação entre as cruzadas antigênero e o posicionamento político ideológico de Bolsonaro, expresso, entre outros, em seu discurso no entretenimento televisivo, contribuiu de maneira particular para a popularização de sua figura.

A relação da direita cristã com Bolsonaro vai muito além das alianças político partidárias estabelecidas com pretensões eleitorais. Ela está na raiz do bolsonarismo, perfaz sua agenda, dinâmica de funcionamento e estrutura. As moralidades religiosas antigênero e as estratégias que lhe são próprias perfazem elemento sistêmico e estruturante do bolsonarismo.

Ao afirmar a religião cristã como um dos valores fundamentais de sua plataforma política, o faz a partir de determinados signos que se consolidaram anteriormente. O cristianismo defendido em seus enunciados, não diz respeito a qualquer interpretação ou vivência do cristianismo, mas aos valores morais conservadores provenientes do imaginário judaico-cristão, a respeito da sexualidade e da reprodução.

As moralidades religiosas cumpriram assim, papel central na construção desse universo simbólico no qual o bolsonarismo se estabeleceu. Ainda que não se faça uma associação imediata entre moral sexual conservadora e religião, é esta última que fornece o capital simbólico necessário para a primeira.

O bolsonarismo mobiliza uma mentalidade conservadora de fundo moral-religioso que não é por ele criada, tampouco é inaugurada no momento presente. Pelo contrário, fazem parte da própria fundação do Brasil, como lembra Lilia Schwarcz, ao discorrer sobre o autoritarismo brasileiro. Mas teve a habilidade necessária para se infiltrar nas fissuras sociais mais delgadas, acomodar-se nelas e contribuir para seu alargamento.

Embora reconhecido como conservador, os discursos e atos de Bolsonaro traziam com maior relevância o corporativismo militar e uma visão austera de segurança pública com forte conotação punitivista. Contudo, nos anos anteriores a sua eleição à presidência, Bolsonaro foi constituindo como um defensor de valores morais religiosos (leia-se cristãos) e atuando de maneira mais central na agenda moral

antigênero. Neste percurso se torna a personificação de uma nova expressão política, o bolsonarismo, que tem nessa agenda um de seus componentes fundamentais.

Ao analisarmos a trajetória de Bolsonaro e seus discursos midiáticos ao longo desses cinco anos, é interessante observar que ocorreram modificações em seu discurso que acompanham sua maior aproximação com setores religiosos conservadores e sua intenção de concorrer à presidência da República. É possível perceber como os elementos da moral conservadora vão ganhando mais ênfase e integrando-se de maneira mais orgânica a outros elementos, como o militarismo e o autoritarismo.

Nos anos anteriores ao período estudado, Bolsonaro foi se aproximando de uma agenda moral religiosa, a ponto de se tornar o principal representante dela, dentre os presidenciáveis e mesmo antes de se apresentar oficialmente enquanto tal. Mas a defesa de uma moral sexual e da família, ganharam maior destaque em seu discurso a partir de 2014, quando a bancada mais conservadora desde a ditadura civil militar foi formada no Congresso e quando as discussões em torno do PNE reativaram um ativismo conservador, que teve na “ideologia de gênero” sua principal arma.

Bolsonaro e o bolsonarismo expressam de forma plena as características do neoconservadorismo. O que não significa que sejam a totalidade deste último. O neoconservadorismo também entendido como uma estratégia, pode ser encontrado em todos os espectros políticos, o bolsonarismo, contudo, é uma expressão da ultradireita que tem o neoconservadorismo religioso como um de seus elementos fundamentais.

Demos ênfase neste trabalho, ao catolicismo, por ser um segmento que tem sido eclipsado nas análises, como aponta Rodrigo Toniol. Além de ser o catolicismo o responsável por fornecer o capital moral teórico que se converteu em um conjunto de ferramentas, melhor dizendo, armas, utilizadas nas cruzadas conservadoras

Ainda que nosso objeto não seja o discurso católico sobre gênero, é interessante observar, por todo exposto, as contribuições essenciais do catolicismo na formação desse novo movimento político que é o bolsonarismo. Nos parece tanto instigante quando necessário aprofundar essa relação entre catolicismo e bolsonarismo.

Pelo que conseguimos aferir nesse processo, a Igreja Católica enquanto instituição, não abriu mão de sua função reguladora da sociedade, apenas se utiliza

de outros métodos para fazê-lo. No sentido de garantir sua missão salvífica na sociedade, mesmo soldados forasteiros ao catolicismo são bem-vindos na cruzada contra o mal maior. Nessa perspectiva, entendemos que as mudanças processadas pela IC, são resposta à modernidade secular, contudo, não no sentido de adaptar-se a ela, mas de manter sua influência, apesar dela.

Não esquecendo, todavia, que a aliança entre católicos e evangélicos se deu como uma via de mão dupla, se encontrando nesse terreno de moralidades comuns. Neste campo conservador cristão, ao que pese ao catolicismo uma produção discursiva institucional, além da atuação de grupos, no campo evangélico se destaca a vocalidade de representantes e a institucionalização política.

O discurso teórico desde o catolicismo, passa pela mediação de ativistas religiosos ou leigos, tanto católicos quanto evangélicos, que munidos do uso competente das novas tecnologias da comunicação e informação, vão contribuir com o processo de moralização das inseguranças, o que por sua vez, serviu de terreno fértil para o bolsonarismo se desenvolver.

As chamadas cruzadas antigênero forneceram ferramentas discursivas que extrapolaram o ambiente religioso e integram de maneira indissociável plataformas de governo de extrema direita, como a de Jair Messias Bolsonaro.

Ademais entender suas raízes e antecedentes estruturantes, também consideramos importante o recuo histórico, compreendendo o bolsonarismo no conjunto dos processos históricos nacionais e transnacionais. Buscando com isso compreender as condições que favoreceram essa retomada conservadora e tornou movimentos contrários à igualdade (no caso de gênero), politicamente viáveis e aceitáveis.

Vimos que a crise global do capitalismo e a precarização das condições de existência dela decorrente, é um elemento crucial no contexto em que o bolsonarismo se desenvolve, nos ajudando a entender as relações entre a agenda antigênero, moralização das inseguranças e desdemocratização.

Outro elemento a ser destacado é a mídia televisiva, que elegemos como material empírico. O fato de Bolsonaro ter vencido as eleições, a despeito do ínfimo tempo de propaganda na TV - enquanto Alckmin, um político tradicional que contava com mais da metade do tempo total, ter conseguido pífios 5% - aliado a centralidade

das redes sociais digitais, talvez tenham desviado o olhar de analistas da TV, que outrora foi determinante para eleições, para essas novas mídias.

Porém, acreditamos que nossas análises tenham contribuído para o entendimento de que também os meios televisivos, especialmente o entretenimento, fornecem uma combinação interessante entre discurso moral conservador, com uma linguagem recreativa. Com isso também consideramos que pode contribuir para compreender novas formas de vínculo do religioso e o político, com outras esferas da vida social. Destacamos que essa é apenas uma das formas, não a única.

A agenda antigênero mobilizada por Bolsonaro por meio de shows televisivos, permite acessar certos públicos que não necessariamente são engajados em redes sociais ou que possuem um vínculo orgânico com o bolsonarismo de forma geral. Permite também, acionar determinados afetos e mentalidades de modo descontraído, encobrendo pelo riso um discurso violento, anti direitos e excludente. Contribuindo assim para sua melhor acomodação e plausibilidade.

Consideramos ainda, que seria de extrema valia ampliar essas análises das participações de Bolsonaro nos programas de entretenimento televisivo, a partir da semiótica, o que fugiu aos nossos esforços no presente trabalho. Um outro elemento que merece ser melhor explorado é o uso seletivo que Bolsonaro faz das diferentes mídias, mobilizando pautas e estratégias diferentes. Uma análise comparativa de diferentes mídias, poderia ser produtiva nesse sentido.

Todos esses fatores analisados em conjunto com outros tantos que nos limites deste trabalho não conseguimos abordar, contribuíram para pavimentar o terreno para o desenvolvimento do bolsonarismo. Esse fenômeno tão novo quanto complexo que ainda está por ser estudado e compreendido na profundidade que requer. Esperamos que destarte as limitações, possamos ter contribuído, ainda que minimamente, para ampliar esse conhecimento.

Nos parece oportuno finalizar afirmando que a centralidade que a agenda antigênero assumiu em plataformas de extrema direita como o bolsonarismo e, na própria arena política no mundo todo, revela como se constitui de fato um elemento estruturante do ordenamento social. O questionamento da naturalização de estruturas desiguais e opressoras e a reivindicação de direitos que contrariam essa ordem, demonstram assim, um potencial subversivo, o qual as moralidades religiosas buscam de todas as formas combater.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019.

ALONSO, Ângela. A comunidade moral bolsonarista. In VÁRIOS. *Democracia em risco*. São Paulo, Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2019a.

_____. O Brasil é um país muito conservador, que não muda fácil, nem rápido e nem sem reação. Entrevista para *El País* em 06 de fev. de 2019b. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/01/politica/1549050356_520619.html. Acesso em 18 jan 2022.

ARUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. Outubro, ed. 23, 2015.

BANDEIRA, Olívia. Aula com a Professora Olívia Bandeira (Intervozes/ LAR-Unicamp) na disciplina de Sociologia da Religião: Gênero, Feminismo e Neoconservadorismo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 03 de maio de 2021.

BIROLI, Flávia. “A ideologia de Gênero e as ameaças à democracia”, Blog da Boitempo, 26/06/2015. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/06/26/a-ideologia-de-genero-e-as-ameacas-a-democracia/>. Acesso em: 01/06/2020.

_____. Gênero e desigualdade. Os limites da democracia no Brasil. São Paulo, Boitempo, 2018.

_____. A reação contra o gênero e a democracia. *Nueva Sociedad* especial em português, p.77-87, dezembro de 2019, ISSN: 0251-3552, Disponível em <https://nuso.org/articulo/reacao-contr-o-genero-e-democracia/>. Acesso em abr. 2022.

BOLSONARO, Flávio. Jair Messias Bolsonaro. Mito ou Verdade. Rio de Janeiro: Tizano Editorial, 2017.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005
BRASIL. Presidente (2019 –atual: Jair Messias Bolsonaro). Discurso de posse. Brasília, 01 janeiro. 2019. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-01/no-discurso-de-posse-bolsonaro-pede-apoio-para-reconstruir-o-pais>

BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 15-66.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). Religiões em movimento: o Censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 63-87.

_____. Religião, política e espaço público no Brasil: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018. Estudos de Sociologia, v. 3, n. 25, p. 125-159, 2019.

CARRANZA, Brenda. (2020). Erosão das democracias latino-americanas: a ascensão política dos cristãos. Ciencias Sociales Y Religión/Ciências Sociais E Religião, 22, e020013.

_____. Aula com a Professora Brenda Carranza (UNICAMP-LAR) na disciplina de Sociologia da Religião: Gênero, Feminismo e Neoconservadorismo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 03 de maio de 2021.

_____; TEIXEIRA, Ana Claudia Ultraconservadores e a Campanha da Fraternidade: lógica de confronto. In: Le Monde Diplomatique Brasil, 04 de março, 2021. <https://diplomatique.org.br/ultraconservadores-e-campanha-da-fraternidade-logica-do-confronto/> Consultado 31.05. 2021.

_____; ROSADO-NUNES, M.J. Fim de uma ordem: natureza, lei divina, feminismo. Horizonte, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 936-964, maio/ago. 2019 – ISSN 2175-5841

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Nota da CNBB sobre a inclusão da ideologia de gênero nos Planos de Educação. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/imprensa-1/noticias/16732-cnbb-divulga-nota-sobre-a-inclusao-da-ideologia-de-genero-nos-planos-de-educacao>. Acesso em: 10 jul. 2015.

CORRÊA, Sônia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. cadernos pagu (53), 2018:e185301, ISSN 1809-4449. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800530001>

CORRÊA, Sônia e KALIL, Isabela. Brasil. In: Políticas antigênero na América Latina [livro eletrônico] : resumos dos estudos de casos nacionais / editado por Sonia Corrêa ; tradução Nana Soares. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Associação Brasileira Interdisciplinas de Aids - ABIA, 2021.

VELAZQUEZ, Muza Clara; KUSHNIR, Beatriz. Verbete Revista Veja. CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/veja>. Acesso em 20 de jun. 2022.

DEMORI, Leandro. O criador. Radical católico da Espanha treinou extrema direita brasileira em 2013 com táticas que elegeram Bolsonaro. The Intercept Brasil, 2021. Disponível em: <https://theintercept.com/2021/08/18/catolico-espanha-citizengo-treinou-extrema-direita-2013-bolsonaro/> . Acesso em 13 jan 2022.

DI FÁTIMA, Brando. Dias de tormenta: Os movimentos de indignação que derrubaram ditaduras, minaram democracias e levaram a extrema direita ao poder no Brasil. Geração Editorial, 2019.

FRASER, Nancy; JAEGLI, R. Capitalismo em debate. Uma conversa na teoria crítica. São Paulo: Boitempo, 2020.

GALZERANO, Luciana Sardenha. A ofensiva antigênero na sociedade brasileira. Artigo Necessário. V.19, nº 38, 2021 (jan-abr) ISSN: 1808-799 X

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Trad. de coletivo Sycorax, São Paulo, Editora Elefante, 2017.

_____. Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais. Trad. de Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo, Boitempo, 2019.

FERNANDES, Sabrina. Sintomas mórbidos. A encruzilhada da esquerda brasileira. Autonomia Literária, 2019. Versão Kindle.

GOMES, Carla de Castro. , Propagação dos termos “ideologia de gênero e “aborto” nas mídias digitais religiosas. Observatório de Sexualidade e Política (SPW), projeto baseado em ABIA. 2020. Disponível em: <https://sxpolitics.org/ptbr/propagacao-de-discursos-sobre-ideologia-de-genero-no-brasil/10046>

HALLIDAY, Tereza Lúcia. Vozes do discurso: o conceito de persona em teoria da comunicação. In Comunicação & Sociedade. Revista do programa de Pós Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista. São Paulo, n. 26, 1996. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8117> Acesso em 28 set. 2021.

HUNTINGTON, Samuel. “Conservatism as an ideology” In: The American Political Science Review, v. 51, n. 2, Jun, pp. 454-473, American Political Science Association, 1957.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso . acesso em 26 abr. 2021.

_____. A “ideologia de gênero” existe – é uma invenção católica. Revista Senso, 25 de setembro de 2019. Disponível em <https://revistasenso.com.br/zrs-edicao-12/ideologia-de-genero-existe-e-uma-invencao-catolica/>. Acesso em 16 out. 2021.

KALIL, Isabela. “Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro”. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018. Disponível em Disponível em <https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf> . Acesso em 08 jan. 2022

_____. Origens do Bolsonarismo. Entrevista para O Globo em 13 de dezembro de 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/epoca/isabela-kalil/as-origens-do-bolsonarismo-1-24134678>. Acesso em 08 jan. 2022.

LACERDA, Fabio. Pentecostalismo, Eleições e Representação Política no Brasil Contemporâneo (tese de doutorado), Ciência Política/FFLCH, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2017.

LACERDA, Marina Basso. Neoconservadorismo de periferia: articulação familista, punitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados. 2018. 207f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

_____. O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

LAGOS, Marta. El fin de la tercera ola de democracias. Latinobarómetro, 2018. Disponível em <https://www.latinobarometro.org/lat.jsp>. Acesso em 10 de jun. 2021.

LIONÇO, Tatiana. “Ideologia de gênero’: a emergência de uma teoria religiosa sobre os riscos da democracia sexual”. Revista Fórum [on-line], 2014. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/ideologia-de-genero-emergencia-de-uma-teoria-religiosa-sobre-os-riscos-da-democracia-sexual/>. Acesso em: 06 jun 2021.

MAITINO, M. E. Populismo e bolsonarismo. Cadernos Cemarx, Campinas, SP, v. 13, n. 00, p. e020002, 2020. DOI: 10.20396/cemarx.v13i00.13167. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167>. Acesso em: 9 jan. 2022.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 26, n. 2, e47463, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000200212&lng=en&nrm=iso>. access on 27 May 2020. Epub June 11, 2018. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n247463>.

_____. “Religião e Política no Brasil Contemporâneo: uma análise dos pentecostais e carismáticos católicos”. Religião & Sociedade, Rio de Janeiro, v. 35, p. 45-72, 2015.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. Civitas, v.11, n. 2, p. 238-258, 2011.

MEIER, Bruno. Márvio Lúcio (Carioca): “Fomos revolucionários”. Entrevista com Márvio Lúcio. Revista veja, 27 de outubro de 2017.

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/revista-veja/marvio-lucio-cariocafomos-revolucionarios/>

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro / From “Marxist indoctrination” to “gender ideology”: Escola Sem Partido (non-partisan school) and gag laws in Brazilian congress. Revista Direito e Práxis, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 590-621, set. 2016. ISSN 2179-8966. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>> . Acesso em: 09 jun. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/dep.2016.25163>.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo , v. 25, n. 73, p. 59-76, Junho 2010 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092010000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 Maio 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092010000200004>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Portaria nº 916, de 9 de setembro de 2015, institui Comitê de Gênero, de caráter consultivo, no âmbito do Ministério da Educação. Brasília, 2015.

MONTERO, Paula (Org.). Religiões e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discursos. São Paulo: Editora Terceiro Nome; Campinas: Editora Unicamp, 2015.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu. Editora Record, Rio de Janeiro, 2019.

PIAIA, Victor; NUNES, Raul .Política, entretenimento e polêmica: Bolsonaro nos programas de auditório. IESP 8 de agosto de 2018. Disponível em: <http://18.218.105.245/politica-entretenimento-e-polemica-bolsonaro-nos-programas-de-auditorio/> Acesso em 20 jan. 2018.

RAMÍRES, Gabriela Arguedas. “Ideologia de gênero”, neointegrismo católico e fundamentalismo evangélico: a vocação antidemocrática in: Políticas antigênero na América Latina [livro eletrônico] : resumos dos estudos de casos nacionais / editado por Sonia Corrêa ; tradução Nana Soares. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Associação Brasileira Interdisciplinas de Aids - ABIA, 2021.

REIS, D. A. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. Estudos Ibero-Americanos, v. 46, n. 1, p. e36709, 28 abr. 2020.

ROCHA, Camila. Passando o bastão: a nova geração de liberais brasileiros. Nuevo mundo, mundos nuevos. [En ligne] Colloque, Pensar las derechas en América latina, siglo XX, Paris, 2 octubre, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.71327> .
_____. Menos Marx, mais Mises. O liberalismo e a nova direita no Brasil. São Paulo: Todavía, 2021.

ROCHA, Camila; MEDEIROS, Jonas. (2020), "'Vão todos tomar no...': a política de choque e a esfera pública". Horizontes ao Sul. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/04/27/VAO-TODOS-TOMAR-NO-A-POLITICA-DO-CHOQUE-E-A-ESFERA-PUBLICA>

RONCATO, Mariana Shinoara, Murillo van der Laan, and Rafael Dias Toitio. "Dossiê: Marxismo e feminismo no debate de gênero e sexualidade." Cadernos Cemarx 10 (2018).

ROSADO-NUNES, M. J. F. A "ideologia de gênero" na discussão do PNE. A intervenção da hierarquia católica. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 13, n. 39, p. 1237-1260, 30 set. 2015a

_____. Gênero, feminismo e religião. Sobre um campo em construção. (org.) 1.ed. Rio de Janeiro, Garamond, 2015b.

_____. "Gênero: uma questão incômoda para as religiões". In: SOUZA, Sandra Duarte e DOS SANTOS, Naira Pinheiro. Estudos Feministas e Religião: Tendências e Debates. Curitiba: Prismas/Universidade Metodista, 2014. p. 129-147.

RATZINGER, Joseph. O Sal da terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no século XXI: um diálogo com Peter Seewald. Trad. Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Imago, Ed, 2005.

ROOF, Wade Clark. Planejamento de pesquisas. In: REVER, Ano 15, Nº 01, Jan/Jun 2015.

RUIZ, RUIZ. Jorge. Análisis sociológico del discurso: métodos y lógicas. FORUM: QUALITATIVE SOCIAL RESEARCH SOZIALFORSCHUNG. Volumen 10, No. 2, Art. 26 Mayo 2009.

SIMÕES, P. H. de C., Alves, J. E. D., & SILVA, P. L. do N. (2016). Transformações e tendências do mercado de trabalho no Brasil entre 2001 e 2015: paradoxo do baixo desemprego?. Revista Brasileira De Estudos De População, 33(3), 541–566. <https://doi.org/10.20947/S0102-30982016c0005>

SOLANO, Esther (org). O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo, Boitempo, 2018, versão Kindle.

SOUZA, Sandra Duarte. A relação entre religião e gênero como um desafio para a sociologia da religião. In: Caminhos, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/924/656> Acesso em 05 fev. 2022.

SERELLE, Márcio Serelle; SOARES, Rosana de Lima. As novas formas do falso: entretenimento, desinformação e política nas redes digitais. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 52, e-94842, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583202152.94842>.

Schooyans, Michel. "Controle dos Nascimentos e Implosão Demográfica." Léxicon—termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas, Pontifício Conselho para a Família, 2011.

TEMPESTA, Dom Orani. Reflexões sobre a ideologia de gênero. Disponível em: <http://argrio.org/formacao/detalhes/386/reflexoes-sobre-a-ideologia-de-genero>
Acesso em 09 mai. 2021.

THOMPSON, M.J. Confronting the New Conservatism: The Rise of the Right in America. New York: NYU Press , 2007

MOREIRA, Dom Gil Antônio. Lexicon, Obra Científica da Igreja (parte 1). Diocese de Juiz de Fora. 21 de agosto de 2015. Disponível em <https://arquidiocesejuizdefora.org.br/lexicon-obra-cientifica-da-igreja-parte-1/>

ULRICH, Claudete B; OLIVEIRA, Tatiane M. Os discursos dos deputados brasileiros em plenário sobre a ideologia de gênero (2014 a 2019). Mandrágora, v.26, n. 1, 2020, p. 179-201

VAGGIONE, J., & MACHADO, M. Religious Patterns of Neoconservatism in Latin America. Politics & Gender, 16(1), 2020. E2. doi:10.1017/S1743923X20000082

VALÉRIO, S. Pentecostalismo, catolicismo e bolsonarismo: Revista Brasileira de História das Religiões, v. 13, n. 37, 23 mar. 2020.

VITAL, Christina; LOPES, Paulo Victor. Religião e Política. Uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e dos LGBTs no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll & ISER, 2013.

Programas de televisão

AGORA É TARDE. Apresentado por Rafinha Bastos. São Paulo: Rede Bandeirantes, 08 de abril de 2014. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDLKxAdXezM>. Último acesso em 15 de jul. 2022.

CUSTE O QUE CUSTAR (CQC). São Paulo: Rede Bandeirantes, 20 de julho de 2015. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VkJLfjbMehI> Último acesso em 05 de jul. 2022.

CHEGA MAIS. Osasco: RedeTV!, 18 de outubro de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yrsdu3nNZJw> Último acesso em 16 de jul. 2022.

MEGA SENHA. Apresentado por Marcelo de Carvalho. Osasco: RedeTV!, 18 de junho de 2016. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZAht6OWQQuU> Último acesso em 18 de jul de 2022.

PROGRAMA MULHERES. Apresentado por Kátia Fonseca. Quebrando a Louça com Jair Bolsonaro. São Paulo: TV Gazeta, 25 de maio de 2013. Programa de Televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DtfGuuWGUdc&t=1291s> Último acesso em 18 de jul de 2022.

PROGRAMA DO RATINHO. Apresentado por Carlos Massa (Ratinho). Dois dedos de prosa com Jair Bolsonaro. São Paulo: SBT, 03 de junho de 2014. Programa de TV. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T6_0JX19m-k

PROGRAMA RAUL GIL. Apresentado por Raul Gil. Elas querem saber com Jair Bolsonaro. São Paulo: SBT, 25 de abril de 2015. Programa de TV. Disponível em:

SUPERPOP. Apresentado por Luciana Gimenez. Entrevista com Jair Bolsonaro Osasco: RedeTV!, 03 de fevereiro de 2014. Programa de TV. Disponível em:

SUPERPOP. Apresentado por Luciana Gimenez. Entrevista com Jair Bolsonaro Osasco: RedeTV!, 13 de abril de 2015. Programa de TV. Disponível em:

SUPERPOP. Apresentado por Luciana Gimenez. Osasco: RedeTV!, 15 de fevereiro de 2016. Programa de TV. Disponível em:

SUPERPOP. Apresentado por Luciana Gimenez. Osasco: RedeTV!, 31 de outubro de 2016. Programa de TV. Disponível em:

SUPERPOP. Apresentado por Luciana Gimenez. Osasco: RedeTV!, 29 de outubro de 2018. Programa de TV. Disponível em:

THE NOITE. Apresentado por Danilo Gentili. Entrevista com Jair Bolsonaro. São Paulo: SBT, 20 de março de 2017. Programa de TV. Disponível em:

VOCÊ NA TV. Apresentado por João Kleber. Bolsonaro de Frente com a Verdade. Osasco: RedeTV!, 02 de março de 2014. Programa de TV. Disponível em: